

DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO

O AMOR NO FEMININO:  
ocultamento e/ou revelação?

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de São Paulo, como parte  
dos requisitos para obtenção do grau de  
Doutor em Psicologia.

São Paulo - SP  
2000

Errata				
página	parágrafo	linha	onde se lê	leia-se
99	(cont. p. anterior)	16	Márcia	Ana Lúcia
99	(cont. p. anterior)	17	Ana Lúcia	Márcia

DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO

O AMOR NO FEMININO:  
ocultamento e/ou revelação?

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia  
da Universidade de São Paulo, como parte  
dos requisitos para obtenção do grau de  
Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra

São Paulo - SP  
2000

Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca  
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP

Dantas de Araújo, D. R.

O amor feminino: ocultamento e/ou revelação? / Denise Ramalho  
Dantas de Araújo. – São Paulo, s.n., 2000. - 176p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de  
São Paulo. Departamento de Psicologia Clínica.

Orientador: Gilberto Safra

1. Amor 2. Relações homem-mulher 3. Criatividade 4.  
Winnicott,  
Donald Woods, 1896-1971 5. Identidade social 6. Fenomenologia I.  
Título.

O AMOR NO FEMININO:  
ocultamento e/ou revelação?

DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO

BANCA EXAMINADORA

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

---

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

À minha mãe,  
pelo despertar inicial do amor.

## Agradecendo

Mais do que agradecer, desejo celebrar com muitos.

Desejo compartilhar com todos vocês, atores coadjuvantes em seus mais diferentes papéis, presenças ocultas e/ou reveladas nesta minha fala, a etapa final dos atos desta pesquisa, em que encenamos juntos o viver e o conviver que compõem as entranhas de todo fazer humano.

Desejo, com vocês, ser mais uma a celebrar a vida.

Desejo, com vocês, ser mais uma a celebrar o amor em todas as suas expressões.

Mas, também quero agradecer. E quero agradecer a todas as presenças que estarão ocultas – amores, amigos e colaboradores - dizendo que, para mim, o valor existencial de cada momento os faz imensuráveis e não me permite dispensar nenhum ato nesta grande peça que é o viver humano, na qual frutificam nossas produções.

Mais particularmente, desejo revelar algumas presenças no meu agradecimento:

Prof. Gilberto Safra,

Meu anjo-guardião foi zelado por você de forma o mais winnicottianamente possível, você que permite, ao outro, o ser no fazer. O reino das descobertas foi muito enriquecido com sua presença.

Professores da USP,

Vocês cruzaram os céus e estiveram conosco em variadas formas, todas importantes e concorrentes desta chegada. O crédito merecido pelos professores Gilberto Safra e Léia Prizskulnik, como marco inicial, gerou as etapas que se seguiram: escrevi minha imprescindível 'abordagem fenomênica' das questões da pesquisa sob inspiração do professor Luís Cláudio Figueiredo; apreendi um pouco das visões de mundo, estimulantes em sua pluralidade, dos professores Ceme Jordy, Luís Cláudio Figueiredo - há pouco citado, José Tolentino Rosa, Jussara Falek Brauer e Luís Carlos Nogueira; tive as marcantes presenças e contribuições das professoras Sylvia Leser de Mello e Tânia Vaisberg no meu exame de qualificação; e, além das idéias, contei com momentos amigos que muito me valeram.

Colegas do Departamento de Psicologia da UFRN,

Em especial, agradeço a Lívia Borges, Martha Traverso e Oswaldo Yamamoto aquele momento tão valioso de dedicação a um olhar crítico quando ainda era uma idéia em projeto. Aos meus colegas 'conveniados', meu Obrigada pelo espaço da solidariedade muitas vezes criado, especialmente a Elzinha, membro da amiga e extra-acadêmica Confraria Companheiros.



Pe. Sabino Gentili,

Do decisivo apaziguamento em questões filosóficas de fundo ao encontro com o sagrado, no recorte do grande vão da porta da igreja que se abre para o mar, você se integrou a este percurso.

Minha família,

A presença forte do meu pai não requer que ainda viva entre nós e se junta aos que me envolvem no espaço da confiança, lugar em que sempre me abasteço de amor para seguir nas minhas andanças.

Entrevistadas,

Vocês foram o sangue vivo que agora pulsa no meu trabalho. Vocês que amaram e amam e que celebram a vida com o amor. Vocês que se doaram nos relatos, expressando a força e a fragilidade, a perfeição e a imperfeição do ser humano, numa contribuição corajosa, imprimem dignidade à vida que vale a pena ser vivida: a vida com sentimentos.

There are only four questions of value in life, Don Octavio:

What is sacred?

Of what is the spirit made?

What is worth living for?

What is worth dying for?

The answer to each is the same: only love.

Don Juan DeMarco  
(personagem de filme)

## SUMÁRIO

Resumo.....	x
Abstract.....	xi
Résumé.....	xii
CONVITE .....	xiii
I - A VIDA É ARTE NO GERÚNDIO	
Emergindo uma pesquisa .....	01
1.1. Amor: construção singular e plural.....	22
1.2. A cada instante uma nova pessoa, um novo amor, um novo par amoroso: o self-verdadeiro em ação.....	43
1.3. Particípio passado: sob a égide do falso-self .....	63
II - AMANDO E/OU SENDO AMADA: NÓS QUE SE (DES)ATAM	
Ajustando a lente .....	73
2.1. Andanças e sentimentos .....	97
2.1.1. Cristina, Márcia e Ana Lúcia.....	98
2.1.2. Cristina & Márcia & Ana Lúcia.....	112
A força da revelação no processo de amadurecimento pessoal ....	114
O amor no casamento: uma etapa do desenvolvimento do self ...	122
Dividindo os espaços da vida: o amor fora do casamento.....	131
Os espaços da vida sendo divididos: amando homens casados....	149
Veredas .....	162

III – NOS ESPAÇOS DA VIDA.....	166
IV - ANEXO.....	169
Perfil das colaboradoras - solicitação e instruções .....	170
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	172

## RESUMO

DANTAS DE ARAÚJO, Denise Ramalho. O Amor no Feminino: ocultamento e/ou revelação? São Paulo, 2000, 176 p. Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

“Como o reflexo da não-integração dos espaços de vida, pública e privada, no seu sentimento de identidade enquanto parceira amorosa, atinge o relacionamento amoroso para a mulher” é a pergunta de partida que orienta a pesquisa sobre o tema do amor heterossexual, tendo por objeto de estudo a experiência de relacionamento amoroso não integrado à vida social como um todo, por algum tipo qualquer de constrangimento ou pressão. As histórias de vida amorosa de três mulheres paulistanas, coletadas em entrevistas, constituem o corpus da pesquisa. O trabalho segue uma abordagem qualitativa e enquadra-se no enfoque compreensivo. Estudos de caso 'entrelaçados' são o modo de investigação que serve de base para a abordagem efetuada. Sob a lente fenomenológica de apreensão dos significados e da relevância que os fenômenos têm para as entrevistadas, as suas experiências concretas, as vivências em suas formas únicas de expressão são interpretadas e explicadas, tendo como conclusão principal que a revelação da existência do relacionamento amoroso – a sua publicização – angaria ganhos psicológicos para a parceira amorosa que vão além dos efeitos de liberação da tensão do ocultamento; seus resultados são parte integrante do seu processo de amadurecimento pessoal e, por isso, há um refluxo sobre o próprio relacionamento amoroso. Além disso, pode-se assimilar que: a) O que é mais significativamente apreendido como Amor agrega, fundamentalmente, Eros e Philia; b) Amor é comunicação; sentir-se verdadeira no relacionamento amoroso é estar em comunicação intermediária e pessoal e silenciosa no sentido winnicottiano; c) O humor e a brincadeira são essenciais no relacionamento amoroso significativo e isto requer uma atuação segundo o verdadeiro-self.

Palavras-chave: Amor; Relações Homem-Mulher; Criatividade; Winnicott, Donald Woods 1896-1971; Identidade Social; Fenomenologia.

## ABSTRACT

DANTAS DE ARAÚJO, Denise Ramalho, *The Feminine Love: secret and/or revealed?* São Paulo, 2000, 176 p. Doctoral Thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo.

“How does the reflection of non-integration between private and public life affect a woman’s love and sexual relationship considering her identity as a lover” is the starting point, which guides the present research on heterosexual love. The object of study is the experience of loving and sexual relationships not integrated to the social life as a whole, as a result of some kind of embarrassment or pressure. Data on stories of the love life of three women from the city of São Paulo, Brazil, were collected during the interviews carried out and used as the corpus of this research work, which is based on the qualitative approach and fits into the comprehensive focus. Mixed case studies were used as the mode of investigation, which represents the basis for the developed approach. Under the phenomenological point of view of understanding the meaning of the interviews and the relevance of the phenomena for the women interviewed, their life experiences in their unique form of expression are interpreted and explained. It was concluded that the revelation of the loving relationship – when it is made public – produces psychological benefits for the women, which go beyond the effects of releasing the tension of a secret relationship. The results obtained from this revelation became part of the process involved in attaining emotional and personal maturity, thus reflecting in the loving relationship. Besides, it could be said that: (a) what is more significantly understood as love involves, fundamentally Eros and Philia; (b) love is communication; to feel integrated in a loving relationship is to be in an intermediate, personal and silent communication in the winnicottian sense; (c) the sense of humor and play are essential to a significant loving relationship and this requires to live according to the true self.

Key words: Love; Male-Female Relations; Creativity; Winnicott, Donald Woods, 1896-1971; Social Identity; Phenomenology.

## RÉSUMÉ

DANTAS DE ARAÚJO, Denise Ramalho. L'Amour au Féminin: effacement et/ou révélation? São Paulo, 176 p. Thèse (Doctorat), Institut de Psychologie, Université de São Paulo.

“Comment le réflexe de la non-intégration des espaces de vie, publique et privée, dans son sentiment d'identité comme partenaire amoureuse atteint le rapport amoureux pour la femme?” Telle est la question de départ qui oriente la recherche sur le thème de l'amour hétérosexuel, ayant comme objectif d'étude l'expérience de rapport amoureux non intégré à la vie sociale comme un tout, par n'importe quel type de contrainte ou pression. Les histoires de vie amoureuse de trois femmes paulistanas, obtenues à travers entretiens, constituent le corpus de la recherche. Le travail suit une démarche qualitative et se place dans l'approche compréhensive. Des études de cas 'entrelacés' sont le mode d'investigation qui sert de base à l'approche effectuée. Sous le regard phénoménologique de l'appréhension des significations et de l'importance même des phénomènes pour les interviewées, ses expériences concrètes, les expériences sous ses formes uniques d'expression sont interprétées et expliquées, tout en ayant comme conclusion principale que la révélation de l'existence du rapport amoureux - sa publicisation - obtient des gains psychologiques pour la partenaire amoureuse qui vont au-delà des effets de libération de la tension de l'effacement; ses résultats appartiennent à son processus d'approfondissement personnel et pour cela, il y a un reflux sur le rapport amoureux lui-même. En plus, on peut assimiler que: a) Ce qui est le plus significativement appris comme Amour englobe, fondamentalement, Eros et Philia; b) Amour est communication; se sentir véritablement dans le rapport amoureux est être en communication intermédiaire et personnelle et silencieuse dans le sens winnicottien; c) L'humour et la plaisanterie sont essentiels dans le rapport amoureux significatif et cela requiert une façon d'agir selon son véritable self.

Mots clés: Amour; Rapports Homme-Femme; Créativité; Winnicott, Donald Woods, 1896-1971; Identité Sociale; Phénoménologie.

## CONVITE

Tenho o prazer de convidá-lo a seguir os registros dos meus passos, durante os subjetivamente infindáveis anos de um doutoramento, após os caminhos e descaminhos que encerraram prazer, desespero, brincadeira, desânimo, excitação, sentimentos diversos que se configuraram, ao final, como uma grande satisfação, por sentir nascer uma produção filha do exercício do pensar, aquilo que torna apreensível a singularidade imersa na pluralidade de pensadores que guiam e nutrem intelectualmente o pesquisador. Espero que valha a pena para você participar do encerramento e que, se faltar gelo para os refrigerantes, aquecidos ao sabor de emoções pouco acadêmicas, ou se o som estiver com muito ruído, gerando uma comunicação sem clareza, não sofra demasiadamente com as falhas do serviço, pois é a primeira vez que comemoro o final de uma tese.

O estudo versa sobre as exigências e os percalços do relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher, pesquisados em um universo feminino de colaboradoras. O amor é abordado em um prisma não patológico, o amor na esfera da vida cotidiana, o amor como



parte da saúde psíquica que leva os indivíduos a conseguirem se safar espontânea e criativamente das situações conflituosas por eles vividas. Dentro do grande tema do relacionamento amoroso heterossexual, o objeto de estudo é a experiência de relacionamento amoroso não integrado à vida social como um todo. Isto significa toda e qualquer situação de vida em que a mulher não transite livremente com seu parceiro amoroso entre todos os espaços de vida, pública e privada, ou seja, em que haja algum tipo de constrangimento ou pressão no tocante ao relacionamento amoroso vivido.

No capítulo "I - A VIDA É ARTE NO GERÚNDIO", você encontrará o continente teórico – que, evidentemente, esteve sujeito às alterações geofísicas no acontecer da pesquisa - onde se abriga o objeto de estudo, sem que seja esta uma roupagem com a pervertida mania do "modelo único" dos fabricantes de confecções. É primordial para mim a consideração de que uma pesquisa científica requer um lastro teórico de partida que, no entanto, não deverá servir para impedir o estudioso da abertura para o novo que o possibilita descobrir na realidade concreta os elementos para novas teorizações. Nesta parte, o amor é trabalhado como uma grande temática que exige a conjugação da perspectiva histórica à psicológica. E isto é desenvolvido nos elementos a seguir comentados:

Em "Emergindo uma Pesquisa", você será introduzido ao trabalho e conhecerá mais a fundo as razões da minha escolha temática,

os antecedentes da pesquisa, seus objetivos, ou seja, tudo aquilo que concorreu para a construção do objeto de estudo eleito.

Em "1.1. Amor: construção singular e plural", você percorrerá o tema pelo seu ângulo mais amplo, em que o sentido histórico, revisado a partir de estudiosos como André Lázaro, Denis de Rougemont e Jurandir Freire Costa, impõe a dimensão social daquilo que é vivido psicologicamente no âmbito do relacionamento amoroso, sendo, gradualmente, levado a uma aproximação do pólo individual da temática, o que será melhor explorado no subtema a seguir.

Em "1.2. A cada instante uma nova pessoa, um novo amor, um novo par amoroso: o self-verdadeiro em ação", você tomará contato com a apresentação do suporte teórico oriundo da psicologia e da psicanálise que encaminha a argumentação para o mundo psíquico do indivíduo envolvido criativamente num relacionamento amoroso. Ainda que levando em consideração que a História requer o sujeito coletivo em ação, estou a considerar o indivíduo que, mesmo submetido a determinações, goza de um espaço de autonomia relativa capaz de fazê-lo núcleo geracional de mudança. Com o apoio dos teóricos Antonio C. Ciampa, Fábio Herrmann e David D. Winnicott, faço a opção, sem desconhecer o alto grau de risco da empreitada, por um deslizamento teórico entre conceitos que isoladamente seriam insuficientes, cada um deles, para a leitura, na forma pretendida, do objeto de estudo aportado

simultaneamente nas dimensões micro e macro das vivências humanas, e visitado nessa dança interpolar.

Em "1.3. Participio passado: sob a égide do falso-self", você terá a contrapartida do que foi apresentado logo atrás, na medida em que, contando com o background da coercitividade das instituições sociais para a reprodução, será apresentado o conceito de falso-self em Winnicott para uma compreensão da ausência de desenvolvimento do relacionamento amoroso, estando presente um comprometimento pela ausência de criatividade. Além disso, será enfocada também a função defensiva do falso-self que sustenta o indivíduo, muitas vezes oportunamente, até que o verdadeiro-self possa emergir, salvaguardando-o de um soçobro total.

No capítulo "II - AMANDO E/OU SENDO AMADA: NÓS QUE SE (DES)ATAM", você encontrará os personagens principais desta história: as mulheres que discursaram sobre suas histórias de vida amorosa, numa apreensão fenomenológica. O conteúdo das entrevistas constitui o corpus da pesquisa e fornece os elementos para reflexão, interpretação e explicação da questão de partida e, muito importante frisar, para além dela. Isto se distribui nos seguintes momentos:

Em "Ajustando a lente", você estará se situando na questão metodológica que, numa pesquisa científica, é sucedânea da escolha do objeto de estudo. Após a definição do "o quê", adotar um "como" na correspondência necessária e adequada, muitas vezes, leva-nos a trilhas

não tão visíveis, principalmente quando a abordagem é qualitativa e o pesquisador pode ser tomado pela sensação de estar "abrindo picada em mata fechada". Mas, você verá que o apoio de teóricos como Laurence Bardin, Maria Cecília de Souza Minayo, Antonio Chizzotti, Joel Martins e Maria Aparecida V. Bicudo, Augusto N. S. Triviños, Paul De Bruyne, Gilberto Safra, Antonio Muniz de Rezende, Suely F. Deslandes e outros permitiram que criasse substância a proposição de estudos de caso entrelaçados como opção de modo de investigação para um objeto que não se pretende delimitado pelas fronteiras tradicionais da atividade profissional em psicologia.

Em "2.1. Andanças e sentimentos", você deparar-se-á com os estudos de caso entrelaçados. A questão focal neste trabalho, "a revelação da existência do relacionamento amoroso – a sua publicização – angaria ganhos psicológicos para a parceira amorosa que vão além dos efeitos de liberação da tensão do ocultamento, pura e simplesmente; seus resultados são parte integrante do seu processo de amadurecimento pessoal e, por isso, há um refluxo sobre o próprio relacionamento amoroso", será discutida vinculadamente aos dados do campo epistêmico, extraídos da realidade concreta contatada.

Em "2.1.1. Cristina, Márcia e Ana Lúcia", você terá uma visão das singularidades em forma abreviada de "fotos 3x4". Sua apresentação irá permitir a inteligibilidade da análise entrelaçada feita no item seguinte. Por outro lado, não se faz necessária uma profundidade

maior nesta mostra, na medida em que os fragmentos dos seus discursos integrarão a análise que se segue.

Em "2.1.2. Cristina & Márcia & Ana Lúcia", você terá a análise construída sobre um script que brotou dos Retratos Narrados I, II e III – momento do procedimento em que eu narro as histórias que ouvi, não incluído no texto - em movimento entrelaçado. O que irei apresentar como interpretação e explicação é meu diálogo com esse filme, que se entrelaça também com uma anterior participação na produção fotográfica, a lembrar nisso a questão primeira observada neste trabalho, qual seja, a de que um pesquisador está sempre implicado em sua pesquisa.

Em "Veredas", você estará tomando contato com elementos dos discursos das entrevistadas que mereceram um registro, ainda que não ficassem integrados à análise realizada.

Em "III – NOS ESPAÇOS DA VIDA", encerrando sua andança - se não cansou no meio do caminho - você encontrará as conclusões finais sobre as questões levantadas acerca da fragmentação dos espaços sociais de vida de uma mulher e os reflexos no relacionamento amoroso. Além disso, outras conclusões são construídas a partir da realidade desvelada.

Resta-me agradecer a visita, na forma como lhe aprouver fazê-la.

Nome do arquivo: A1 capa-xviii - pre-texto  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 17/9/2001 09:46  
Número de alterações: 3  
Última gravação: 29/1/2001 08:15  
Gravado por: CCE - USP  
Tempo total de edição: 3 Minutos  
Última impressão: 29/1/2001 08:15  
Como a última impressão  
Número de páginas: 21  
Número de palavras: 3.006 (aprox.)  
Número de caracteres: 17.135 (aprox.)

## I - A VIDA É ARTE NO GERÚNDIO

Emergindo uma pesquisa

...vocês sabem o que é uma vírgula?! É um ponto final que escorregou,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,,

Brincando com as palavras, um dia escrevi isto aí. A frase dizia respeito a decisões não mantidas por força dos sentimentos contraditórios que nos invadem na esfera de vida amorosa. Mas, evidentemente, eu não tenho por objetivo trazer a minha história de vida pessoal, ainda que reconheça ser uma impossibilidade a separação absoluta dos fios do tecido da vida, a eliminação de pontos de tangenciamento entre nossas escolhas acadêmicas e nossa vida lá fora. Esta questão, analisada a fundo por estudiosos dos fundamentos epistemológicos da produção científica, nas diversas áreas do conhecimento humano, não implica que a afinidade existente entre quem pesquisa e o que é pesquisado, tendo por base uma concepção de homem que subjaz às nossas ações no dia-a-dia e nossas adesões temáticas e teóricas, incorra num "falar de si" factual.

Além do que é tratado em inúmeras obras de metodologia científica, fica claramente afirmada desde Kuhn (1994) a especial dificuldade do fazer ciência na área das ciências humanas e sociais. E, falando da Psicologia, lutaríamos com o que ele situa como uma ciência pré-paradigmática, o que somente aumenta o grau do problema.

Por ora, o importante é destacar que considero o pesquisador implicado em sua pesquisa, ainda que esteja a tratar com fenômenos que têm também um plano de exterioridade em relação a ele. Desta forma, vou apresentar um pouco o percurso da escolha da temática a fim de esclarecer do que se trata, o porquê da sua realização, assim como os propósitos que estão sendo perseguidos.

Em termos gerais, o estudo versa sobre as exigências e os percalços do relacionamento amoroso – criativo<sup>1</sup> – entre um homem e uma mulher, pesquisados em um universo feminino de colaboradoras - em forma de estudos de caso entrelaçados<sup>2</sup> - com o apoio das vivências cotidianas de mulheres cujas histórias de vida amorosa foram coletadas em entrevistas focalizadas e semi-estruturadas. O aspecto central da análise efetuada recai na questão “Como o reflexo da não-integração dos espaços de vida pública e privada nos sentimentos de identidade dos parceiros amorosos atinge o relacionamento amoroso para eles?”

---

<sup>1</sup> No capítulo I, ao longo dos itens 1.2 e 1.3, será defendido que o relacionamento amoroso criativo não se dá entre quaisquer pessoas, mas entre pessoas psicologicamente amadurecidas e atuantes segundo seus Selves Verdadeiros.

<sup>2</sup> O termo pretende apontar para a não pureza da metodologia de estudo de caso utilizada, o que será melhor esclarecido no Capítulo II, sob o título Ajustando a lente.

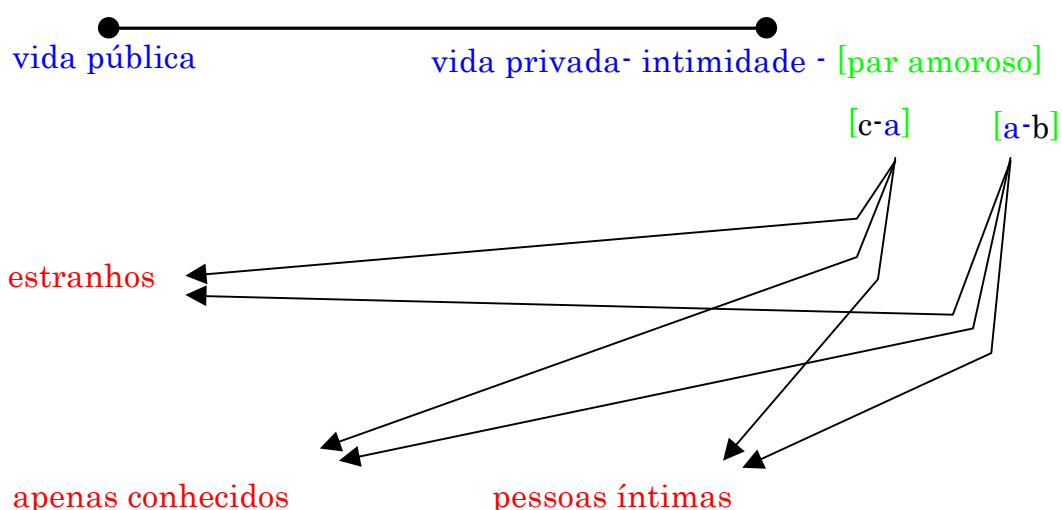


'Vida pública' e 'vida privada' estarão correspondendo aos pólos extremos do continuum vida pública/intimidade identificado por Goffmann (1988), ao discorrer sobre a área de manipulação do estigma<sup>3</sup>: "... algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato com estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um continuum cujo pólo oposto é a intimidade." (p. 62). Os sentidos que público e privado têm de manifesto e secreto, respectivamente, trabalhados na dissertação de mestrado "Os Significados de Público e Privado entre Alunos, Professores e Funcionários da UFRN" (Dantas de Araújo, 1993), são trazidos para uso articulado à formulação do continuum feita por Goffmann e enquadrados na perspectiva peculiar que é gerada pela existência de um coletivo de apenas dois, como é tratado o par amoroso por Alberoni (1986). Enquanto totalidade, os que se amam situam-se no âmbito da intimidade, espaço social em que se vive o secreto e, ao mesmo tempo, ao circularem no âmbito da vida pública como definida acima, vêem-se na instância da visibilidade do vínculo amoroso – o manifesto - sob pena de criarem fragmentações dissociadas nos seus espaços sociais totais se isto for contrariado. Se não houver visibilidade com relação à existência do par amoroso, o livre trânsito entre os mundos sociais a que pertence um parceiro amoroso se verá comprometido, gerando a necessidade de variar do secreto para o manifesto, com relação à parceria amorosa, apenas em função do fragmento de vida social que está em composição.

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que, nesse contexto, ele sugere o abandono da referência a um continuum.

Dessa forma, a não-integração citada na questão-problema pode ocorrer não apenas entre a vida pública e a vida privada, mas, ainda, entre fragmentos da vida pública e fragmentos da vida privada. No desenho abaixo, que retrata uma das condições de vida em que tal dissociação acontece - a de relacionamentos amorosos duplos<sup>4</sup> - as linhas com setas, representativas das relações estabelecidas pelo par amoroso com outras pessoas, podem ser duplas para o(a) parceiro(a) a, na medida em que ele(a) constitui simultaneamente dois pares amorosos, [a-b] e [a-c].



Tendo uma formação profissional plurifacetada<sup>5</sup>, costumo dizer que tenho atração pelas áreas limítrofes, aquelas onde deságuam as variadas vertentes, que ali se aproximam e se diferenciam. Considero estar a pisar um solo em que Psicologia não pode se dizer nem 'Clínica'

<sup>4</sup> Embora não tenha incluído no universo de pesquisa outras situações, admito como possibilidade teórica do objeto de estudo toda e qualquer situação em que os parceiros amorosos vivam tal dissociação entre os seus espaços sociais, como seria o caso hipotético de uma diferença étnica ou de um grande desnível nas suas escolarizações.

<sup>5</sup> Graduação: Arquitetura e Psicologia; Mestrado em Ciências Sociais

nem 'Social', mas que, ao mesmo tempo, se situa no encontro dos seus tradicionais objetos de estudo. E faço-o, a partir de momentos distintos que se inter cruzaram ao me decidir por um doutorado em Psicologia Clínica, em que tenho a orientação do Prof. Dr. Gilberto Safra, psicanalista de orientação fundamentalmente winnicottiana:

Momento 01: trabalhando nos últimos anos voltada para o ensino da Psicologia Social, no curso de graduação na universidade em que leciono (UFRN), deparei-me, em muitos momentos, com as questões teóricas da noção da identidade. Se as leituras sobre as faces sócio-cultural, antropológica e histórica iam contemplando a contento a minha curiosidade intelectual sobre a questão, ficava evidenciado, na minha caminhada, que eu carregava um incômodo vazio teórico sobre as questões da subjetividade que entravam em jogo sob uma dimensão mais intrapsíquica, mesmo quando consideramos ser esta, inevitavelmente, 'impregnada dos outros'.

Momento 02: defendendo, como dissertação do Mestrado em Ciências Sociais, o trabalho "Os Significados de Público e Privado entre Alunos, Professores e Funcionários da UFRN" (Dantas de Araújo, 1993), adentrei-me num campo do saber que destaca a articulação entre pluralidade e singularidade como concorrente necessária para a dimensão de humanidade, somente possível de ser atingida no ativo deslizamento entre estes dois pólos da constituição da vida humana. A confluência de elementos que dinamicamente se aproximam por identificações e se

afastam por diferenças, mais uma vez, é exemplar do que foi dito sobre a atração pelas áreas limítrofes.

Momento 03: havendo cursado Arquitetura, ainda que não mais exerça tal profissão, mantive-me impregnada do valor do processo criativo e criador ali cultivado, agora direcionado por mim a todas as esferas das nossas vidas. Provavelmente, 'eu tinha Artur da Távola em mim' ao criar a frase que intitula este capítulo, pois anteriormente o havia citado no programa para a disciplina Psicologia da Criatividade: "Arte não é um terreno encantado, marginal ou mágico. Arte é uma forma de vida e uma concepção de mundo." (Távola, 1984, p.161). Neste programa, eu afirmava que inquestionavelmente se reconhece a produção artística como dotada de criatividade. Seja uma melodia, um poema, uma obra arquitetônica ou qualquer de suas formas de expressão, a arte vincula-se, necessariamente, ao sentimento de que aconteceu um processo criador e criativo. A inquietação surge quando se acentuam a tendência a conceber a criatividade como tão natural nessa área de atividade humana e o esquecimento de sua valorização no contexto do desenvolvimento pessoal em geral. Este momento evidencia a consideração do movimento, da relação de continuidade/descontinuidade existente na vida humana, que também aparece nos dois momentos anteriormente citados, como uma questão fundamental entre minhas inquietações intelectuais.

Momento 04: a vida cotidiana com seu arsenal de experiências comuns gerou uma intrigante questão através do contraste

encontrado entre a leitura de textos literários - um romance e um ensaio sociológico: por que a 'inversão' entre o que foi atribuído por Milan Kundera (1985) ao personagem feminino e que Alberoni (1987) retoma quando está a falar da identidade masculina, como pode se apreender da leitura dos dois, a seguir transcrita<sup>6</sup>?

a. Em *A Insustentável Leveza do Ser*, Kundera (op. cit.):

Pequeno léxico de palavras incompreendidas (final) (p. 114).

(...)

#### VIVER DENTRO DA VERDADE

É uma fórmula que Kafka usou num diário ou numa carta. Franz não se lembrava bem. Estava seduzido por essa fórmula. O que era viver dentro da verdade? Uma definição negativa era fácil: era não mentir, não se esconder, não dissimular nada. Depois que conhecera Sabina vivia na mentira. Conversava com sua mulher sobre congressos em Amsterdã, conferências em Madrid que jamais haviam acontecido, tinha medo de passear com Sabina nas ruas de Genebra. Acha divertido mentir e esconder-se, já que nunca o fizera antes. Sente o prazer de um primeiro aluno da turma que decide um dia, finalmente, fazer gazeta.

Para Sabina, viver dentro da verdade, não mentir nem para si nem para os outros, só seria possível se vivêssemos sem público. Havendo uma única testemunha de nossos atos, adaptamo-nos de um jeito ou de outro aos olhos que nos observam, e nada mais do que fazemos é verdadeiro. Ter um público, pensar no público, é viver na mentira. Sabina despreza a literatura em que o autor revela toda a sua intimidade, e também a de seus amigos. Quem perde sua própria intimidade perde tudo, pensa Sabina. E quem a ela renuncia conscientemente é um monstro. Por isso Sabina não sofre por ter de esconder seu

---

<sup>6</sup> Ao ler Kundera (1985), eu tive uma curiosa sensação de que 'algo estava fora do lugar', sem chegar a descobrir o porquê disso e, ao ler Alberoni (1987), tive a sensação de que algo tinha sido recolocado no seu devido lugar.

amor. Ao contrário, para ela esta é a única forma de viver 'dentro de verdade'.

Quanto a Franz, está convencido de que na separação entre sua vida privada e sua vida pública está a fonte da mentira. Para Franz, viver 'dentro da verdade' é abolir a barreira entre o privado e o público [grifo meu]. Mencionava, com prazer, a frase de André Breton em que ele dizia que gostaria de viver 'numa casa de vidro' onde nada é secreto e que está aberta a todos os olhares. (p. 118).

b. Em *O Erotismo*, Francesco Alberoni (1987):

4. Outra manifestação do erotismo descontínuo (masculino)... [grifo meu] (p. 63).

(...)

Não existe amante sem que haja limite. Limite de tempo, na oficialidade, na apresentação. Não existe amante sem que haja segredo. Quando uma ligação é manifesta, pública, muda de natureza, torna-se casamento, mesmo que ainda não tenha esse nome. (p. 65).

(...)

Kundera exprime muito bem este sentimento atribuindo-o a um personagem feminino, Sabina, no livro *A insustentável leveza do ser* [grifo meu]. Seu amante Franz é obcecado pela necessidade de viver na verdade. Por esse motivo, certo dia, confessa à mulher Marie-Claude a sua relação com Sabina. 'Para Sabina foi como se Franz tivesse forçado a porta da sua intimidade. Era como ver no vão da porta a cabeça de Marie-Claude, a cabeça de Marie-Anne, a cabeça de Alan, o pintor, a cabeça de todas as pessoas que ela conhecia em Genebra. Ela ia tornar-se, sem querer, a rival de uma mulher que lhe era totalmente indiferente. Franz ia se divorciar e ela tomaria lugar a seu lado, num grande leito conjugal. De perto ou de longe todo mundo estaria olhando; era preciso, de uma maneira ou de outra, representar uma comédia diante de todo mundo... O amor tornado público ganhava peso e tornava-se um fardo [grifo meu].

Só de pensar nisso, curvava-se, por antecipação, sob o seu peso.' (p. 66).

Momento 05: nos anos de 1996 e 1997, foram realizadas entrevistas com mulheres natalenses (RN), em duas etapas: a. três mulheres entrevistadas entre fevereiro e março de 1996; b. onze mulheres entrevistadas entre setembro de 1996 e dezembro de 1997<sup>7</sup>. O Momento 05 diferencia-se dos momentos listados anteriormente, no sentido de que essas fases preliminares de entrevistas, embora tenham sido decisivas na construção do objeto de pesquisa, constituem já o seu estudo-piloto. Talvez a mais rica conquista destas preliminares se situe, exatamente, no que contribuíram como cinzel para uma visão mais clara do que está em investigação, tendo sido vitais na configuração mais precisa do problema. Daí resultou a definição da história de vida tópica como técnica de coleta de dados, além de terem propiciado maior limpidez às questões de interesse.

Ao repassar tais momentos, baseio-me em Roberto Menna Barreto (1982) quando se refere a dois sentidos para o processo de criação - problema-solução e solução-problema<sup>8</sup> - para, tendo em vista as expectativas e exigências de um doutoramento no tocante à elaboração pessoal da investigação, acreditar que me situo mais no sentido solução-

---

<sup>7</sup> A primeira entrevistada desta fase solicitou uma fita - antes de sua transcrição - para ouvir, não a devolvendo mais, o que invalida sua inclusão no universo pesquisado.

<sup>8</sup> "A criatividade parte de um problema, na maioria esmagadora dos casos. Ou então, vai ao problema em casos excepcionais. O problema, contudo, é sempre invariavelmente, componente ativo, verdadeira razão de ser de tudo o que se compreende sob o título 'criatividade'. Simplesmente não há criatividade sem problema referente.

Ela parte de um problema, em todos os casos clássicos, como aquele de congelar a água de um buraco para que a máquina possa descer até o fundo. Esse sentido, problema-solução, é o que se observa talvez em 99% dos casos, inclusive quando se apela à criatividade face aos problemas de comunicação surgidos na elaboração de peças de propaganda numa agência.

Por outro lado, pode suceder alguém ser alertado por especial conjunção de fatores, ou de funções, ou de idéias, e, por extensão, dar a tal problema uma aplicação prática. É o sentido

problema com relação à criatividade usada para a eleição de uma temática de pesquisa . O primeiro sentido abarca, segundo ele, 99% dos casos. Mas, "Por outro lado, pode suceder alguém ser alertado por especial conjunção de fatores, ou de funções, ou de idéias, e, por extensão, dar a tal descoberta uma aplicação prática." (p. 69). Esta é a apresentação do desembarque nas areias fascinantes do relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher. A partir daí, foi construído um objeto de pesquisa.

\*\*\*

Na ciência psicológica, lidar com a individualidade iça o necessário reconhecimento da solidão como condição humana. Se ela é base do sofrimento existencial, por outro lado, quando enfrentada, acarreta a possibilidade de afirmação da singularidade do indivíduo e de aprofundamento de sua humanidade. Assim, em absoluto ela deixa de existir pela ocorrência do amor<sup>9</sup>, ainda que neste caso seja levada ao máximo, acredito, a sua atenuação. E também, aí a singularidade se afirma na pluralidade<sup>10</sup>, muito embora esta seja, lembrando Alberoni (1986)<sup>11</sup>, um coletivo formado apenas por um par. Acredito que nos

---

solução-problema, que, embora muito mais raro, deve ser igualmente praticado e desenvolvido pelo homem criativo." (Barreto, 1982, p. 69).

<sup>9</sup> Como diz Comte-Sponville (1997): "É preciso ser dois para fazer amor (pelo menos dois!), e é por isso que o coito, longe de abolir a solidão, a confirma. Os amantes o sabem." (p.250).

<sup>10</sup> Winnicott (1958) desenvolveu teoricamente sobre a importância da "capacidade de estar só" no desenvolvimento pessoal do indivíduo, enquadrando-a no paradoxo do ser humano de só poder afirmar sua singularidade na pluralidade, no caso, a relação dual mãe-bebê: capacidade de estar só na presença do outro.

<sup>11</sup> Sociólogo, Francesco Alberoni (1986) defende a tese de que o enamoramento é um movimento coletivo que carrega a particularidade de ser constituído a dois, sem no entanto perder



restam dois caminhos, o amor<sup>12</sup> e a arte, como explorações existenciais de grande conforto. São temas e vivências universais e espalham-se no tempo e no espaço. Desde as primeiras civilizações, o amor é tema na filosofia, nas artes, na literatura e, da Idade Moderna para cá, também na ciência.

Sendo, às vezes, escanteado nos intramuros acadêmicos como um tema pouco científico<sup>13</sup>, o amor interessa a todo mundo e ele se constituiu no solo a abrigar as sementes geradas nos quatro primeiros dos momentos descritos anteriormente. Por ter uma abrangência ampla, pode frutificar num tema de pesquisa que carrega passos tão aparentemente independentes. E na luz que interessa apreciar tal conjugação, o amor é abordado em um prisma não patológico, o amor na esfera da vida cotidiana, o amor como parte da saúde psíquica que leva os indivíduos a conseguirem se safar espontânea e criativamente das situações conflituosas por eles vividas.

Está chegada a hora de definir melhor o objeto de estudo da pesquisa. Porque se o amor é tema tão vasto, ele não caberia em toda sua extensão em nenhuma expressão do seu reconhecimento e busca de sua

---

características que também são encontradas em movimentos revolucionários como a Revolução Francesa e outros.

<sup>12</sup> Helen Fischer (1995) fala que "Mesmo quando os homens e as mulheres vivem com diversos cônjuges ao mesmo tempo, os indivíduos em geral têm um parceiro que é seu preferido. Em comunidades onde o sexo é completamente liberado, a tendência do ser humano é formar casais. Mesmo quando os casamentos são estritamente arranjados e o amor romântico é proibido, o amor floresce..." (p. 80).

<sup>13</sup> Embora não possa deixar de reconhecer a existência de um vasto acervo de pesquisas sobre o amor, a maior parte dirigida para aspectos comportamentais e atitudinais, é verificada uma certa ausência do tema no mundo científico. Se é verdade, por exemplo, que foram obtidas 111 referências na PsycLIT (Love; Male/Female; Relations) para o período de 1/90-6/96, também o é que, em 13.09.98, uma busca através da internet com o serviço da BIREME, utilizando a LILACS,

compreensão. Quero trazer, inclusive, uma passagem que reafirma a importância do tema na vida das pessoas em geral e que serviu para precisar a necessidade de um balizamento da matéria.

Como já foi dito, considero estar com um apoio na psicologia clínica e outro na social, como práticas vigentes que têm permitido teorizações. Mas, seria talvez conveniente dizer que estas duas áreas - que apenas vêm contemplando de ângulos diferentes um mesmo fenômeno, o fenômeno psicológico - também não cobrem todas as necessidades quanto à investigação em curso, havendo ainda a concorrência da literatura, da filosofia e das ciências sociais como leituras que têm sido úteis dadas a peculiaridade da escolha temática e a perspectiva adotada, que pretendem agregar a consideração sócio-antropológica do psiquismo humano não apenas através do legado da psicologia e da psicanálise . E o interessante é que foram muitos os que, ao saber do trabalho, motivaram-se a me listarem suas próprias leituras como pertinentes ao estudo do amor: “Você já leu O Banquete, de Platão? Ele é fundamental!”, “Ah! Você não pode deixar de ler Fragmentos do Discurso Amoroso, de Barthes...”, “E Goethe – Werther -, você já leu?” De certa forma, percebi-me premiada a dimensionar com uma clareza, o mais cristalina possível, o escopo da análise dentro de limites viáveis, algo como fazer, também, uma definição negativa. E assim, tenho observações a fazer sobre ‘do que trata’ e ‘do que não trata’ a pesquisa.

A idéia de que um Ensaio também se constitui em produção válida nas ciências humanas permite que, sem esquecer as exigências próprias do tipo de trabalho aqui desenvolvido, algumas de suas características - o espírito crítico, o livre-exame, a liberdade pessoal que encerra experiências, e o esforço constante pelo pensar original, necessariamente crítico (Moisés, 1978), - sirvam de orientação ao presente estudo. Esta é a via escolhida para a exploração difícil, tendo em vista a área de confluência criada quanto aos apoios teóricos que estarão sendo utilizados, ao que se acrescenta o fato de, metodologicamente, surgirem problemas especiais a concorrerem para que seja este o caráter do trabalho desenvolvido. Como trabalhar uma questão da ordem da realidade cotidiana das pessoas que não constituem um universo da prática clínica e, ao mesmo tempo, articular questões teóricas que tiveram e têm aí a sua gênese? Ou seja, como refletir no âmbito de uma teorização oriunda também da psicologia clínica sem uma prática clínica? Este é o nosso maior desafio, pois, além do mais, há, para muitos, todo um divisor de águas entre a psicologia e a psicanálise<sup>14</sup>. Começemos pela análise do universo delimitado para estudo.

Primeiramente, cabe esclarecer que o problema como foi referido no início desta introdução - “Como o reflexo da não-integração dos espaços de vida pública e privada nos sentimentos de identidade dos parceiros amorosos atinge o relacionamento amoroso para eles?” - tendo-

---

<sup>14</sup> Considero importante ressaltar que, no meu entender, a psicologia não trata apenas do consciente, embora não incursione no inconsciente como o faz a psicanálise.

se em conta o relacionamento amoroso heterossexual, pode abarcar tanto mulheres quanto homens. No caso deste estudo, melhor seria uma formulação mais precisa: “Como o reflexo da não-integração dos espaços de vida pública e privada no seu sentimento de identidade enquanto parceira amorosa atinge o relacionamento amoroso para a mulher?”. Na medida em que houve, pragmaticamente, necessidade de uma delimitação menos abrangente para um doutoramento, a escolha recaiu no universo feminino e sobre ele foram levantadas as hipóteses de base que detonaram o desenvolvimento do trabalho. Neste, com o apoio do conteúdo das entrevistas realizadas, estarei desenvolvendo a tese de que a revelação da existência do relacionamento amoroso – a sua publicização – angaria ganhos psicológicos para a parceira amorosa que vão além dos efeitos de liberação da tensão do ocultamento, pura e simplesmente. Seus resultados são parte integrante do seu processo de amadurecimento pessoal e, por isso, há um refluxo sobre o próprio relacionamento amoroso.

A admissão de que a casuística do dia-a-dia é um campo de investigação precioso, a conter a perspectiva de vivência amorosa em foco, permite-me ir à busca de entrevistas com mulheres que tiveram ou têm experiência de relacionamento amoroso heterossexual, independente de uma demanda clínica por terapia<sup>15</sup>. Mas, em conseqüência desta opção, surgem algumas questões a serem levantadas, a partir do fato de que, ao me dirigir a pessoas que não estão em processo terapêutico (pelo

---

<sup>15</sup> O meu percurso profissional embasa tais observações e foi anteriormente comentado.

menos comigo na função de psicoterapeuta), nada sei sobre elas e sua participação na constituição do par amoroso.

Explicitar isto torna-se necessário porque, no campo do psicológico, desde Freud (1905) ficou clara a dificuldade de precisar os termos masculino e feminino<sup>16</sup>, sendo reconhecida a presença das dimensões feminina e masculina também nos relacionamentos homossexuais<sup>17</sup>. Nele encontramos ainda a afirmação "... a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade." (1976, p.144).

As dificuldades de definição teórica sobre o feminino e o masculino, de certa forma, reafirmam situações da prática social em que, apesar do entendimento possível ao nível de uma conversa espontânea<sup>18</sup>, as pessoas não têm clareza para expor seus pontos de vista a respeito do que significam tais termos. Assim, é provável que elas digam que há relacionamentos amorosos estabelecidos com

---

<sup>16</sup> Nos "Três Ensaio sobre a Sexualidade", Freud (1905) (comenta em nota de rodapé: "É indispensável deixar claro que os conceitos de 'masculino' e 'feminino', cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam 'masculino' e 'feminino' no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. (...) No que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico...") (1976, p. 207).

<sup>17</sup> Pois, de acordo com o que tinha sido postulado por Freud, nas palavras de Serge André (1987): "...uma diferença de sexos - esse termo designando aqui, para além da materialidade da carne, o órgão enquanto aprisionado na dialética do desejo, e dessa forma 'interpretado' pelo significante." (p.11).

<sup>18</sup> O nível pré-teórico da experiência cotidiana exige os seus participantes de serem rigorosamente precisos na conceituação dos termos utilizados na comunicação.

mulheres heterossexuais femininas, mulheres heterossexuais masculinas, homens heterossexuais femininos, homens heterossexuais masculinos, mulheres homossexuais femininas, mulheres homossexuais masculinas, homens homossexuais femininos, homens homossexuais masculinos, e não manifestem maior preocupação com a precisão no uso dos termos.

A conceituação de feminino e masculino na linguagem leiga não está tão implacavelmente atrelada às diferenças sexuais de ordem anatômica, apesar da tendência a uma vinculação imediata de feminino a mulher e masculino a homem. Também do ponto de vista teórico, este é um aspecto da maior importância para todo o desenvolvimento do trabalho, na medida em que a sexualidade vai ser abordada buscando-se apoio nas construções psicanalíticas. Nesse sentido, é tomada como premissa teórica a independência que a libido apresenta do sexo biológico. Na sua conferência denominada *Feminilidade*, Freud (1932) afirma:

Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante à convencional equação 'atividade e masculinidade', nos inclinarmos a qualificá-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva. (1976, p. 161).

As noções de bissexualidade e de libido como significantes-chave na obra de Freud são bem expostas por Serge André (1987) no seu livro "O que quer uma mulher?":

... a pulsão sexual no ser humano não é organizada sobre a base do casal macho-fêmea, mas sim em torno de polarizações fundamentalmente assexuadas, atividade-passividade e sujeito-objeto. (p.19).

e, ainda,

... a atribuição à libido única de dois objetivos, dois modos de satisfação diferentes, dos quais um corresponderia mais ao caráter masculino e o outro ao caráter feminino. Em suma, a libido é única, mas conhece dois modos de gozo: ativo e passivo. (p. 21).

Contudo, se estas são questões relevantes, segue-se aqui a visão adotada por Winnicott<sup>19</sup>, citado por Davis (1982), segundo a qual "... 'a maioria dos machos torna-se homens, e a maioria das fêmeas transforma-se em mulheres'...", já que "... em geral, a bissexualidade do indivíduo tende naturalmente para o lado da sua anatomia.", mesmo ele estando de acordo com Freud quanto a haver "... 'elementos masculinos e femininos' em cada indivíduo..." (p.103).

Com tal postura, corre-se o risco da entrevista ser levada a termo com uma mulher que não esteja ocupando o lugar do feminino no par amoroso, do ponto de vista dinâmico, como modalidade de ser, tendo

---

<sup>19</sup> Retirado de artigo não publicado: WINNICOTT, D. W. This Feminism. 1964.

em vista os aspectos do self. E não há condições metodológicas discerníveis para esmiuçar tal questão. O mesmo pode ser dito acerca do termo saudável<sup>20</sup>. Contudo, considero não estar em um trabalho forjado em questões de prova, e sim, de incursão numa realidade a ser desvendada parcialmente e passível de uma leitura à luz dos subsídios teóricos da clínica psicológica e psicanalítica. Pois, se para uma pesquisa mais específica da área Clínica, há a fragilidade de não ser possível saber, realmente, a posição da mulher entrevistada no relacionamento amoroso e para uma pesquisa nos moldes mais convencionalmente desenvolvidos na área Social não há um universo suficientemente grande para se trabalhar, é possível a saída de trabalhar-se com o tipo de discurso que permeia a construção da subjetividade dessas mulheres.

Um outro aspecto a merecer um esclarecimento em termos da consonância/dissonância entre objeto de pesquisa e metodologia - admitindo-se que a escolha desta é uma decorrência daquele - é a manutenção de uma definição do objeto que deveria levar o pesquisador ao par amoroso, fosse através de suas vivências atuais ou de registros documentais<sup>21</sup>. E, no entanto, o estudo versa sobre mulheres apenas, ainda que a falarem de si com seus parceiros amorosos em relacionamentos heterossexuais. Para argumentar a favor desta 'dissonância' parcial, recorro à questão da distinção entre psicologia

---

<sup>20</sup> Para Winnicott (1971a), sua teoria "... inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida". (1975, p. 95).

<sup>21</sup> Um livro muito interessante sobre duplas amorosas é "Amor & Arte: Duplas amorosas e criatividade artística" de Chadwick e Courtrivon (1995).



clínica e psicologia social que, se bem reconhecida como uma realidade do exercício profissional do psicólogo, não é levada em consideração nesta perspectiva adotada de iluminação da dinâmica psíquica do indivíduo sem a perda da sua inserção num mundo relacional e historicamente determinado. Afinal, é o coletivo do par amoroso que gera o amor entre os indivíduos. Além do mais, seria enganosa a tentativa de ir à situação de vida cotidiana, em princípio inexplorada, com alguma certeza de encontrar algo, a priori, determinado. A escolha do universo feminino liga-se à problematização no Momento 4 e a contrapartida do universo masculino fica como possibilidade de derivação posterior desta pesquisa. O termo “criativo” em conjunção à expressão “relacionamento amoroso” não significa que estejamos elegendo estudos de caso em que o relacionamento assim necessariamente se desenvolveu, mas, que este aspecto, quando presente, merecerá destaque na análise e, quando ausente, contribuirá como definição negativa para uma abordagem que visa a trabalhar o desenvolvimento pessoal do indivíduo na saúde.

A abordagem pode ser vista como próxima do que abaixo é definido por Deslandes, Cruz Neto, Gomes e Minayo (1994) como história de vida tópica:

Em relação à história de vida, como estratégia de compreensão da realidade, sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações. Ela pode ser escrita ou verbalizada e abrange na versão de Denzi, citado por Minayo (1992), os seguintes tipos: a história de vida completa, que retrata todo o conjunto da experiência

vivida; e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

Nesse procedimento metodológico, destacamos a noção de entrevista em profundidade que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Para muitas pesquisas, a história de vida tem tudo para ser um ponto inicial privilegiado porque permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva interpretação. Nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual [grifo meu]. (p. 58).

Os estudos de caso realizados referem-se a três mulheres entrevistadas na cidade de São Paulo. As colaboradoras foram indicadas por pessoas com quem travei conhecimento durante o semestre de 98.1, a partir de um perfil delineado com as informações seguintes<sup>22</sup>: mulheres de idade aproximadamente entre os 30 e os 50 anos, classe média, qualquer estado civil atual, devendo ter (ou ter tido) experiência de relacionamento amoroso não integrado à sua vida social como um todo. As entrevistas focalizadas e semi-estruturadas foram desenvolvidas em mais de uma sessão, sendo gravadas e transcritas, e tendo sido observadas todas as questões técnicas e éticas deste procedimento. A análise de discurso<sup>23</sup> será a forma de lidar com o material assim coletado.

---

<sup>22</sup> Em anexo, o modelo utilizado no contato com as pessoas que indicaram as colaboradoras.

<sup>23</sup> A expressão 'análise de discurso' pretende, neste momento, destacar sua diferença para o uso dominante de 'Análise do Discurso' pela chamada "escola francesa de análise do discurso". Mais adiante, será desenvolvido um posicionamento mais detalhado da questão metodológica.

Como uma investigação levada a termo em bases qualitativas, este trabalho não privilegia as possibilidades amplas de generalização dos resultados de uma pesquisa, embora não deixe de ser lembrado aqui o que o filme *A Lista de Schindler*, de Spielberg, de uma forma muito bela, traz do Torah: a reflexão sobre uma única vida conter toda a humanidade. Como bem afirma Minayo (1998):

... não existe nenhuma simplicidade nos microfenômenos, o fato aparentemente mais simples é um complexo de relações. Qualquer ser humano, qualquer grupo ou classe social é uma multiplicidade de relações e de relações entre relações. (p. 251).

Finalizando, nesta introdução, a apresentação da pesquisa como algo que emergiu de uma intrincada confluência de fatores, resta falar que tem por objetivo geral aprofundar o conhecimento sobre o relacionamento amoroso heterossexual do ponto de vista da mulher e contribuir para o estudo da articulação de conceitos teóricos em psicologia: identidade, self, e outros. Além disso, a abordagem do amor no enfoque não patológico do desenvolvimento visa também a abrir espaço para novas pesquisas em que a criatividade no desenvolvimento pessoal, no enquadre da vida cotidiana, com a força do suporte teórico da obra de Donald Woods Winnicott, seja um elemento-chave para novas buscas teórico-metodológicas no trabalho da psicologia, no campo da promoção da saúde.

Nome do arquivo: B 01-21 I - emergindo uma pesquisa  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 3/11/2000 17:02  
Número de alterações: 50  
Última gravação: 8/11/2000 20:50  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 57 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 12:57  
Como a última impressão  
Número de páginas: 21  
Número de palavras: 4.153 (aprox.)  
Número de caracteres: 23.674 (aprox.)

## 1.1. Amor: construção singular e plural

Desse modo, pois, é que se conserva tudo quanto é mortal. Não, como o que é divino, permanecendo sempre exatamente o mesmo, mas, ao contrário, substituindo continuamente o que desaparece e envelhece por outra coisa nova, possuidora das mesmas qualidades.

Platão, O Banquete

Leio Platão (19--) a falar através de Diotima sobre como o mortal participa da imortalidade e sou atingida pelo antigo tão novo e sempre presente em tudo que é vivo. Desde então, inúmeras foram as falas em tempos e lugares diversos que ressaltaram a paradoxal condição humana face à permanência na mudança, os sentidos sincrônico e diacrônico dos fenômenos, o caráter histórico do “sou” e o caráter atual do “estou”.

O movimento dialético da superação que estabelece o liame entre continuidade e descontinuidade é a forma como introduzo aqui a necessária visão histórica do fenômeno amoroso para uma compreensão mais aguda da dimensão psicológica de suas vivências. É importante

reconhecer que a história individual funda-se na história coletiva, ainda quando o indivíduo, tomado como totalidade, tenha seus próprios movimentos singulares. Da mesma forma, é mister identificar a criatividade como aspecto essencial no desenvolvimento pessoal saudável - postas neste âmbito todas as possíveis vivências do indivíduo, inclusive o relacionamento amoroso heterossexual<sup>24</sup>, em foco no estudo - na medida em que ela permite a instalação da mudança, da descontinuidade que carrega, em sua metamorfose, elementos de continuidade e permanência.

Não tendo a pretensão de lançar algo inteiramente novo sobre o Amor - a temática amorosa é, reconhecidamente, explorada com profundidade por grandes pensadores, nas várias áreas do saber humano - valho-me de algumas das caminhadas já feitas, permitindo-me, todavia, tonalizar com meu próprio pensar o que for expondo sobre isso.

Tenho preferido utilizar o termo “relacionamento” ao invés de “relação” amorosa e, evidentemente, isto tem um sentido. Na verdade, considero que a perspectiva em que encaro o amor me chegou com mais força, primeiramente, através de legados que não são da área psicológica onde a palavra “relação” é mais pertinente ao enfoque amoroso. Por isso, vou trazer o contexto pessoal da concepção de amor que, independentemente de teorizações psicológicas, me guiou no início da construção do objeto de pesquisa . Ela se inclui na frase que um dia

---

<sup>24</sup> A que se referirá o termo AMOR utilizado daqui para diante.

escrevi para mim mesma e que intitula o capítulo A vida é arte no gerúndio.

Para que o “sendo” – gerúndio – realmente signifique Vida<sup>25</sup>, e não apenas uma cristalização de ser (ou movimento inercial), a “arte” no sentido de uma estética criadora deve estar presente. Em outro momento, expressei o que estava sentindo com a frase “Viver é criar a certeza do inesperado.” E isso porque entendo que o “novo” tem que se fazer presente, contendo o antigo e reacendendo o prazer da descoberta do mundo. Apesar de poder esta consideração levantar aspectos trabalhados em teorias psicanalíticas em geral – o romper com o esperado, o quebrar a cadeia da repetição infindável de cenas de uma história a partir da fantasia recorrente às imagens registradas – não é isso que quero trazer à tona agora, já que estou no registro vivencial do que gerou o “assombro”, ponto de partida de qualquer investigação. Visto assim, o amor assume lugar nas possibilidades humanas dentro de um espaço de criação e nesta perspectiva não patológica ele está sendo considerado no trabalho. Além do mais, se há a convicção de sua existência, reconhece-se a sua raridade na forma assim tomada, também por este fator da criatividade, já por si tão dificilmente alcançada individualmente, quanto mais numa construção a dois<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Significando aí a vida que acarreta o “sentimento de estar viva”.

<sup>26</sup> É interessante que a arte se aproxima, de alguma forma, do caráter especial da experiência amorosa, como pode ser percebido no pensamento a seguir, mas, mesmo assim, ao prescindir, no momento de sua expressão, da reciprocidade, da mutualidade do encontro, a arte acontece com uma facilidade incomparável à daquela, como se observa em Martins (1989): “O objeto estético exige que se concentre a atenção apenas nele. Permite que a coisa mesma que representa se revele. Essa forma de verdade é denominada de espiritual.”; “(...) para o apreciador da obra de arte (...) o que é por ele experienciado não é o instante, mas o fluxo total e o momento desse fluxo. Assim, o

Mas, sem dúvida, estando historicamente situada, devo tal forma de pensar a um mundo que me antecedeu e que me circunda e ao qual rendo a exposição a seguir:

Do mito de fusão transmitido por Aristófanes e da experiência de falta transmitida por Sócrates em "O Banquete" (Platão, 19--) ao poema de Drummond: "Entre areia, sol e grama / o que se esquiva se dá, / enquanto a falta que ama / procura alguém que não há" (Andrade, 1994, p. 70), o erotismo impregna o conceito de amor. Este é o amor sob o prisma do desejo, fundado na falta, e tem em Platão sua primeira definição.

No entanto, não é esse o único aspecto assumido pelo amor, que não se deixa abarcar por apenas uma perspectiva conceitual. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que estou a adotar uma concepção de homem em que a singularidade única do indivíduo, a materializar o universal na tensão entre continuidade e descontinuidade, contém a dimensão da historicidade, ou seja, o homem concebido como tendo uma condição humana, como diz Hanna Arendt (1987). Isto posto, é mister considerar o que observa Jurandir Freire Costa (1999) sobre a distinção entre o virtual obrigatório e o virtual opcional, necessária para o enquadramento da experiência amorosa. A universalidade do amor seria, então, da ordem de uma potencialidade opcional e, como tal, sofreria as injunções do mundo social, tanto para existir quanto na forma como

---

que é experienciado não é o sensorial dentro do horizonte de sua própria possibilidade, mas é o próprio experienciando." (p.85).



existe. Em segundo lugar, para além das diferenças historicamente observadas, há expressões várias do amor, aspecto a que voltaremos mais adiante e desde já podemos resgatar da fala de Diotima, no seguinte diálogo com Sócrates (Platão, 19--):

DIOTIMA: - Mas então, caro Sócrates, por que motivo não afirmamos logo que todos amam, uma vez que todos desejam o mesmo; e por que dizemos, ao contrário, que apenas uns poucos amam, e outros não?

SÓCRATES: - Isto me espanta! Não sei.

DIOTIMA: - Mas não há razão para te espantares! A confusão nasce do fato de aplicarmos a uma determinada espécie de amor o nome do gênero todo [grifo meu]. (p. 110).

Lidando com o particular, o olhar no fenômeno iluminado precipuamente pela dimensão psicológica do amor vivenciado entre uma mulher e um homem, tenho de descer do nível de abstração, em que uma concepção de amor se situa, para o concreto da realização (ou não) da possibilidade, captado nas narrativas das entrevistadas, sem, contudo, perder de vista a difícil, complexa e fugidia articulação do individual com o social.

Para isso, passeio sobre o que vários autores escreveram sobre o tema - não necessariamente em psicologia ou psicanálise - para

que uma periodização do amor permita ver com mais clareza, neste momento, o extremo coletivo do continuum indivíduo-sociedade.

Assim, trago primeiramente André Lázaro (1996) que nos fornece, a partir da acepção de erótica como "... certos conjuntos abertos de preceitos e recomendações que desenham um corpo amoroso, orientam uma dinâmica e consagram valores em torno dos quais a prática amorosa deve orientar-se." (p. 195), uma tipologia que enfoca quatro períodos para o amor no mundo ocidental: as eróticas do prazer, do desejo, do sentimento e da intensidade. Com a pergunta "de que trata o amor", como questão norteadora, Lázaro aponta-nos a erótica do prazer como sendo a forma como o mundo antigo deu conta de perceber o corpo em sua luta com o desejo. Enquanto isto a erótica do desejo, orientadora da conduta amorosa no mundo medieval, tem transformada a atenção no prazer em cuidado com o desejo, valorizado, porém posto sob controle. Este modelo arrasta-se como forte influência até o mundo moderno e faz do amor um componente destacado na vida social. Até meados do século XIX, o mundo moderno, por sua vez, configurou a erótica do sentimento que inaugura a aspiração de universalização ao situar a experiência no íntimo do sujeito. Em conformidade com as mudanças ocorridas no período, que deslocaram para o indivíduo o centro do olhar sobre o universo, o amante exerce sua escolha amorosa de forma marcada pela sua singularidade: "O verdadeiro amor nasce do coração, elege seu objeto por critérios pessoais e singulares e pode, portanto, ser acessível a qualquer um a partir de sua própria interioridade." (ibid, p.197). Tendo

esta base, o mundo contemporâneo apresenta uma erótica, a partir de meados do século XIX, cuja marca distintiva é a intensificação quantitativa e qualitativa dos prazeres do amor. O papel do amor no casamento está submetido a essa forma de legitimação que apela à paixão intensa, à glorificação do momento. Para Lázaro (*ibid*), nesse momento,

... o tema do amor é apenas a tradução visível do arrasador processo de privatização da felicidade, movimento contemporâneo que exclui do mundo público toda e qualquer possibilidade de interação com estas mônadas apaixonadas pelo seu próprio isolamento. (p.198)

Este trecho, sem dúvida fundamental para a reflexão do amor inserido no contexto histórico em que vivemos, e que tem uma certa afinidade com outras idéias que seguem o curso de uma interpretação identitária do amor, merece ser contracenado com a interessante abordagem de Richard Sennett (1989) sobre os dilemas do homem contemporâneo, imerso numa subjetividade extremada como conseqüência da erosão, do esvaziamento da vida pública e tendo, como efeito da privatização da psique e da introjeção no eu, o não atendimento de suas necessidades enquanto pessoa.

Para finalizar a apresentação sucinta das eróticas identificadas por André Lázaro (*op. cit.*), quero relevar a sua tentativa de compreender se é possível "... pensar a questão do amor como a questão

própria do indivíduo, a questão que se apropria do indivíduo e o constitui" (p.18), na medida em que ela expõe com nitidez a necessidade de associação das dimensões micro e macro para o conhecimento dos fenômenos humanos.

Com tais horizontes históricos - a Antiguidade greco-latina, sob o império da razão da natureza; a Idade Média, sob o império da razão de Deus; a Idade Moderna e o período Contemporâneo, sob a supremacia da razão do homem - também Jurandir Freire Costa (1999) baliza o seu pensamento para ir além do que afirma Singer<sup>27</sup>, citado por ele no que considera seu ponto de partida para uma gramática do amor romântico:

... sugiro que o pensamento ocidental sobre o amor sexual pode ser categorizado em termos de duas abordagens básicas. De um lado, existe a tradição idealista que Platão codifica pela primeira vez, que o cristianismo amalgama com o pensamento judaico, que o amor cortês humaniza e que o romantismo redefine no século XIX. De outro lado, existe o que chamarei, na falta de termo melhor, a tradição realista que, desde o início, rejeitou as pretensões do idealismo como inverificáveis, contrárias à ciência e geralmente falsas diante do que aparece na experiência ordinária. (p. 132).

Costa (ibid), no seu texto, dialoga com teorias que abandonam a discussão sobre paixão & razão pela discussão da relação entre racionalidades amorosas e liberdades individuais. A abordagem,

---

<sup>27</sup> SINGER, Irving. From the Nature of Love. In.: SOLOMON, Robert C.; HIGGINS, Kathleen (orgs.). The Philosophy of (Erotic) Love. Kansas: University Press of Kansas, 1991.

rica e atualizada em termos dos estudos que vêm sendo feitos acerca do amor, desenvolvida em quatro ensaios, fornece-nos uma possibilidade de organizar uma espécie de enquadramento da temática, para o momento em que estamos. Costa vale-se, entre outros, do estudo de Denis de Rougemont (1988), "O Amor no Ocidente", considerado já clássico na área e cuja importância pode ser apreendida pelo número de citações feitas por outros autores. Assim, antes de aprofundar a discussão levantada por Costa, percorrerei uma pequena vereda, a partir do que defende Rougemont no seu livro.

Paixão e casamento: eis o grande conflito que Denis de Rougemont (ibid) desfila na complexa análise que faz da imbricação histórica do cristianismo com o paganismo, que faz surgir no século XII o amor cortês e o romance, e gera uma concepção de amor eivada do elemento trágico, da insatisfação fatal e inarredável. Entre Eros e Ágape: Eros, paixão, Ágape, amor-cristão. O primeiro vivido como uma busca – egoísta, ávida - necessariamente destinada ao sofrimento, dado seu objetivo inalcançável, o da completude. O segundo, a caridade – espontânea, gratuita - o amor desinteressado que eleva o ser.

Tendo analisado a presença de um grande mito europeu do adultério – o Romance de Tristão e Isolda – a dominar o cenário medieval, Rougemont (ibid) estuda o amor-paixão, também denominado de amor-cortês, como um renascimento de Eros no começo do século XII. Entre este período histórico e a antiguidade greco-latina, o cristianismo

instalara-se e difundira-se a partir do século IV d. C. - quando Constantino aliou-se à religião cristã - e gerara um modelo de amor - Ágape, amor espiritual, ascético - fundamentado numa diferença qualitativa infinita entre Deus e o homem que não permitia uma fusão, mas somente uma comunhão pelo reconhecimento de dois sujeitos na relação amorosa.

O amor-cortês deságua no romantismo. Se era marcado tragicamente pela insatisfação, um amor recíproco infeliz alimentado pelo próprio amor do amor, passa a ser regido por um mito em decadência, cujo conteúdo profanado terminará por unir desejos contraditórios: o desejo romântico de que tudo acabe mal e o desejo burguês de que tudo acabe bem. E esse conflito passa a ser vivido no âmbito do casamento. Este amor em forma de paixão mudou de lugar ao longo do tempo e, em relação à sociedade ocidental, cabe lembrar o que diz Philippe Ariès (1987):

Hoje em dia nossas reflexões escamoteiam muitas vezes o fenômeno, absolutamente capital e quase permanente até o século XVIII, da história da sexualidade, que Jean-Louis Flandrin teve o mérito de relembrar: a diferença que os homens de quase todas as sociedades e de todos os tempos (exceto os nossos de hoje) observaram entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. (p. 153).

e

As coisas mudaram a partir do século XVIII. A sociedade tendeu desde então a aproximar as duas formas de amor tradicionalmente opostas. Constituiu-se pouco a pouco no Ocidente um ideal do casamento que impõe aos esposos que se amem, ou que façam de conta que se amam, como dois amantes. O erotismo entrou no casamento, expulsando a reserva tradicional em proveito do patético, pondo à prova a

duração. O fato é bem conhecido atualmente, graças principalmente a Jean-Louis Flandrin. Continuamos, entretanto, a ter dificuldade em crer que se trata de mudança tão recente, e tão limitada, no mundo, às culturas ocidentais. Existe apenas um único amor. O amor-paixão, o amor fortemente erotizado, e as características antigas originais do amor conjugal, tais como acabamos de evocá-las, estão abolidas, ou são consideradas obstáculos residuais que retardam o triunfo do amor, um amor único, uma sexualidade única. (p. 160).

Mas, em relação a Rougemont (1988), apesar da importância do seu texto, desejo me apegar ao que está acrescentado no Pós-Escrito, pois ali ele próprio aponta seus avanços e retifica, trinta e dois anos depois, interpretações que foram feitas ao que escrevera. Parece-me vital que os pensadores não se vejam cristalizados em suas obras por seus leitores. Em cinco momentos nesta parte do seu trabalho, ele expõe questões que são interessantes para uma reflexão articulada aos demais autores pesquisados. Assim, excepcionalmente com relação à extensão citada, considero que suas próprias palavras são as mais adequadas para fechar a seleção de suas idéias a respeito do amor no ocidente:

[1] Um dos maiores mal-entendidos em torno do meu livro consiste em repetir que ele condena a paixão - o que é falso - porque ela é a inimiga íntima da instituição matrimonial e de sua ética - o que é exato; donde se deduz que 'o amor' seria incompatível com o casamento - o que é ridículo [grifo meu]. Trata-se de uma opinião das mais sumárias, dessas que acompanham as fotos de revistas, e é supérfluo repetir que a desautorizo radicalmente. (p. 269).

[2] Falei sobre o erro do romantismo aburguesado que ainda domina nossos costumes: querer basear o casamento no amor passional, ou seja, naquilo que o nega desde a origem. Um erro [grifo meu] um pouco menos

fatal seria o de querer excluir a paixão do casamento. (p. 270).

[3] Em *Comme toi-même* (Como tu mesmo) sugeri que o obstáculo, do qual toda paixão se alimenta, pode renascer do casamento [grifo meu]:

'Se é verdade que a paixão procura o Inacessível e se é verdade que o Outro enquanto tal permanece aos olhos de um amor exigente o mais proibido mistério, não poderiam Eros e Ágape celebrar uma aliança paradoxal, no próprio seio do casamento aceito? [grifo meu] Acaso não será todo Outro o Inacessível, e toda mulher amada uma Isolda, mesmo que nenhuma proibição moral ou nenhum tabu venha simbolizar, segundo as necessidades da fábula ou a comodidade do romancista, a própria essência do obstáculo excitante, aquele que dependerá sempre do próprio ser: a autonomia da pessoa amada, sua fascinante estranheza? [grifo meu]' Essa procura do Anjo, que é o mistério do outro, excitando ao mesmo tempo Eros e Ágape, não seria uma terceira forma de amor [grifo meu], homóloga das místicas do casamento espiritual, também chamadas epitalâmicas? (p. 270).

[4] A fidelidade que enalteci, e que muitos confundem com um código de policiamento dos costumes, com alguma medida repressiva, ainda, na melhor das hipóteses, com uma virtude que nos impomos é simplesmente a condição sine qua non de toda obra de arte ou de vida, cuja elaboração exige tempo e concentração de todas as faculdades [grifo meu]. (Nada que o dogma revele, ou que não se possa fundamentar claramente na realidade psicológica.) (p. 270).

[5] Na verdade, jamais 'condenei a paixão' e já me expliquei sobre esse ponto no capítulo final de minha primeira versão, onde se pode ler: 'Digo e insisto ainda: condenar a paixão em princípio equivaleria a querer suprimir um dos pólos de nossa tensão criadora. Realmente, isso não é possível [grifo meu]'. (p. 270).

Como visto anteriormente, o amor apresenta duas ordens de diversidade de expressão: a que resulta de uma determinação histórica na forma de crença emocional e a que advém de uma plêiade de emoções e sentimentos que se abrigam sob tal denominação por serem polarizados e imbricados, algo que faz parte da já falada paradoxal condição humana



face à permanência na mudança, os sentidos sincrônico e diacrônico dos fenômenos, o caráter histórico do “sou” e o caráter atual do “estou”.

A evidência da dificuldade de falar de paixão e de amor de forma diferenciada mostra-se na própria utilização da palavra amor, durante todo o tempo em que se está a falar de paixão erótica. Isto fica muito patente no livro sobre o erotismo de Francesco Alberoni (1987), autor que distingue um erotismo feminino e um erotismo masculino marcados por diferenças essenciais que os contrapõem sem se excluírem, uma distinção vista como temporal pelo autor: a continuidade é característica do erotismo feminino tanto quanto a descontinuidade é característica do erotismo masculino.

Na sua concepção, um aspecto fundamental do enamoramento - objeto de um outro livro seu (idem, 1986) - seria seu caráter revolucionário. Desta forma, está muito presente nas suas considerações a criatividade, o movimento vivo dos pares. Se o enamoramento não perdura indefinidamente, pode, para Alberoni, metamorfosear-se em amor, o que somente acontece, no entanto, em raros casos. Se é possível aproximar da Paixão<sup>28</sup> aquilo que Alberoni trata como sendo Enamoramento, considero que não é, no entanto, possível aproximar, da mesma forma, Ágape do que ele toma por Amor. O amor

---

<sup>28</sup> Recorrendo a Costa (1999) para facilitar a questão conceitual: "A paixão, aqui, é utilizada como sinônimo da idealização do parceiro, com as características de pretensão à exclusividade, constituição de uma identidade única a dois, aspiração ao êxtase sexual, desinvestimento relativo de outros objetivos mundanos e todo o cortejo de particularidades psíquicas que forma a gramática da expressão 'estar apaixonado'." (p.117).

gerado de um enamoramento seria erotizado ainda, muito embora em uma nova feição.

Neste ponto, Alberoni aproxima-se, a meu ver, da posição de André Comte-Sponville (1997), que apresenta três definições de amor e conclui por tomá-las de forma não excludente: "Haveria, pois, para resumir, para simplificar, três maneiras de amar, ou três tipos de amor, ou três gradações no amor: a carência (erôs), o regozijo (philia), a caridade (agapé)." (p. 310). Para Comte-Sponville (ibid), Denis de Rougemont, ao se apoiar em Nygren que faz, segundo seu ponto de vista, uma cisão radical entre Eros e Ágape sem buscar uma transição, deixa de contemplar o fenômeno como ele se apresenta:

Quando Denis de Rougemont, baseando-se entretanto em Nygren, quer opor o casamento cristão, que seria uma figura de agapé, à paixão dos amantes, que seriam prisioneiros de eros, simplesmente esquece que a pessoa não se casa com qualquer um, que o amor que se tem por seu marido ou sua mulher não é gratuito nem desinteressado, e por exemplo (mas é muito mais que um exemplo: uma pedra de toque) que ninguém recomendou casar-se com os inimigos... A oposição dual entre eros e agapé é demasiado simples, demasiado esquemática, para funcionar verdadeiramente ou para explicar nossos amores efetivos: porque nossos amores humanos (especialmente no casal, cristão ou não) devem pelo menos tanto a eros quanto a philia, e muito mais a philia, sem dúvida, que a agapé. Daí essa tripartição que sugiro, que é esquemática, necessariamente, mas que me parece dar melhor conta de nossos sentimentos reais, de sua evolução, e a passagem contínua de um tipo de amor a outro [grifo meu]. (p. 300).

Entretanto, reconheço, em Rougemont (1988), um vislumbre da necessidade de superar tal oposição dual em seu Pós-escrito, embora ele não caminhe na mesma direção. Nesta parte, a alteridade, que havia entrado no texto como elemento devedor de *Ágape*, é situada como alimentadora da paixão criadora tanto para *Eros* quanto para *Ágape*. A meu ver, o autor não considera sua teorização finalizada e fica a incógnita sobre que rumo daria no somente anunciado trabalho *O amor III*.

O que fica muito claro é que, em que pesem as diferenças, de André Lázaro até aqui, venho trazendo de áreas diversas do conhecimento – comunicação, psicanálise, história, ciências sociais, filosofia – abordagens que, em comum, retiram o amor dos cânones da experiência humana universal obrigatória. Não era bem assim em Freud e tal divergência é claramente expressa na teoria de Balint, segundo Costa (1999)<sup>29</sup>: "Ao contrário do pensamento analítico dominante, para Balint, o ideal amoroso que conhecemos é um construto cultural." (p.125). Mais ainda:

Balint desmonta o lugar-comum psicanalítico que faz do "amor" uma experiência humana universal. Segue Freud, quando diz que existem várias formas de amor e de amar, e diverge dele quando se recusa a ver no "amor apaixonado" de nossa cultura a matriz ou o modelo de entendimento de toda a complexidade do fato amoroso. (Costa, *ibid*, p. 116).

---

<sup>29</sup> Costa (1999) inicia, com Balint, um estudo da complexa questão das relações do amor com a sexualidade na teoria psicanalítica, e se propõe a dar continuidade ao trabalho através da abordagem de outros autores como Freud, Lacan e Winnicott, em outro momento.

No seu trabalho, Costa (ibid) apresenta um ensaio sobre a gramática do amor romântico de que extrairei algumas rápidas passagens para completar o volteio que estou a fazer, da dimensão mais individual para a dimensão mais coletiva, e desta para a primeira, em busca de uma articulação de idéias que subsidie o pensar sobre a potencialidade - opcional - realizada vivencialmente no relacionamento amoroso entre uma mulher e um homem.

Agrupando, sob a rubrica de idealistas, os autores modernos Elisabeth Badinter, Zygmunt Bauman, Alan Bloom e Octavio Paz e, sob a rubrica de realistas, os autores Morton M. Hunt, Philip Slater, Alan MacFarlane, e Robert Brain, Costa (ibid) apresenta-os, desde logo comentando que tais posições significam, no seu entender, tão-somente uma valorização de aspectos distintos da experiência amorosa. Desta forma, ao final desse confronto, tudo poderia ser resumido nas três questões seguintes: a) com relação à natureza do amor, no que tange ao estatuto cognitivo das teorias, temos o amor como um valor para os idealistas e como um fato para os realistas; b) com relação ao papel dos sentimentos na paixão amorosa, temos as experiências de fusão ou êxtase exaltadas pelos idealistas, enquanto os realistas preocupam-se com as conseqüências dessas experiências para a vida ética; c) com relação à racionalidade ou irracionalidade do amor-paixão romântico, os idealistas apostam na espontaneidade do sentimento, ao passo que os realistas advogam que há, por força dos hábitos morais instituídos, mais "racionalidade" na "irracionalidade amorosa" do que aceitamos ver.

Discutindo tais questões, Costa (ibid) caminha em direção à superação das posições ali assumidas pelos autores dos dois grupos. Na argumentação sobre cada uma delas, uma análise está implicada. Dessa maneira, vai antecipando e rebatendo possíveis argumentos que venham, eventualmente, a surgir a favor da incompatibilidade radical dos pensamentos. Assim, "Discutir sobre o amor é se situar na posição de quem pensa de modo axiológico." (p. 162), é uma idéia conclusiva sobre a primeira questão, e isso se alia à visão de que as opiniões sobre o amor são orientadoras de conduta e, portanto, repercutem no agir moral. No que se refere à segunda questão, Costa (ibid) argumenta a favor de ser observada a existência de uma diferença de ênfase entre os idealistas e os realistas, com relação "... às distintas dimensões constitutivas da emoção amorosa, a qual inclui sentimentos e sensações, mas também crenças e julgamentos." (p, 171), porém isto não significa a existência de uma lógica de oposição, tal como diz em relação ao terceiro ponto apresentado:

A aceitação da tensão entre paixão e razão é produto de uma dissociação histórica operada pelo pensamento filosófico e não pela realidade da vida. A lógica que une paixão e razão não é de oposição, mas de complementariedade. Mais do que isso, os campos das razões e das paixões são plurais. (p. 189)

Quando Costa (ibid) adentra o espaço da discussão da relação entre racionalidades amorosas e liberdades individuais, cita Martha Nussbaum, Amelie Rorty, Remo Bodei, Ronald de Sousa e Robert

Solomon. Se já vinha fornecendo sustentação teórica para a presente investigação, através de sua visão aguda acerca das múltiplas facetas do fenômeno amoroso a não merecerem dicotomizações, sua referência, agora acrescida destes autores, ganha peso na medida em que aparecem em cena elementos que são significativos para a ênfase na criatividade como fator do desenvolvimento pessoal saudável, em que se inclui a vivência do amor. Assim, atividade & passividade e a consideração da alteridade, ao lado do elemento narcísico do amor, aparecem envoltos na idéia de que o amor é uma construção humana e, como tal, não se deve nem ao indivíduo isolado nem à sociedade abstrata, mas à relação dinâmica entre a singularidade e a pluralidade concretas.

Segundo Costa (ibid), para Nussbaum<sup>30</sup> "O amor é sempre feito de paixão e razão, já que é uma crença emocional." (p.179), e contém qualidades universais, por um lado, e exclusivas e peculiares ao objeto amado, por outro. Isto ancora a perspectiva da capacidade criativa – em grau mínimo ou máximo - como base de uma construção amorosa. Mesmo em estudos em que a criatividade tem iluminação primordialmente cognitiva, como é o caso de Torrance (1976), a emoção é destacada como elemento integrado e fundamental no processo de relacionamento criativo.

Uma inspiração espinosista vem endossar a valorização desse ângulo, ao introduzir a questão da relação atividade & passividade

---

<sup>30</sup> NUSSBAUM, Martha C. *Love's Knowledge – Essays on Philosophy and Literature*. Nova York / Oxford: Oxford University Press, 1990.

na discussão do amor: Amelie Rorty e Remo Bodei são, no texto de Costa (1996), os autores que inauguram tal enfoque (de certa forma, o desenvolvimento dado por Comte-Sponville (1997), a partir de Espinosa, sobre a força da *philia* como uma das gradações do amor, vincula-se a essa relação). Como diz Costa (op. cit.) na sua análise de Rorty: " O 'amor ativo' é, ao mesmo tempo, amor do outro e amor a si, pois é amor de todas as circunstâncias que levam o amante a ligar-se ao mundo." (p. 188). A relação atividade & passividade supera, assim, a clássica dicotomia, prevalente anteriormente, que situava o amor em termos das relações da paixão & razão, sofrimento & prazer e êxtase & temperança.

Apesar da inflexão significativa dada ao debate das idéias sobre o amor, a partir da inclusão dessas questões, Costa (ibid) levanta a condição ainda de impotência para lidar com a apresentação de possíveis saídas para os dilemas do amor romântico, somente com tais suportes teóricos. E indica os dois autores já referidos no último grupo listado, Ronald de Sousa<sup>31</sup> e Robert Solomon, como aqueles que mais avançaram neste sentido. O primeiro, citado por Costa (ibid), define as emoções como "'tipos de percepção cujos objetos são propriedades axiológicas', formadas em 'cenários paradigmáticos, que são pequenos dramas nos quais nossas capacidades naturais para responder emocionalmente são inicialmente listadas.'" (p. 192). E, sendo assim, elas se tornam racionais. Já o segundo, com sua "visão identitária do amor", fornece mais elementos

---

<sup>31</sup> SOUSA, Ronald de. *The Rationality of Emotion*. Cambridge / Massachussets / Londres: The MIT Press, 1987.

para o diálogo empreendido por Costa (ibid) com seu texto. Em função da insegurança constitutiva da subjetividade moderna, o amor atua como o lugar de reassseguramento da identidade: "A virtude [do amor] está no fato de o desejo amoroso ser 'desejo de partilhar uma só identidade'." (p. 199).

No seu ensaio sobre a gramática do amor romântico, Costa (ibid) chega ao final refletindo sobre a força da presença, nas atuais condições culturais, de elementos históricos de continuidade com aquele momento em que o amor romântico emergiu, o que seria obstáculo a uma nova configuração do amor sob uma revisão neo-romântica. E conclui seus argumentos dizendo:

Resta, portanto, como aconselha Solomon, procurar inventar um "neo-romantismo" mais comprometido com o mundo e, até lá, "ser humildes quanto a nosso entusiasmo" pelo amor erótico. Sem isso, o declínio do amor-paixão pode deixar um vazio identitário que não sabemos como ocupar. (p. 218).

Neste passeio nos trilhos do que vários autores escreveram sobre o tema, tendo iniciado com a marcação de fases historicamente bem distintas, percorri, de volta, o eixo do continuum na direção do indivíduo. Contudo, quero destacar que não há o abandono do elo vivo entre os dois pólos, há apenas iluminações diferentes do fenômeno que me permitem ir ao encontro à concepção do amor abrigada próxima ao extremo do pólo



individual, respeitando o entendimento de que a singularidade se afirma na pluralidade. Neste sentido, é útil trazer de volta Winnicott (1967a) fazendo referência ao estado de enamoramento ao falar sobre os fenômenos transicionais:

Mas esses fenômenos que têm realidade na área cuja existência estou postulando, pertencem à experiência da relação de objeto. Podemos lembrar-nos aqui da 'eletricidade' que parece gerar-se no contacto significativo ou íntimo, e que é característica, por exemplo, quando duas pessoas estão enamoradas. Esses fenômenos da área lúdica [grifo meu] possuem variabilidade infinita, em contraste com a relativa estereotipia dos fenômenos que se relacionam quer ao funcionamento corporal pessoal quer à realidade ambiental. (1975, p.136).

O indivíduo enquanto "... uma unidade, com uma membrana limitadora e um exterior e um interior..." (Winnicott, 1951;1975, p. 15) será nossa singularidade na pluralidade de um par, a buscar uma alteridade além do olhar a si próprio que o elemento narcísico do amor contém. É esse amor que estou discutindo neste trabalho, o amor nos limites do humano, de suas vivências concretas. Um amor que é construção e, por isso mesmo, requer a criatividade como elemento indispensável para sua boa consecução do ponto de vista do desenvolvimento psicológico dos amantes.

Nome do arquivo: C 22-42 1-1 amor-construcao singular e plural  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 23/10/2000 17:04  
Número de alterações: 119  
Última gravação: 11/11/2000 14:20  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 221 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 12:58  
Como a última impressão  
Número de páginas: 21  
Número de palavras: 4.505 (aprox.)  
Número de caracteres: 25.684 (aprox.)

1. 2. A cada instante uma nova pessoa, um novo amor, um novo par amoroso: o self-verdadeiro em ação

Converso com um amigo filósofo e ele me reporta uma distinção que ouvira sobre a tragédia e o drama: a repetição cunhando a feição da primeira e a instauração do novo caracterizando o segundo. Fico fascinada com a idéia de que o trágico e o dramático não são excludentes e se inserem no complexo fenômeno multifacetado do ser humano. E aproveito isso para desenvolver o pensamento acerca das singularidades que vivem um relacionamento amoroso. Porque elas pertencem ao reino das incógnitas a que se refere Borges (1996):

Somos, portanto, algo cambiante e algo permanente. Somos algo essencialmente misterioso. Que seria de cada um de nós sem a memória? É uma memória em grande parte feita de ruído, mas que é essencial. Não é necessário que eu recorde, por exemplo, para ser quem sou, que vivi em Palermo, em Adrogué, em Genebra, ou na Espanha. Ao mesmo tempo, tenho que sentir que não sou o que fui nesses lugares, que sou outro. Este, o problema que nunca poderemos resolver, o problema da identidade cambiante. E talvez a própria palavra 'cambiante' seja suficiente. Porque se falamos que algo está cambiando, não estamos dizendo que algo é substituído por outra coisa. Dizemos: 'A planta cresce'. Não queremos dizer, com isto, que uma pequena planta deva ser substituída por uma maior. Queremos dizer que essa planta se

transforma em outra coisa. Trata-se, pois, da idéia da permanência no fugaz. (p.48).

Antes de continuar, uma ressalva necessária: a iluminação temática sendo dada ao desenvolvimento pessoal saudável pode levar a crer que estariam os indivíduos, assim situados, livres de quaisquer aspectos não saudáveis. Evidentemente, não é o caso. Recorro às palavras de Clare Winnicott a falar sobre o marido, após a sua morte em "D.W.W.: Uma reflexão": "... a sua principal contribuição, provavelmente mostra-se no estudo dos relacionamentos iniciais e a aplicação dele à etiologia das psicoses e dos mecanismos psicóticos em todos nós [grifo meu]." (Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M., 1994, p. 2). Neste mesmo texto, é citada uma passagem em que Winnicott<sup>32</sup>, ele próprio comentou que "Somos em verdade pobres, se somos apenas sãos [grifo meu]". (ibid, p. 11).

A teoria pavimenta a estrada e os obstáculos concretos forçam a abertura de novas veredas para a continuidade do percurso. Este é um movimento inerente ao processo de construção do conhecimento científico. Se a pesquisa não se localiza no espaço reservado à prática clínica, isto não impossibilita que tenham sido feitas articulações aí respaldadas, tendo sido o teórico D. W. Winnicott um respiradouro para a

---

<sup>32</sup> WINNICOTT, D. W. Primitive Emotional Development. In: Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis. London: Tavistock, 1958; New York: Basic Books, London: Hogarth Press, 1975.

necessidade de arejar com profundidade aspectos que compõem a lide dos clínicos, só que no seu avesso, o desenvolvimento saudável. É a admissão, no plano teórico,

- da possibilidade de existência de duas pessoas que se desenvolvem da dependência absoluta para a dependência relativa, e desta para a independência, e que, então, podem se movimentar em direção uma da outra, estabelecendo a congruência no espaço potencial;
- da possibilidade de existência de uma criação a dois, já que ambos têm esse potencial; Winnicott (1971a), por exemplo, afirma que "... a criatividade constitui um dos denominadores comuns, algo que homens e mulheres compartilham, ou compartilham a aflição pela perda ou ausência do viver criativo." (1975, p. 104) ;
- da possibilidade de existência de um amor que se renova, mesmo que não necessariamente por toda uma vida.

Ou seja, a convicção da possibilidade da metamorfose na pessoa, no par e no amor é que me leva à presente análise de histórias de vida amorosa de mulheres. Mas, sem dúvida a raridade é a marca maior de todas as possibilidades apontadas. A passagem tão absolutamente rara da possibilidade para a realidade, o ser tão infreqüente presenciá-la frente aos olhos provavelmente concorrem para a negação do fenômeno. Mas, Gramsci (1987) vem em nosso socorro:

A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. Possibilidade quer dizer 'liberdade'. A medida de liberdade entra na definição do homem. (p. 47).

Isso posto, volto às singularidades que compõem o par amoroso: Quem são? Quem é cada uma delas?

Surge aqui uma necessidade de distinguir e articular conceitos que integram a face teórica do trabalho. Evidentemente, esta apresentação não segue os movimentos espiralados do desenvolvimento da pesquisa, cuja face empírica introduz novas questões e provoca retornos ao que constituiu a posição teórica como linha de base, para um aprofundamento. Contudo, quero registrar que, antes mesmo de ser apresentado de forma mais direta, a presença do que foi investigado em campo já integra este momento das idéias em curso. Os relatos orais sobre suas experiências de vida amorosa por parte das entrevistadas suscitaram questões que vieram se somar às formulações iniciais e, para apreender o concreto, mesmo que seja defendido que ele não cabe em nenhuma teorização anterior, faz-se necessário um continente teórico que tentarei aqui delinear, no tocante a tais singularidades.

Tendo em vista o que já comentei sobre estar lidando com uma Psicologia sem fronteiras rígidas, nem internas nem externas,

considero importante ressaltar que será a criatividade a ocupar funcionalmente o papel de argamassa a unir os tijolos de diferentes formas e materiais desta construção. A vida cotidiana requer dos indivíduos o uso de seu potencial criativo para resolução de suas situações-problema e sinto-me feliz em encontrar na área clínica o reconhecimento, por Winnicott (1969), da 'ciência da vida' no cotidiano, valorizando esta experiência ao dizer que "... a psicanálise não é um modo de vida. Sempre esperamos que nossos pacientes terminem a análise e nos esqueçam: e descubram que o próprio viver é a terapia que faz sentido [grifo meu]." (1975, p.123).

Mas, seria inimaginável, a meu ver, tal assertiva em um contexto teórico que não privilegiasse a criatividade como "... um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa." (ibid, p. 95). Este é um ângulo fundamental do problema, porque estaremos lidando com o amor no espaço da pluralidade, do coletivo de um par, que pode incluir lampejos da ocorrência de constituição de espaço potencial para as singularidades que o compõem, com uma extensão (Winnicott, 1971c): "... mínima ou máxima, de acordo com a soma das experiências concretas do indivíduo". (1975, p. 148).

O conceito de espaço potencial de Winnicott é central na sua teoria e dá conta de um lugar intermediário em que acontecem o brincar criativo e a experiência cultural. Extremamente preciso no sentido de

destacar a existência de dois objetos tanto unidos quanto separados<sup>33</sup> - o self e o mundo de objetos - este conceito abrigará nossa questão. Assim, como apoio provisório é útil pensar o amor como uma possibilidade de congruência de duas disponibilidades para a experiência de espaço potencial, a dos indivíduos que compõem o par amoroso a engendrarem um relacionamento em que o lúdico tem um lugar especial. Diferentemente de outras relações em que há uma assimetria nas posições, no caso do relacionamento amoroso criativo, essas possibilidades são da mesma ordem, na medida em que ele pressupõe a maturidade em termos de selves, base de uma mutualidade “entre pares”.

Sem chegar a um nível de teorização própria que permita a formulação de conceitos novos, faço a opção, sem desconhecer o alto grau de risco da empreitada, por um deslizamento teórico entre conceitos que isoladamente seriam insuficientes, cada um deles, para a leitura, na forma pretendida, do objeto de estudo aportado simultaneamente nas dimensões micro e macro das vivências humanas, e visitado nessa dança interpolar.

Assim, as singularidades que compõem o par amoroso são mulheres que ocupam um lugar social, determinado historicamente. Entra em jogo, então, a questão da identidade, o eu afirmado a partir da oposição e contraste com o(s) outro(s) seu(s) igual(is), forjado na

---

<sup>33</sup> A aceitação do paradoxo e não sua resolução é a genial saída de Winnicott para, em outro ângulo, abordar a relação necessária de singularidade com a pluralidade na constituição do psiquismo humano.



concretude das relações sociais com seus papéis funcionais, definidores da ação.

O apelo a tal conceito, neste momento, relaciona-se com a configuração do amor pelos moldes históricos que o circunscrevem, o fenômeno macro revelando-se ao nível dos microprocessos conforme aborda Ciampa (1993): "o singular materializa o universal" (p. 125). Com ele, destaca-se o ser em relação, a identidade como processo e produto, movimento contínuo das identificações, oposições e totalidades, o indivíduo como totalidade contraditória, múltipla e mutável (a cada momento marcamos nossas semelhanças e diferenças com os outros)<sup>34</sup>. O que é importante ressaltar é o forte reconhecimento dos determinantes históricos na subjetividade individual que, como Berger e Luckmann (1985)<sup>35</sup>, Ciampa faz no seu texto.

A metamorfose que sustenta toda a argumentação de Ciampa (loc. cit.) para o conceito de identidade vem ao encontro do que foi falado sobre a criatividade como aspecto central no desenvolvimento emocional saudável. Somente admitindo-se a mudança, dá-se espaço ao processo de criação, estancando-se a repetição infundável que a institucionalização social tende a fixar nos indivíduos, através da cristalização dos papéis sociais. Mas, a metamorfose é, também, uma permanência do antigo, contido na nova forma, como é característico do

---

<sup>34</sup> A noção de totalidade é centro e fundamento no pensamento dialético e importa considerar que a parte, que assim se constitui na sua relação com o todo, é, em si mesma, uma totalidade.

processo criador. Este sentido histórico é fundamental na compreensão do humano.

Dessa forma, por exemplo, temos Platão e não temos Platão no pensamento do mundo ocidental atual<sup>36</sup>. Ou seja, a transformação das idéias segue *pari passu* a transformação da realidade, segundo

... a premissa adotada da existência de uma interinfluência entre os microprocessos da ação individual e grupal e as macroestruturas sociais. A compreensão do elo indivíduo & sociedade, que preserva os dois termos da relação, é fundamental para o entendimento do processo de transformação social. (Dantas de Araújo, 1993, p. 11)

A identidade assim vista, correspondendo ao próprio aparecer do indivíduo em suas relações sociais e aglutinando as dimensões pessoal e social, não é um conceito que arregimente unanimidade nesta concepção. No entanto, e ainda que mais adiante seja utilizado o valioso apoio de Goffmann (1988) com seu conceito do "desacreditável" para os estudos de caso entrelaçados, autor que faz uma distinção conceitual entre identidade pessoal – aliada à diferença - e identidade social – aliada à semelhança -<sup>37</sup> é naquela visão anterior que

---

<sup>35</sup> Segundo Berger e Luckman (1985), a identidade produz-se no encontro do auto-reconhecimento com o reconhecimento pelos outros. E, como totalidade, configura-se através do conjunto de relações sociais vividas pelo indivíduo.

<sup>36</sup> Não estou me referindo à obra de Platão, mas à sua influência no pensamento ocidental.

<sup>37</sup> Enquanto vincula a Identidade social aos repertórios de papéis ou perfis que qualquer indivíduo pode sustentar, Goffmann (1988) afirma que "Ao usar o termo 'identidade pessoal' pretendo referir-me somente às duas primeiras idéias - marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em... ". (p. 67).

melhor me situo para deixar fluir o movimento da dança interpolar já referida. E isto porque considero importante, na abstração do nível teórico, não haver dicotomização dos aspectos individual e coletivo.

É o que também ocorre, magnificamente, com a construção teórica de Fábio Herrmann em "O Divã a Passeio" (1992), que consegue manter articuladas tais dimensões com o uso da metáfora do "Escudo de Aquiles". Mas, não sendo construções teóricas equivalentes e estando, a meu ver, distantes diferentemente dos pontos extremos do continuum indivíduo/sociedade, ficam a compor o continente teórico que me propus delinear, sem que uma possa substituir a outra. Evidentemente, defendo que tal composição não significa um ecletismo cientificamente indesejável, e sim, que isso é possível como solução provisória, dado não haver antagonismos entre elas.

Herrmann (ibid) reconhece duas dimensões da representação na unidade do ato representacional: a identidade e a realidade, tendo como liga a crença. Estes são os componentes do nosso Escudo de Aquiles que apresenta apenas duas camadas, diferentemente do mito, e que nos protege do contágio, da fusão no real, ao mesmo tempo que nos permite estar na pluralidade que nos afirma nossa condição humana. Assim, o desejo, representado pela identidade, e o real, representado pela realidade, recobrem-se e marcam a existência de diferença e igualdade, numa oposição dialética. Há a consideração do individual, do singular, do

particular, por um lado, e do coletivo, do plural e do geral, por outro, articulados, mas distintos.

A identidade assim conceituada – parte de uma totalidade representacional - permite a aproximação de outro conceito importante para o entendimento do objeto de estudo ora investigado. Da mesma forma que antes, valho-me do deslizar entre os conceitos, pois, novamente, não considero haver correspondência funcional entre eles e o uso conjunto ajuda a dar conta do proposto. Assim, surge o self – em Winnicott - como novo elemento conceitual do continente em construção. Isso se deve à aceitação de que as teorizações geradas na prática clínica descortinam, de uma forma mais esclarecedora, o que acontece no encontro fenomênico havido nas entrevistas realizadas.

Sem desejar simplificar algo muito complexo, sugiro que a questão “Quem é (está sendo) essa pessoa que vive um relacionamento amoroso” seja, de início, articulada à questão da identidade e “Como é (está sendo) essa pessoa que vive um relacionamento amoroso” seja, também inicialmente, articulada à questão do self. Isto porque “quem é” remete mais enfaticamente, a meu ver, a uma localização no espaço social, a uma inserção na teia do tecido de relações sociais e suas trocas simbólicas, enquanto “como é” leva-nos a uma dinâmica de funcionamento pessoal mais intra-individual, por assim dizer, ainda que ambas as questões se apliquem aos dois conceitos, evidentemente. Já para o momentum do encontro das duas dimensões, o constructo teórico de

Herrmann (ibid), com base na imagem do Escudo de Aquiles, afigura-se como excepcionalmente pertinente.

Seguindo de Ciampa (1993) para Herrmann (1992), estou acompanhando, na direção do pólo mais individual da questão, o transmudar do "quem é (está sendo)" para o "como é (está sendo)" da pessoa - no gerúndio - e suas formas de funcionamento psíquico, em que se incluem a criatividade e o amor (ressalto, todavia, que os conceitos, em si, não ocupam tais posições; o uso que deles faço é que fornece tal continuum para minha análise, e sobre isto estou assumindo a responsabilidade da interpretação). Prosseguindo, chego a Winnicott e sua concepção de self que transborda a representação. Da ênfase no produto historicamente determinado à ênfase no processo vivenciado pelo sujeito singular, muito embora nenhum dos conceitos utilizados esteja seccionado em termos de produto ou processo (muito pelo contrário, o que me sustenta na liberdade da composição adotada é, exatamente, perceber que os três se ancoram numa formulação dialética em que a alternativa "ou" não faz sentido).

Ainda que levando em consideração que a História requer o sujeito coletivo em ação<sup>38</sup>, quero encaminhar a argumentação para o mundo psíquico do indivíduo que, mesmo submetido a determinações, goza de um espaço de autonomia relativa capaz de fazê-lo núcleo geracional de mudança. É seu potencial criativo que precisa superar sua

acomodação à repetição para que as coisas não permaneçam em estado inercial. No entanto, a sua efusão no mundo requer o outro, não é no isolamento social que se alcança a autonomia. O conceito de momentos mutativos, trabalhado por Gilberto Safra (1995) no contexto terapêutico, bem exemplifica essa capacidade individual de transformação que não prescinde do outro.

Recorro, então, ao conceito de self numa perspectiva winnicottiana que, sublinhando a importância da provisão ambiental, ajuda a investigação dessa singularidade em movimento, no âmbito do singular e do plural. O processo maturacional demanda a sua inserção na realidade compartilhada, criando o self, através da ação, o espaço público e privado no campo social.

Self não é um conceito simples, apesar de sua aparência contrária. Enquanto o ego é um conceito funcional, o self é um conceito existencial que não se deixa aprisionar pela representação. Em termos evolutivos, o processo de maturação permite a emergência do self após um início em que só há sentido em se falar de um ego em construção. Indo além, self tem um sentido de totalidade. De acordo com Davis e Wallbridge (1982), a palavra psique, usada com maior frequência por Winnicott para se referir à realidade psíquica interna - aqueles elementos do ser integral que são passíveis de análise - também pode assumir o sentido amplo de self. Experiências ônticas, não simbolizáveis, como

---

<sup>38</sup> Este aspecto fundamental não é contraditório com o reconhecimento do indivíduo como elemento de base, se não esquecermos a dialética que necessariamente deverá ligar as partes ao todo, os

Safra (s.d., no prelo) aponta - "Denomino de experiências ônticas aquelas que dão as condições para que o ser humano se constitua e alcance o seu porvir. Elas visitam o indivíduo sem convite, sem aviso e acontecem sem a intermediação de representações." – conjugam-se àquelas que são simbolizáveis, no acontecer humano. Enfim, o próprio Winnicott<sup>39</sup>, citado por M. Masud R. Khan (1993), reconhecia a árdua tarefa da conceituação de self. A longa citação a seguir, além de ajudar a esclarecer, servirá de inflexão no curso das idéias para um retorno à questão do amor – criativo - à luz da consideração do "self-verdadeiro" em ação :

Para mim, o self, que não é o ego, é a pessoa que eu sou, que é somente eu, que possui uma totalidade baseada na operação do processo maturativo. Ao mesmo tempo, o self tem partes e é, na verdade, constituído destas partes. Tais partes se aglutinam, num sentido interior-exterior no curso da operação do processo maturativo, auxiliado, como deve sê-lo (principalmente no início) pelo ambiente humano que o contém, que cuida dele e que de forma ativa facilita-o Normalmente, o self se acha localizado no corpo mas pode, em determinadas circunstâncias, dissociar-se do corpo nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe.

Finalmente, o self atinge significativa relação entre a criança e a soma das identificações que (depois de bastante incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam em forma de uma realidade interna psíquica viva. A relação do menino ou menina com sua própria organização interna se modifica de acordo com as expectativas manifestadas pelo pai e pela mãe e por aqueles que se tornaram importantes na vida externa do indivíduo. (p. 45).

O trabalho de Winnicott rendeu uma teoria do desenvolvimento emocional que inclui "a convicção de que, para cada indivíduo, a vida pode ser criativa e valiosa." (Davis & Wallbridge, 1982, p.19). Ele continua a tradição kleiniana, valendo-se do conceito de self, mas, inova ao propor o conceito de falso-self, contrapondo-o ao self-verdadeiro<sup>40</sup>: a tragédia e o drama na dimensão individual. No dizer de Mello F<sup>o</sup> (1995), "Poucas contribuições de Winnicott alcançaram tanta notoriedade entre os psicanalistas como as noções de verdadeiro e falso-self." (p.112). Explica-se Winnicott (1960) acerca da sua nova construção:

Particularmente, relaciono o que divido em self verdadeiro e falso self com a divisão de Freud do self em uma parte que é central e controlada pelos instintos (ou pelo que Freud chamou sexualidade, pré-genital e genital), e a parte para o exterior e relacionada com o mundo. (1990, p.128).

As contribuições originais deste autor ganham inteligibilidade maior se estiverem acompanhadas de um certo conhecimento de sua visão de mundo. Ao mesmo tempo que carregava uma forte crença na viabilidade e criatividade da pessoa humana, atrelava isso, necessariamente, a um ambiente de cultura (Khan, 1993). As experiências culturais - evolução seqüenciada desde os fenômenos

---

<sup>39</sup> WINNICOTT, D. W. Letter to Mme Jaennine Kalmanovitch. In: Nouvelle Revue de Psychanalyse, vol. 3. , 1971.

<sup>40</sup> Estes conceitos lembram os conceitos de George Mead, da Psicologia Social: o "eu" e o "mim".



transicionais<sup>41</sup>, desdobrados no brincar<sup>42</sup> e no brincar compartilhado – compõem sua enunciação da natureza humana (Winnicott, 1951):

Minha reivindicação é a de que, se existe necessidade desse enunciado duplo [realidade psíquica interna e mundo exterior], há também a de um triplo: a terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. (1975, p. 15).

O viver humano apresenta-se, pois, como uma possibilidade, um modo de ser no mundo que poderá acontecer de forma saudável ou não, algo que está vinculado à existência criativa (Winnicott, 1971a): "... nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável e de que a submissão é uma base doentia para a vida." (1975, p. 95). Embora em posição de defesa da potencialidade humana para um viver criativo que pode angariar o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, não há idealização no pensamento de Winnicott<sup>43</sup>, conforme lembra Davis e Wallbridge (1982), citando-o:

---

<sup>41</sup> Em "Objetos transicionais e fenômenos transicionais", de Winnicott (1951): "Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta ('Diga: "bigado")." (1975, p. 14).

<sup>42</sup> Winnicott (1951) : "... concretizo minha idéia sobre a brincadeira, reivindicando que o brincar tem um lugar e um tempo. Não é dentro, em nenhum emprego da palavra (e infelizmente é verdade que a palavra 'dentro' possui muitos e variados usos nos estudos psicanalíticos). Tampouco é fora, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer." (1975, p. 62).

<sup>43</sup> WINNICOTT, D. W. What do We Mean by a Normal Child?. In: The Child, the Family, and the Outside World. Londres: Penguin Books, 1964.

Talvez a mais importante das influências temperamentais na obra de Donald Winnicott seja simplesmente a sua crença de que a vida vale a pena ser vivida. Não há nada de romântico e sentimental nisso: ele tinha plena consciência de que 'a vida é difícil, inerentemente difícil para qualquer ser humano, para cada um de nós desde o seu princípio' (19), (...) Vinculado a isto estava a crença de que cada ser humano, dado um ambiente facilitador, contém intrinsecamente o impulso para o crescimento em direção à maturidade, tanto emocional quanto física, e para uma contribuição positiva à sociedade. (p.19).

Mas, essa potencialidade não se realiza positivamente à mercê do acaso. "O que é viver" compunha, então, para Winnicott (1967a), uma das preocupações que penetrava o campo de suas teorizações, pois estava em jogo distinguir que tipo de vida estava sendo possível para o indivíduo. Assim, a ausência da doença psiconeurótica pode significar saúde, mas não necessariamente vida. Esta requer o prazer de viver que só acontece a partir do gesto espontâneo, da existência de um self-verdadeiro em ação. O gesto espontâneo, ativo, mas não reativo, seria uma condição necessária para um desenvolvimento saudável (porém é preciso entendê-lo: este gesto não acontece no vácuo, o indivíduo só pode ser considerado em sua existência tendo, vinculado a si, o ambiente e suas provisões) e se situa no âmbito dos fenômenos que pertencem às experiências de relação de objeto do tipo não orgiástico, as experiências lúdicas. Segundo Winnicott (ibid):

... não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. (...) É o eu (self) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu (self); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar. Poderia empregar a frase de Buffon: "Le style est l'homme même. (1975, p.137).

Um 'senso de self' requer um processo de descoberta que somente acontece se a criatividade estiver presente associada às condições necessárias para que isto ocorra (Winnicott, 1971b): "É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)." (1975, p. 80). E, assim, é possível postular que a qualidade de vida vincula-se ao verdadeiro-self, ligado à idéia do processo primário. Na verdade, o sentido teórico do verdadeiro-self reside mais no servir de contraposição ao falso-self – sobre o qual será desenvolvido o próximo capítulo – à medida que, segundo Winnicott (1960), apenas reúne os pormenores da experiência de viver. É importante entender que a perspectiva adotada para a criatividade é de uma proposição universal, relacionada ao estar vivo (Winnicott, 1971a):

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa. (1975, p.100).

A criatividade, que se expressa no brincar, vê-se, pois, definitivamente associada à saúde do viver e isso é compartilhado por homens e mulheres. O lugar do brincar denomina-se espaço potencial, conceito já introduzido no capítulo anterior. Ele, constituído tanto entre a criança e a mãe, quanto entre a criança e a família e entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo (Winnicott, 1967a), "Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo." (1975, p. 142).

Um aspecto importante a distinguir na criatividade, além do que foi afirmado acima sobre ela ser compartilhada por homens e mulheres, é que ela também pode ser considerada como característica apenas feminina ou apenas masculina. Neste momento, torna-se pertinente trazer a formulação winnicottiana sobre os elementos masculino e feminino puros (Winnicott, 1971a), já que isto se liga à questão do sentimento de SER - que precede o FAZER do brincar - na qual se apoia o 'senso de self' que reconhece a vida digna de ser vivida.

Postulando que há elementos feminino e masculino puros em todos os indivíduos, Winnicott (ibid) segue Freud na visão da bissexualidade de cada indivíduo. Mas, traz uma contribuição pessoal com uma distinção que contrasta um elemento masculino puro – que faz - relacionado ao aspecto impulsivo (ativo ou passivo) da relação de objeto, em que há uma separação sujeito/objeto pressuposta, com um elemento feminino puro – que é – relacionado ao aspecto de identidade entre

sujeito-objeto. A experiência de ser, a mais simples de todas as experiências, é estabelecida pela relação de objeto do elemento feminino puro, o que requer, em seus primórdios, a presença de uma mãe suficientemente boa. Como diz Winnicott (ibid):

... Acredito que é aqui, na dependência absoluta da provisão materna, daquela qualidade especial pela qual a mãe atende, ou deixa de atender ao funcionamento mais primitivo do elemento feminino, que podemos buscar o fundamento da experiência de ser. (...)

Hoje desejo dizer: 'Após ser - fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo'. (1975, p. 120).

Neste momento, tornam-se mais cristalinamente claras afirmações anteriores em que defendi uma maturidade de selves para a possibilidade do amor se transformar numa realidade vivenciada pelo par amoroso. Para Winnicott<sup>44</sup>, citado por Khan (1993), a maturidade enseja a relação amorosa com preservação da identidade:

Só o self e a vida do self é que têm sentido de ação e de vida do ponto de vista do indivíduo que até então cresceu e que continua a crescer da dependência e imaturidade para a independência, e a capacidade de identificar-se com objetos de amor maduros, sem perda da identidade individual. (p. 45).

---

<sup>44</sup> WINNICOTT, D. W. Letter to Mme Jaennine Kalmanovitch. In: Nouvelle Revue de Psychanalyse, vol. 3, 1971.

Este aspecto recoloca a alteridade em cena, ela que já foi defendida, anteriormente, como coexistindo ao lado do componente narcísico no relacionamento amoroso. Mas, a alteridade não é fundamental apenas na relação dual entendida como amor. Ela também constitui, na questão da identidade trabalhada numa perspectiva mais social, o elemento necessário para a oposição e contraste que a definem. Neste momento, entram em jogo as alteridades, a pluralidade versus a singularidade. E, se a identidade assim compreendida, como totalidade, configura-se através do conjunto de relações sociais vividas pelo indivíduo, não pode deixar, a meu ver, de requerer os espaços de vida pública e vida privada para tal, em uma sociedade em que o trânsito entre estes espaços passou a ser livremente percorrido, não mais apenas por homens, mas também por mulheres que cruzaram a fronteira da intimidade do lar numa nova participação na vida social. A divisão da própria vida entre fragmentações dissociadas dos espaços de vida pública e privada em decorrência dos obstáculos criados por um determinado relacionamento amoroso será, sem dúvida, uma determinação mais fortemente social do viver da parceira amorosa. Esta, por outro lado, sendo expressão da complexa materialização do universal no singular, contará também com uma determinação mais fortemente individual do seu processo pessoal de desenvolvimento emocional.

Nome do arquivo: D 43-62 1-2 a cada instante uma nova pessoa...  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 23/10/2000 17:07  
Número de alterações: 150  
Última gravação: 11/11/2000 17:29  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 236 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 12:59  
Como a última impressão  
Número de páginas: 20  
Número de palavras: 4.037 (aprox.)  
Número de caracteres: 23.012 (aprox.)

### 1. 3. Participípio passado: sob a égide do falso-self

“As coisas têm que mudar para continuar como são.”

Filme "O Leopardo"

Itália, século XIX. Aristocracia em decadência. O casamento continua um ato político, mas cede espaço ao poder ascendente da burguesia. Tancredi, sobrinho do Príncipe Fabrício, da Casa de Salina, é destinado a casar com a filha de D. Calógeno, revolucionário burguês. Ao ouvir o comentário de um amigo, "Este casamento significa o fim de tudo, o fim da Casa de Salina.", o Príncipe rebate, dizendo: "Este casamento não é o fim de tudo. Este casamento é o começo, começo de tudo. Há coisas que você não consegue entender.". Mas, o começo aí anunciado não seria senão uma retomada reformista do poder político, a busca da vitória do conservadorismo, brilhantemente expresso na frase "As coisas têm que mudar para continuar como são.". Este é o ponto fulcral da trama do filme "O Leopardo".

Estado-Nação brasileiro, século XX. Uma complexa hibridação do arcaico com o moderno continua presente na sociedade



brasileira. Compreender sua construção requer que sejam refletidas as questões "1) O quê mudou? Como mudou? Por quê mudou?; 2) O que permaneceu? Como permaneceu? Por quê permaneceu?" (Dantas de Araújo, 1993). Isto é uma necessidade sempre que se busca compreender a dinâmica dos processos de mudança - reformas e revoluções - e estados ou elementos de permanência.

Não é este o primeiro momento em que focalizo a questão da tensão continuidade/descontinuidade e a razão situa-se no argumento dado sobre a criatividade – em sentido amplo, como aquilo que permite a emergência do novo, seja social, seja individual - como cimento a unir os elementos por vezes tão diferentes desta elaboração investigativa. E, valendo-me de exemplos de situações históricas (mesmo a retratada em filme tem elos com a realidade da época), pretendo continuar no compasso da dança interpolar, abordando o conceito de Falso-Self winnicottiano sem perder de vista as determinações históricas que modelam e configuram plasticamente a expressão da psique na sua inserção no mundo.

Vale distinguir que há processos de mudança social que dispensam o novo, assentando o antigo sob novas bases: são as mudanças reformistas, que carregam os elementos arcaicos ainda que disfarçados de novos. O caráter revolucionário de uma mudança seria o que realmente conteria a criatividade na forma considerada neste estudo, aquele mesmo caráter revolucionário que Kuhn (1994), *mutatis mutandis*, identifica nos momentos de mudança paradigmática na ciência.

Evidentemente, não se poderia dispensar os elementos de continuidade num processo histórico e isso vale tanto para a história das sociedades quanto para a história dos indivíduos, em relação aos quais interessa a iluminação maior da análise. Repetindo e elastecendo o sentido dado por Borges (1996), já citado, é "a idéia da permanência no fugaz" que permite a identidade, a singularidade auto-reconhecida e reconhecida pelos demais, seja das sociedades, seja dos indivíduos. Esses elementos, portanto, não seriam, necessariamente, entraves para o desenvolvimento.

Mas, é possível que eles assim atuem. Os elementos de permanência podem vir a ser um verdadeiro freio ao movimento de construção do novo e, no plano individual, a permanência dos elementos tradicionais da sociedade é imposta através dos papéis sociais, institucionalização das práticas que constrange os indivíduos a um repertório de direitos e deveres preconizados como imutáveis para cada localização assumida no espaço social. Assim, o processo de socialização leva o indivíduo a se tornar um membro da sociedade pela aquisição de seus valores, normas e representações sociais, com o caráter de coercitividade que o fato social carrega, ainda que haja reciprocidade e bilateralidade nesse processo<sup>45</sup>, como reconhecem Berger e Luckmann (1985).

---

<sup>45</sup> O processo de socialização contaria com a articulação de três momentos: a exteriorização que é "... a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens..."; a objetivação que é "... a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) do homem, de uma realidade que se defronta com seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles..."; e a interiorização que é "... a reapropriação dessa mesma

Ainda que a história social dependa de um sujeito coletivo para se mover, ela requer as subjetividades individuais. Mas, se estas, configuradas segundo um modelo, uma visão de mundo dominante, não conseguirem senão reproduzir, não há como a sociedade mudar revolucionariamente. Ela estaria se movendo, inercialmente, presa aos seus elementos de permanência e o seu desenvolvimento aprisionado ao passado poderia arrastá-la para a estagnação e morte. É na ruptura que há espaço para a inovação, para a ação criativa que impulsiona o desenvolvimento e isto depende dos dois termos do processo, individual e coletivo.

Há, portanto, uma determinação histórica que age sobre os indivíduos conformando-os a uma realidade anterior, amalgamando-os a uma forma histórica de pré-modelação. E, no entanto, isto não significa uma impossibilidade de avanço através da construção de novas realidades. Se não é o indivíduo que move a história social isoladamente, mas somente pela composição de um sujeito coletivo, ele carrega, a meu ver, o núcleo geracional da mudança, pois a criatividade, mesmo estando submetida aos ditames do social, é, como diz Menna Barretto (1982), algo da ação isolada do indivíduo, ainda que o seu produto seja compartilhado e aprimorado pela participação de outros indivíduos.

O que permite que um potencial do ser humano – a criatividade - se realize, no entanto, não pode ser situado no plano

---

realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estrutura do mundo exterior em estruturas da consciência subjetiva...". (Berger, 1985, p.16).

individual, pois às determinações sociais já referidas, aliam-se as determinações psíquicas geradas no estar no mundo desde os seus primórdios de vida (vale frisar que determinações aqui não são entendidas de forma mecânica), ou seja, o ambiente e o indivíduo são indissociáveis como sentido.

E se, no seu desenvolvimento, houve a constituição de um verdadeiro-self prevalente, ensejando o sentimento de uma vida significativa, valiosa e criativa, como discutido no capítulo anterior, o indivíduo sofrerá menos o que, no falso-self, atua como freio ao seu desenvolvimento. Mas, caso contrário, se o falso-self tem domínio e expansão na vida da pessoa, o caminho para um viver saudável pode estar minado pelos obstáculos daí originados.

Retomando um pouco do que foi dito em 1. 2., o falso-self seria a parte do self mais voltada para o mundo, para o exterior, segundo Winnicott (1960), seguindo de perto uma postulação de Freud (convém lembrar que não estou mais tratando da dimensão ampla com que lidei para falar do exterior nos parágrafos anteriores, mas ao exterior do bebê, seu ambiente em que ele encontra uma mãe suficientemente boa ou insuficientemente boa, ainda que ela seja uma mediadora do universo social mais amplo e carregue consigo as injunções daquele). Ele e o verdadeiro-self são presentes, necessariamente, em todos os seres humanos e são elementos necessários ao processo de transformação/reprodução no indivíduo. Assim, da mesma forma como

pensar o indivíduo conduzido totalmente por um verdadeiro-self não faz sentido, pois seria "um indivíduo sem ambiente", o que já foi dito ser impossível considerar para Winnicott (que estou a seguir), também não faz sentido pensar um indivíduo que atue somente segundo um falso-self<sup>46</sup>. Isto fica claramente explicitado por este autor (Winnicott, 1971a):

Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. (...). (1975, p. 99).

Indo mais além, apesar da longa extensão para uma citação, é útil continuar com Winnicott (1960), ele próprio, a falar dos graus do falso-self:

1 - Em um extremo: o falso self se implanta como real e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real. Nos relacionamentos de convivência, de trabalho e amizade, contudo, o falso self começa a falhar. Em situações em que o que se espera é uma pessoa integral, o falso self tem algumas carências essenciais. Neste extremo, o self verdadeiro permanece oculto.

2 - Menos extremo: o falso self defende o self verdadeiro; o self verdadeiro, contudo, é percebido como potencial e é

---

<sup>46</sup> É importante ressaltar que, em caso extremo de patologia, fala-se de pessoas que só têm falso self. Mas, embora isto expresse uma possibilidade de manifestação de tal forma "hegemônica" do falso self que o verdadeiro self sucumbiria a uma 'não expressão', a uma expressão tão reduzida que seria na prática equivalente a uma não expressão, entendo que, como elementos de uma unidade dialética, uma unidade de contrários, a existência absoluta de um ou de outro não seria uma possibilidade teórica (e nem mesmo prática, mesmo que seja considerada a distância infinitesimalmente reduzida que pode ocorrer entre duas situações).

permitido a ele ter uma vida secreta. (...) Esta é uma extensão do conceito psicanalítico do valor dos sintomas para a pessoa doente.

3 - Mais para o lado da normalidade: O falso self tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao self verdadeiro emergir. Se essas condições não podem ser encontradas, então novas defesas têm de ser reorganizadas contra a expoliação do self verdadeiro, e se houver dúvida o resultado clínico pode ser o suicídio. Suicídio neste contexto é a destruição do self total para evitar o aniquilamento do self verdadeiro. Quando o suicídio é a única defesa que resta contra a traição do self verdadeiro, então se torna tarefa do falso self organizar o suicídio. Isto, naturalmente, envolve sua própria destruição, mas ao mesmo tempo elimina a necessidade de sua existência ser prorrogada, já que sua função é a proteção do self verdadeiro contra insultos.

4 - Ainda mais para o lado da normalidade: o falso self é construído sobre identificações (...).

5 - Na normalidade: o falso self é representado pela organização integral da atitude social polida e amável, um "não usar o coração na manga", como se poderia dizer. (...). (1990, p. 130).

Eliminadas possíveis bases de distorção para uma compreensão errônea advinda de um entendimento falho do seu caráter funcional, é pertinente analisar o falso self à medida que ele pode favorecer o aprisionamento do indivíduo em papéis sociais cristalizados – Winnicott<sup>47</sup>, citado por Khan (1993): "O falso self pode ser convenientemente sintônico com a sociedade,..." (p. 49) - e, no caso da parceira amorosa, fixar-lhe moldes solapadores da atividade lúdica que vivifica o relacionamento amoroso. Para o relacionamento amoroso, as trocas simbólicas são condição necessária, porém não suficiente, elas

---

<sup>47</sup> WINNICOTT, D. W. (1950-5). Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993, p. 355-374.

precisam ser acompanhadas de uma imersão no desejo do outro no espaço potencial, para que o amor se realize. Um dos mais importantes sinais de maturidade do desenvolvimento emocional para Winnicott, segundo Davis e Wallbridge (1982), a experiência de não-integração no bebê, precursora da capacidade adulta de relaxar - a capacidade de estar só no sentido winnicottiano – prepara a cena para uma experiência do id. E isso é função do verdadeiro-self, articulado que é ao processo primário.

O funcionamento do verdadeiro-self pode, no entanto, ser bloqueado pelo falso-self, cuja etiologia justifica suas características de submissão e imitação. Pois é pelo submeter-se às exigências do meio ambiente por necessidade que emerge o falso-self no bebê (Winnicott, 1960):

A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso self, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente. (1990, p. 133).

A necessidade de um bebê experienciar o sentimento de onipotência está presente nas aproximações metapsicológicas elaboradas por Francisco (1995) acerca do Verdadeiro e Falso-Self na teoria de

Winnicott. Este estudo ressalta ainda uma formulação de Winnicott<sup>48</sup> que veio, de forma muito clara, responder a algo encontrado em campo, qual seja a de uma relação entre o falso-self e potencialidades congeladas:

Uma idéia específica de Winnicott em sua conceituação de falso-self é a de que, na vigência deste, o verdadeiro self permanece congelado\*, numa posição de esperança para um dia manifestar-se e ocupar seu lugar. (p. 195).

Francisco (ibid) apresenta, ainda, a relação entre o falso-self e a perda do elo que o indivíduo tem com suas potencialidades (a possibilidade de realização ontogênica), e a relação entre falso-self e simbolização criativa como aproximações metapsicológicas que ajudam a compreensão das relações presentes no processo psíquico.

Sem que seja possível falar do falso-self sem remissão ao verdadeiro-self e vice-versa, considero que a luz maior sobre o falso-self

---

<sup>48</sup> WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1988, p. 269-285.



deve ser captada, inclusive, na trama entre os dois a dizer da impossibilidade de um amor criativo se desenvolver entre pessoas cujos selves estão sob a tirania dos seus aspectos falsos-selves.

O abdicar do eu espontâneo gera um sentimento de futilidade (isso se o falso-self não sofreu uma hipertrofia tal que chega a obscurecer a opressão em que se acha encarcerado o verdadeiro-self atrás dos sucessos sociais), uma perda do sentido de vida para a pessoa. Segundo Winnicott (1964),

Suponho, de maneira genérica, que, mesmo que seja possível uma concessão na vida diária, não há concessão possível para o indivíduo em alguma área que ele elege como especial. Pode ser ciência, religião, poesia ou jogos. Na área escolhida, não há lugar para concessões. (1989, p. 54).

A esta relação de áreas, eu acrescentaria o amor criativo entre um homem e uma mulher, centro da presente investigação. Não que seja esquecido aqui tudo que se falou sobre os seus moldes históricos, mas no sentido de ser uma condição necessária para seu acontecer no espaço de autonomia relativa que resta ao indivíduo, de ele somente poder se constituir como amor – criativo - pela presença de selves verdadeiros. O falso-self precisa ceder espaço para que o viver e o amar não se resumam a uma reprodução de fórmulas anteriores e exteriores aos indivíduos. Amar

no gerúndio é uma imposição do próprio amor. O falso-self, ao aprisionar o amor no particípio passado, impede seu acontecer.

Nome do arquivo: E 63-72 1-3 participio passado- sob a egide do falso  
self  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de  
aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 8/11/2000 15:51  
Número de alterações: 4  
Última gravação: 11/11/2000 09:36  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 3 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:00  
Como a última impressão  
Número de páginas: 11  
Número de palavras: 1.978 (aprox.)  
Número de caracteres: 11.277 (aprox.)

## II - AMANDO E/OU SENDO AMADA: NÓS QUE SE (DES)ATAM

### Ajustando a lente

A tela da investigação será ocupada agora com seus personagens principais: as pessoas com quem eu me encontrei e que discursaram sobre suas experiências de vida amorosa. Mas, meus olhos e ouvidos nus não me permitiriam as rupturas epistemológicas dos campos doxológico para o epistêmico e deste para o teórico, como é apropriado ao desenvolvimento de um trabalho situado no campo das ciências humanas. Neste domínio, discorrendo sobre o rigor e a descoberta, Laurence Bardin (1988) alerta para o risco da evidência do saber subjetivo, da projeção da própria subjetividade na apreensão das significações dos protagonistas sociais, especificando que

Esta atitude de "vigilância crítica" exige o rodeio metodológico e o emprego de "técnicas de ruptura" e afigura-se tanto mais útil para o especialista em ciências humanas, quanto mais ele tenha sempre uma impressão de familiaridade face ao seu objecto de análise. É ainda dizer não "à leitura simples do real"... (p. 28).

Assim, as idas e vindas das águas da pesquisa ressumam os seus aspectos metodológicos, antes do início do conteúdo propriamente dito deste capítulo. Tentarei esclarecer melhor algumas afirmações feitas anteriormente, quando me referi a uma psicologia sem fronteiras.

Como ponto de partida, é cristalina e inegavelmente claro que a investigação segue uma abordagem (estritamente) qualitativa e, neste âmbito, enquadra-se no enfoque compreensivo. Mas, a partir daí, os caminhos tornam-se mais tortuosos. E, para que não pareça que estou a desdenhar dos ditames da ciência, trago algumas citações que servirão de leito à abertura da apresentação do exercício de busca de uma metodologia pertinente ao objeto investigado, mesmo que a liberdade não implique introduções revolucionárias.

Falando sobre Ciência e Cientificidade, Maria Cecília de Souza Minayo et al. (Deslandes, 1994) advogam que não se tome cientificidade como sinônimo de normas e modelos a serem seguidos, mas sim como uma idéia reguladora de alta abstração, explicitando um conceito de metodologia da pesquisa em que:

Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador. [grifo meu] Feyerabend, num trabalho denominado "Contra o método" (1989), observa que o progresso da ciência está associado mais à violação das regras do que à sua obediência. "Dada uma regra qualquer, por fundamental e necessária que se afigure para a ciência, sempre haverá circunstâncias em que se torna conveniente não apenas ignorá-la como adotar a regra oposta". Em "Estrutura das revoluções científicas" (1978), Thomas Kuhn reconhece que nos diversos

momentos históricos e nos diferentes ramos da ciência há um conjunto de crenças, visões de mundo e de formas de trabalhar, reconhecidos pela comunidade científica, configurando o que ele denomina paradigma.

Porém, para Kuhn, o progresso da ciência se faz pela quebra dos paradigmas, pela colocação em discussão das teorias e dos métodos, acontecendo assim uma verdadeira revolução.

O método, dizia o historicista Dilthey (1956), é necessário por causa de nossa "mediocridade". Para sermos mais generosos, diríamos, como não somos gênios, precisamos de parâmetros para caminhar no conhecimento. Porém, ainda que simples mortais, a marca da criatividade é nossa "griffe" em qualquer trabalho de investigação. [grifo meu]. (p.16).

O reconhecimento da necessidade de caminhar na incerteza, com seus riscos, como é próprio do processo criativo, alia-se ao reconhecimento de não contarem as ciências sociais e humanas com delineamentos metodológicos avançados, na mesma ordem daqueles com que contam as ciências naturais. É mister, no entanto, expressar claramente os procedimentos adotados no sentido de atender ao que diz Antonio Chizzotti (1991) apresentando a pesquisa qualitativa:

... A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. O pesquisador deverá, porém, expor e validar os meios e as técnicas adotadas, demonstrando a cientificidade dos dados colhidos e dos conhecimentos produzidos. (p. 85).

De certa forma, o apoio que estou apresentando de autores teóricos da área de metodologia da ciência vem corroborar uma perspectiva necessária para abrigar todo o trabalho desde o recorte feito, que configura um campo de pesquisa com uma realidade empírica a ser articulada a concepções teóricas nos moldes de uma confluência de áreas disciplinares. Pois não há, a meu ver, possibilidade de dissociação entre criatividade e ciência. Como afirmam Joel Martins e Maria Aparecida V. Bicudo (1989):

Uma volta ao mundo-vida é condição essencial para a criatividade tanto na imaginação, quanto no ato de pensar. O artista e o cientista caminham juntos e são uma unidade, pois ao nível mais fundamental da experiência humana não há dicotomia entre sensibilidade e pensamento. [grifo meu]. (p. 90).

E, se antes vali-me da sua concepção de criatividade para falar do self-verdadeiro em ação, volto a Winnicott<sup>49</sup>, citado por Maria Emília Lino da Silva (1993), como fecho desta defesa de um espaço de autonomia e liberdade (e responsabilidade) na investigação científica: "Na área do processo intelectual de grau superior, é necessário encontrar uma alternativa para a verdade poética - é a isso que se dá o nome de pesquisa científica." [grifo meu]. (p. 24).

---

<sup>49</sup> WINNICOTT, David. W. O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica. In: Tudo começa em casa, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p.136.

Respaldada no que exponho acima, inicio os caminhos tortuosos de clarificação a partir da definição do quadro de referência compreensivista. Como já me ocorreu fazer antes, em alguns momentos, estarei sustentada por definições positivas e noutros por definições negativas, premida pela própria dificuldade do empreendimento.

O modo de investigação que serve de base para a abordagem efetuada - estudo de caso - se caracteriza como "uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente." (Triviños, 1994, p. 133). É, principalmente, o caráter intensivo da análise que distingue tal modalidade de pesquisa qualitativa, esteja em jogo a vida de um indivíduo ou a de uma instituição. Neste momento, vale ressaltar que ele não foi utilizado em sua forma pura no que tange a este caráter. E isto em função da ambientação híbrida da pesquisa, no que se refere à já comentada opção por uma psicologia sem rígidas fronteiras internas. O que chamei de estudos de caso "entrelaçados" em "I - A Vida é Arte no Gerúndio – Emergindo uma pesquisa" justifica-se agora como correspondendo a algo que nem é equivalente a um tratamento na profundidade ideográfica de um estudo de caso como ocorre em psicologia clínica<sup>50</sup> - mesmo que esteja em uso e seja basilar o apoio teórico citado de

---

<sup>50</sup> Muito embora seja também reconhecido por muitos como Método Clínico aquele utilizado por Piaget em suas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, a afirmação está apoiada na revisão teórica efetuada por Regina Célia T. Miotto (1994) sobre a questão, em sua tese de doutoramento, em que, ainda quando ressalta a conotação ampla da palavra clínica, dada por Barbier, mantém como determinante o binômio doença-saúde. É oportuno, no entanto, lembrar que, no tocante à psicanálise, há reações a este estreitamento do campo de pesquisa: "Esse método ele (Freud) o empregou muito à vontade fora do setting, e mesmo quando estava em jogo não uma pessoa, mas um produto humano. Assim ele analisou quadros, esculturas, livros, mitos, peças teatrais, instituições, etc. Assim ele analisou, inclusive, seus próprios sonhos, lapsos, e dados biográficos.



Winnicott - nem à ênfase nos aspectos gerais que poderão ser descortinados pela análise, como ocorre em psicologia social. Chamo a atenção que situar a pesquisa numa área de confluência acarreta as conseqüências claras de não aprofundamento que uma ou outra posição poderia permitir, mas que o reconhecimento deste fato se conjuga ao de poder ser bastante enriquecedora tal abertura de pesquisa, como observa Bardin (1988) sobre as práticas insulares na psicologia, ao falar sobre análise de conteúdo, em nota de rodapé:

Lamentemos de passagem a falta de comunicação entre a psicologia clínica e a psicologia social. Os investigadores e os praticantes destas duas disciplinas muito teriam que aprender neste assunto. Os primeiros por fazerem análise de conteúdo sem o saberem (testes projectivos), ou por ignorarem o interesse desta técnica. Os segundos, porque a preocupação de rigor metodológico os leva a desprezar as contribuições da atitude clínica. (p.127).

Se o estudo não se fecha na questão “Como o reflexo da não-integração dos espaços de vida pública e privada no seu sentimento de identidade enquanto parceira amorosa atinge o relacionamento amoroso para a mulher”, na medida em que se mantém com sua feição exploratória vigorando, tem aí seu núcleo vital e, portanto, requer uma metodologia que permita atingir seu objeto de estudo. É preciso ressaltar, porém, que não estou defendendo uma dicotomização em termos de metodologias

---

Hoje, mais realistas que o rei, tende-se a restringir o campo de pesquisa, nascido com a ambição de abarcar toda a experiência humana, às quatro paredes de um consultório." (Silva, 1993, p. 20).

quantitativa e qualitativa. Estas bem podem estar associadas em outros projetos.

Ainda que na proposta feita de estudos de caso - entrelaçados - exista embutido na expressão algo da ordem de uma análise nomotética, e nisso entre, inevitavelmente, uma comparação de sujeitos no sentido de divergências e convergências, não estarei quantificando, mas lidando com os encontros e desencontros existentes no confronto das descrições. E, para que seja possível realizar tal análise, é necessária, segundo Martins e Bicudo (1989) a etapa das análises ideográficas:

(...) inicia-se a análise nomotética, buscando-se insights gerais das estruturas individuais. (...).

(...)

(...) uma estrutura psicológica individual pode, como um todo, pelo menos em princípio, pertencer a vários outros indivíduos. Por outro lado, naturalmente, mesmo que os significados imanentes e o conhecimento estrutural que deles se tem transcendem as experiências individuais. (sic) Isso não implica que sejam necessariamente verdadeiros para todos ou, ainda, para muitos indivíduos. (p. 107).

É precisamente o contínuo deslizar entre os pólos do singular/plural, particular/universal, individual/social, reconhecidamente imponderável, que sustenta nosso interesse de pesquisa ao compor a vivência humana. São as experiências concretas das entrevistadas, as vivências em suas formas únicas de expressão, os eventos no que eles significam para si, as "percepções pessoais, sentimentos íntimos que

marcaram sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida" (Chizzotti, 1991, p. 95) que estarão, em primeiro lugar, sob a lente fenomenológica de apreensão dos significados e da relevância que os fenômenos têm para elas mesmas.

Paul De Bruyne (19--) observa que "A fenomenologia constitui portanto um processo epistemológico com o qual as ciências sociais deveriam esclarecer suas problemáticas..." (p. 80), ao mesmo tempo em que afirma que os "processos discursivos", os "métodos" muito gerais - a dialética, a fenomenologia, a lógica hipotético-dedutiva, a quantificação - que gravitam em torno do pólo epistemológico de uma pesquisa não se excluem mutuamente, podendo alguns estarem onipresentes e outros estarem ausentes em certas pesquisas particulares. Creio que as especificidades da psicologia não a retiram deste cenário. No caso particular desta pesquisa, a atitude fenomenológica está consonante com o fato de o significado ser o conceito central de investigação: não estarei, como na investigação psicanalítica, voltada para o inconsciente nem tampouco articulando a análise com as macro-estruturas sociais em que as entrevistadas estão inseridas, como seria no caso do estudo ser empreendido no âmbito da psicologia social de influência dialético-materialista. Mas, são as percepções que as entrevistadas têm de suas experiências de vida amorosa, expressadas por elas, são suas vivências, na forma como são entendidas como Joel Martins e Maria Aparecida V. Bicudo (1989), ou seja, como experiências percebidas de modo consciente por aqueles que as executam, que constituem a matéria-prima deste

estudo. Desta forma, vale citar os mesmos autores que, diferentemente de Paul De Bruyne (19--), estão, neste texto, escrevendo, especificamente, sobre a pesquisa qualitativa em psicologia:

...O pesquisador que trabalha fenomenologicamente orienta-se por um sentido, isto é, pelo conhecimento imediato, intuitivo, lógico que tem do fenômeno a ser investigado, e por critérios científicos, como é orientado o pesquisador que procede de acordo com os critérios das Ciências Naturais. Mas deve ser enfatizado que, diferentemente do cientista natural, o fenomenólogo ainda está no início da sua história de produção de uma metodologia científica nas ciências humanas e, por isso mesmo, não possui paradigmas prontos que dão origem a métodos a serem usados, prontos-à-mão. (Martins & Bicudo, 1989, p. 93).

Fica esclarecido, então, que estou tomando a fenomenologia como metodologia de compreensão, sem perder de vista, no entanto, o que diz Sartre (1984) sobre o princípio antropológico definir a pessoa concreta pela sua materialidade. Ou seja, se é importante, por um lado, precisar os limites da investigação, reconhecendo que não são focalizadas as relações estruturais fundamentais do ponto de vista histórico - e nisso os suportes teóricos adotados e já comentados no capítulo anterior têm também o seu papel - por outro, defendendo que o trabalho não recai numa posição idealista, mas sim, num dos momentos possíveis de pesquisa sobre o humano, apoiado que está numa concepção de psiquismo forjado na materialidade da vida social. É dentro desta visão estendida para as descrições como vivências singulares que se configuram, necessariamente,

na teia das relações sociais, que expresse o acordo com as afirmações de Joel Martins e Maria Aparecida V. Bicudo (1989):

... só haverá Ciência Humana se se visar à maneira pela qual as pessoas, ou os grupos delas, representam as palavras para si mesmas, utilizando suas formas de significados; como elas compõem discursos reais; como revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez porque o que dizem seja desconhecido para elas mesmas; como revelam mais ou menos o que desejam, (...)

Assim, os conceitos sobre os quais as Ciências Humanas se fundamentam, em um plano da pesquisa qualitativa, são elaborados pelas descrições. (p.43).

A dimensão do fenômeno humano é tão complexa que é sempre apenas parcialmente desvendada por qualquer adoção teórico-metodológica. Mesmo no campo da(s) psicanálise(s), notadamente de grande solidez teórica e definição metodológica em cada uma de suas vertentes, é possível ouvir vozes que levantam antidogmaticamente tal questão, como ocorre com Gilberto Safra (1993), dissertando sobre pesquisa na área: "A experiência clínica apresenta uma infinidade de variáveis e fenômenos impossíveis de serem abarcados por um único vértice ou concepção teórica." (p.129). Há, nesse campo, características que não se coadunam com o presente estudo, ainda que seja a teoria psicanalítica winnicottiana um dos seus pilares de sustentação teórica. Como foi dito no primeiro capítulo, não há um único esteio teórico ao longo deste percurso e a psicanálise, diferentemente da práxis dos que

nela se situam profissionalmente, será presente através de seus elementos conceituais que irão subsidiar a reflexão sobre as descrições das entrevistadas. Poderia ser dito, em passos arremedados de Antonio Muniz de Rezende (1993), que a entrevista como encontro social, com a conseqüente constituição de uma intersubjetividade, permite aqui que o pesquisador passe do nível de exegeta para o de hermeneuta, mas não chegue ao nível de intérprete clínico no sentido de alcance, de forma penetrante, dos aspectos profundos do eu.

É o discurso apreendido como processo, e não como dado, que está na base do entendimento da metodologia fenomenológica como capaz de adentrar o campo da hermenêutica. Ao empreender a busca da apreensão das essências, necessita-se do solo da intersubjetividade que é seu continente. É neste palco, ainda, que tem amplo espaço a discussão da questão central nas ciências humanas, a da tensão Objetividade & Subjetividade, a carregar por trás de si a questão mais nuclear da concepção de homem daqueles que fazem ciência (Dantas de Araújo, 1998). E porque não se faz ciência sem o universal e sem o particular, é preciso acompanhar o que diz Gramsci (1987): "Objetivo significa sempre 'humanamente objetivo', o que pode corresponder exatamente a 'historicamente subjetivo', isto é, objetivo significaria 'universal subjetivo'." (p. 170).

Abordadas até aqui as questões do modo de investigação, quadro de referência e método, quero retornar à primeira delas em seus

aspectos concretos da coleta de dados. Como já foi dito, a técnica utilizada foi a entrevista e houve dois estágios: um estudo-piloto em Natal, em duas fases, e a coleta definitiva realizada na cidade de São Paulo (vale ressaltar que é possível distinguir dois tipos de entrevista em função da demanda que está em jogo: aquela em que a demanda é do entrevistado – situação típica da clínica psicológica – e aquela em que a demanda é do entrevistador, situação em que se enquadra uma pesquisa, como é o caso presente). Nesta fase, foram feitos sete contatos com pessoas indicadas, de acordo com o perfil elaborado, e seis entrevistas (em mais de um contato cada), pois uma promitente colaboradora declinou de sua disposição por razões profissionais que a aproximavam do universo psi, no próprio momento do primeiro encontro (vale registrar que não deixou de ser uma tentativa de colaboração válida). Na medida em que a orientação do perfil não garantia uma indicação fiel, optei por trabalhar com três histórias de vida amorosa, pois os relatos das demais não abarcavam o objeto de estudo. Vale observar que o universo de pesquisa sofreu ajustes na definição do seu perfil com a evolução do trabalho, concluindo na forma que está apresentada no Anexo. Houve a determinação de fatores vários: a) inicialmente, na etapa do estudo-piloto, havia maior facilidade de estabelecer contatos à medida que o perfil da colaboradora não exigia a experiência amorosa que acarretasse uma vida pessoal cindida em espaços separados em termos de vida pública e vida privada; mas, constatei a inviabilidade do tempo disponível para contar, casualmente, com pessoas cujas descrições fossem pertinentes ao objeto de estudo; b)

posteriormente, feita uma experiência em Natal com tal tipo de solicitação - a pessoa indicada deveria contar com aquele perfil - decidi-me pela não utilização de um universo de pesquisa nesta cidade, por sua pequena dimensão e conseqüente possibilidade maior de identificação das histórias de vida entre pessoas da sua classe média, ainda que já houvesse a decisão de utilizar fragmentariamente os discursos das entrevistadas, de forma a não apresentar as suas histórias de vida em todos os detalhes falados (a análise tem que ser feita considerando o todo, evidentemente, mas não haverá a exposição integral dos discursos, mesmo considerando as trocas usuais de dados de identificação que foram efetuadas). Havia também a questão pragmática do tratamento dos dados, à medida que cada colaboradora, neste segundo estágio, passava a ser entrevistada, em geral, em duas sessões ou três, pois já não se tratava de relatos imaginários de acontecimentos, mas da assunção do que constituía, de fato, vivências da pessoa e isso era reavivado e tematizado por ela, o que resultava em uma grande quantidade de material transcrito para ser analisado. Esses fatores são aceitáveis para que haja um universo reduzido numa abordagem qualitativa, desde que ela cumpra o seu papel de atender à necessidade de cobertura do objeto de estudo, como julgo ser o caso<sup>51</sup>. Mas, para que não fique apenas na minha observação, trago os comentários de Triviños (1994) e Martins e Bicudo (1989), respectivamente, sobre o assunto:

---

<sup>51</sup> Na realidade, o entrelaçamento dos estudos de caso não se constituirá, efetivamente, no abandono do estudo de caso como modo de investigação.



A pesquisa qualitativa, de fundamentação teórica, fenomenológica, pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Isto é, procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas, etc.), o tamanho da amostra. (Triviños, 1994, p.132).

e

... d) Síntese das unidades de significado transformadas em proposição: ao conduzir-se pesquisa neste contexto, é possível usar-se apenas um sujeito. Isso não quer dizer que esse procedimento é aconselhável. Desejando-se identificar unidades significativas em descrições, entrevistas, relatos, é preciso utilizar-se vários sujeitos. Porém, o número dos mesmos não segue uma normatividade como ocorre na pesquisa empírica quantitativa. O importante é considerar que quanto maior for o número de sujeitos, maior será a variabilidade ou variações e, portanto, uma melhor capacidade para ver o que é essencial. Por outro lado, estruturas especificamente situadas podem ser desejadas; elas poderiam ser baseadas na investigação de um sujeito, apenas. De qualquer maneira, o último passo da análise qualitativa é a síntese que o pesquisador precisa fazer e integrar os insights contidos nas unidades de significado transformadas em uma descrição consistente da estrutura situada do fenômeno. (...) (Martins & Bicudo, 1989, p. 99).

É interessante destacar que, durante a realização das entrevistas com uma mesma colaboradora, havia duas formas um tanto ou quanto diferenciadas de procedimento, daí por que foram citados os tipos de entrevista focalizada e semi-estruturada, de acordo com a

classificação de Honningmann<sup>52</sup>, citado por Maria Cecília de S. Minayo (1998):

Segundo a forma em que se estrutura a entrevista, ela pode ser de vários tipos. Honningmann oferece a seguinte classificação: a) sondagem de opinião, (...); b) entrevista semi-estruturada que combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador; c) entrevista aberta, (...); d) entrevista não-diretiva "centrada" ou "entrevista focalizada" onde se aprofunda a conversa sobre determinado tema sem prévio roteiro; e) entrevista projetiva, (...) (Honningmann:1954). (p. 108).

Em princípio, no primeiro contato, a entrevista não continha senão a solicitação para que a entrevistada contasse sua história de vida amorosa, da maneira como lhe conviesse falar. A partir daí, somente era seguido o curso do seu texto, segundo o modelo de entrevista focalizada, encerrando com a marcação de um retorno para prováveis esclarecimentos e aprofundamentos. No segundo ou mais contatos, a entrevista contava com um roteiro de questões que, se não surgiam espontaneamente em cena, eram por mim postas para uma possível manifestação da entrevistada. Não apenas questões de esclarecimento puro e simples da(s) sessão(ões) anterior(es), mas questões que compunham o que, no dizer de Triviños (1994), são "os resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a

---

<sup>52</sup> HONIGMANN, J. J. Culture and Personality. New York: Harper, 1954.

informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa." (p. 146). As próprias entrevistas foram semeando questões ao longo do seu desenvolvimento e todas as perguntas eram receptivas a quaisquer respostas, pois não eram classificatórias, eram antes interrogantes sobre o que estava sendo expressado.

A suspensão fenomenológica, primeiro passo da metodologia da compreensão, não significa um esvaziamento do universo simbólico com que o pesquisador interage com o mundo, mas um estado de abertura que abarca todo o ser do entrevistador, uma permissão para o devir fenomênico, um descartamento de categorias aprioristicamente constituídas, uma suspensão, enfim, do processo de pura assimilação aos esquemas existentes.

Respeitando tais princípios, no decorrer das etapas de coleta de dados, foram se presentificando as questões seguintes:

- Como a questão de identidade (como representação) se situa na relação amorosa
- Sentir-se inteira no relacionamento amoroso
- A verdade (sentimento de verdade) no relacionamento amoroso: onde está a verdade do relacionamento amoroso para a mulher?
- Amar & ser amada

- Múltiplos relacionamentos simultaneamente
- Semelhanças e diferenças na apreensão da relação amorosa pelo homem e pela mulher
- Caracterização do relacionamento como Amor: a questão da duração do relacionamento; da ocorrência, ao mesmo tempo, de relacionamentos singulares ou múltiplos; da vivência dos espaços público e privado no tocante ao relacionamento amoroso; e do lugar da verdade para aquele que vive um relacionamento amoroso
- Recursos utilizados na luta pela preservação do amor em processo de extinção.
- Lugar do Humor, da Brincadeira, e da Intimidade no Amor

Este passou a ser o roteiro que poderia, não obrigatoriamente, ser usado, complementando a escuta não-diretiva, em geral a partir da segunda entrevista realizada, caracterizando o tipo de entrevista semi-estruturada.

Finalizando o ajuste de lente, quero, antes de falar sobre os procedimentos de análise, justificar tal percurso por seu objetivo de ajudar a superar as dificuldades reconhecidas na investigação social, pelos pesquisadores em geral, tal como preconiza Minayo (1998) a

respeito da análise do material coletado no campo através de documentos, entrevistas, biografias, resultados de discussão em grupos focais e resultados de observação, quais sejam, a ilusão do pesquisador, o esquecimento dos significados presentes nos dados e o distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática de pesquisa :

O primeiro deles é o que Bourdieu denomina 'ilusão da transparência', isto é, o perigo da compreensão espontânea como se o real se mostrasse nitidamente ao observador. Essa 'ilusão' é tão mais perigosa quanto mais o pesquisador tenha a impressão de familiaridade com o objeto. Trata-se de uma luta contra a sociologia ingênua e o empirismo, que acreditam poder apreender as significações dos atores sociais mas apenas conseguem a projeção de sua própria subjetividade.

O segundo escolho é o que leva o pesquisador a sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do essencial, isto é, a fidedignidade às significações presentes no material e referidas a relações sociais dinâmicas.

O terceiro obstáculo, muito comum na interpretação dos trabalhos empíricos, é a dificuldade de se juntarem teorias e conceitos muito abstratos com os dados recolhidos no campo. (...) (p.197).

Após as entrevistas, inicia-se a fase da análise do corpus assim construído e estes três obstáculos devem ser sempre lembrados pelos pesquisadores que se utilizam de entrevistas, para que sejam efetivadas as rupturas do campo doxológico para o epistêmico e deste para o teórico, como falei no início desta exposição. Segundo Martins e Bicudo (1989), as linhas gerais da pesquisa fenomenológica são: a situação de pesquisa, a constituição dos dados, a constituição do método e a constituição da descrição.

Já abordadas as anteriores, será a última, então, que finalizará esta apresentação. Como em todo o processo de pesquisa, os procedimentos analíticos podem vir a sofrer realinhamentos nas suas diretrizes mais específicas pela própria dinâmica da construção do conhecimento. No entanto, há diretrizes mais gerais que são norteadoras de quaisquer pesquisas metodologicamente orientadas sob o prisma fenomenológico e estas deverão se manter ao longo do percurso. Peço licença para, novamente, fazer longas citações, pois considero que tais estudiosos - diferentemente de nós que nos valem da metodologia da pesquisa científica apenas como meio, têm nela seu objeto de estudo e esclarecem de forma muito rica o assunto (Martins & Bicudo, *ibid*):

Esse método de análise contém quatro momentos que se expressam, geralmente, do seguinte modo: 1) como uma leitura da descrição, entrevista ou relato do princípio ao fim, sem buscar, ainda, qualquer interpretação do que está exposto ou sem qualquer tentativa de identificar qualquer atributo ou elemento ali contido. Essa leitura visa conseguir um fim geral de todas as afirmações; 2) como uma volta ao início da leitura, para reler o texto, tantas vezes quanto preciso, com o objetivo de discriminar 'unidades de significados' dentro de uma perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado; 3) como percorrendo, após ter obtido as unidades de significado e expressando o insight psicológico nelas contido, mais diretamente; 4) como sintetizando todas as unidades de significado transformadas em uma proposição consistente referente às experiências do sujeito. (p.98).

Outra autora que ilumina o campo da análise é Bardin (1988) com sua elaboração clássica do que é "Análise de Conteúdo".

Embora seja tido por muitos como trabalhando a concepção de discurso apenas como dado, ou seja, produto e não processo, seu texto inclui a apresentação (além da AAD de Pêcheux) da Análise da Enunciação de D'Unrug, numa concepção do discurso como palavra em ato. Alguns aspectos desta apresentação serão mantidos como possíveis luzes a serem ativadas, se necessário. Desde já, é reconhecido por mim que o trabalho de Bardin (ibid) se constitui em um lastro fundamental, ainda que não sejam feitas ligações diretas com o texto.

Voltando a Martins e Bicudo (1989), considero oportuno trazer outro trecho do trabalho:

... É difícil especificar pormenores do que está envolvido na realização dessa análise do sentido psicológico. A literatura existente sobre esse tópico é escassa. Essa é a fase mais difícil da pesquisa. Em primeiro lugar, porque o sentido excitante da descoberta dos significados ou da identificação dos mesmos pode, algumas vezes, absorver completamente a atenção do pesquisador e ele achar que pode parar por aí. (...) Em segundo lugar, porque a forma pela qual chega-se a um insight permanece sempre em mistério, pois o insight psicológico parece ocorrer mais como resultado de uma excitação espontânea do que de regras explícitas: em grande parte é de caráter intuitivo.

As considerações sobre as peculiaridades dessa área de pesquisa leva a pensar que ela é tanto ambígua, quanto complexa. O pesquisador ao mesmo tempo em que descobre, atribui significado àquilo que está descobrindo e vendo. O insight psicológico é tanto uma descoberta, quanto uma criação. (...) (p.101).

Sendo recolocada em pauta a questão da criatividade, volto a falar da liberdade inventiva que me permito ter no trabalho, em termos

de não ir a fundo na análise ideográfica no sentido psicanalítico, pois considero que aí seria necessária a presença do intérprete clínico dada a escolha temática, nem tampouco fazê-lo no tocante à análise nomotética, que tem naquela a sua base e, requer, além disso, um universo mais amplo. E, fazendo isso, não estar fugindo dos critérios de cientificidade dentro das exigências da construção de uma tese. Esta é uma das razões por que defendi, anteriormente, que certas características de um ensaio devem ter seu espaço no âmbito de um doutoramento. Porque ele, além do que traz em si de contribuição, caminha no sentido exploratório que muitas vezes enriquece heurísticamente a pesquisa na área.

Concluo com a seleção de alguns aspectos norteadores que assumiram peso na análise apresentada em seguida a esta longa introdução ao capítulo, encontrados nos autores já citados (Martins & Bicudo, *ibid*): Em relação à análise ideográfica (não se tratam de passos a serem dados, mas de momentos de reflexão) : a) imersão empática no mundo da descrição; b) redução do ritmo de análise e permanência na descrição; c) ampliação da situação; d) suspensão da crença e interesse intenso; e) passagem dos objetos para os significados. Em relação à análise nomotética: a) busca dos insights gerais das estruturas individuais, como possibilidades em aberto. Traduzindo isso em etapas do procedimento adotado neste trabalho:

#### 1º) Análise Ideográfica das Entrevistas

(acompanhando as rupturas epistemológicas):



- a. Campo doxológico: vida da entrevistada
- b. Campo epistêmico: realização da entrevista
- c. Campo teórico: produção da análise (interpretação e explicação)
  - c.1. Etapas para a consecução da ruptura do campo epistêmico para o campo teórico:
    - 1ª etapa: Conferência e aperfeiçoamento da transcrição de forma tão fiel às falas do diálogo quanto for possível efetuar, observando-se, inclusive, o respeito ao aspecto prosódico da conversação, pela leitura do arquivo no computador, simultaneamente à audição da fita. Tal procedimento visa a prover o pesquisador do apoio tangível para suas problematizações.
    - 2ª etapa: Audição simples da entrevista, por várias vezes, até que haja a apreensão consolidada da presença do outro, do todo da entrevista, assim revivida em seu caráter existencial de encontro.

3ª etapa: Leitura da transcrição e destaque por cores convencionadas para os elementos que emergiram e que se prestam a uma categorização instrumental provisória.

4ª etapa: Leitura da entrevista transcrita, registrando comentários sobre as falas, na forma de problematizações.

5ª etapa: Produção de um Retrato Narrado da entrevistada, livremente elaborado sem retorno à audição nem à leitura da entrevista.

6ª etapa: Leitura do Retrato Narrado, assim produzido, e inserção de problematizações, novas e/ou já levantadas, em destaque a cor.

Etapa final: Conclusão analítica sobre o caso particular investigado.

## 2º) Análise Nomotética das Entrevistas

Estudos de caso entrelaçados, o filme dos Retratos Narrados acima produzidos.

Há sempre, na aventura da criação, a presença de uma certa angústia frente à incerteza do que se seguirá, mas, se há tentativas

estéreis, por vezes, elas não devem impor o desânimo para novas investidas, pois pensar é preciso. Nas palavras de Leonardo Da Vinci, lido no castelo de Clos Lucé, Amboise (FR) : "Il faut contempler, / il faut penser: / qui pense peu se / trompe beaucoup."

Nome do arquivo: F 73-96 II ajustando a lente  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 24/10/2000 17:21  
Número de alterações: 42  
Última gravação: 3/12/2000 08:06  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 64 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:00  
Como a última impressão  
Número de páginas: 24  
Número de palavras: 4.847 (aprox.)  
Número de caracteres: 27.632 (aprox.)

## 2.1. Andanças e sentimentos

Apesar da questão problematizada não ser, necessariamente, referente a situações em que a experiência do relacionamento amoroso se dá no campo das relações extraconjugais, havia a suposição, confirmada na prática, de que nele seriam encontradas as vivências que corresponderiam mais fielmente ao objeto de estudo proposto. Assim, as situações de relacionamentos em que houvesse diferenças no tocante à escolarização dos parceiros, à situação sócio-econômica, diferenças étnicas, etc., que, embora raras, improváveis, seriam também exemplares do problema por serem, tipicamente, de exposição à força restritiva dos preconceitos sociais não foram apresentadas por nenhuma das entrevistadas. Foram três as entrevistadas que relataram uma história de vida amorosa, em que a existência de um relacionamento "triangular" (ou "quadrangular") imprimiu uma dinâmica particular às vivências de forma correspondente ao objeto de estudo aqui tratado.

Não posso, neste momento, deixar de falar sobre um aspecto da fase de coleta de dados: o compromisso de preservar a identidade da(s) colaboradora(s) através da troca das informações básicas neste

sentido - nome, local de trabalho, etc. - aliou-se à condição afirmada de apresentação do(s) seu(s) discurso(s) em forma fragmentária. Assim, o material da transcrição das entrevistas não será incorporado à tese como um todo, mas estará compondo o texto do presente capítulo.

### 2.1.1. Cristina, Márcia e Ana Lúcia

Tendo em vista que, ultrapassado o campo doxológico e já no campo epistêmico, o fenômeno investigado foi apreendido através das narrativas das entrevistadas, e que, entrando no campo teórico da interpretação e explicação passo também, de certa forma, à condição dialógica da narradora que faz referência aos discursos daquelas que contaram suas histórias de vida amorosa, vou me valer de uma analogia cinematográfica para iniciar a sua apresentação:

O script brotou dos Retratos Narrados I, II e III<sup>53</sup> em movimento entrelaçado. Cada um deles sofre a aproximação e o distanciamento da lente da câmera, seja na forma de uma exposição singular e parcial, seja na forma de uma exposição comum. Há um toque surrealista no fato de que não existe um diretor para este filme, cujo grande tema é o relacionamento amoroso. São produções independentes

---

<sup>53</sup> Os Retratos Narrados, conforme denominação dada à 5ª etapa do procedimento adotado para a fase da análise ideográfica, resultaram na seguinte produção não incorporada ao texto, depois de inseridas as problematizações na 6ª etapa: Retrato Narrado I – Cristina: 13 páginas no formato deste texto; Retrato Narrado II – Márcia: 16 páginas no formato deste texto; e Retrato Narrado III – Ana Lúcia: 19 páginas no formato deste texto.

que, no seu encontro, geram uma obra instigante. Se este não aconteceu no espaço doxológico, por outro lado, não resulta da análise (poderia, talvez, ser pensado como algo do âmbito do epistêmico). Antes, ele se faz analisável. E isso porque existe, quanto às vivências amorosas, uma universalidade potencial que contém, a despeito da historicidade que determina as singularidades, todas as suas possíveis expressões fenomênicas. O que irei apresentar como interpretação e explicação é meu diálogo com esse filme, que se entrelaça também com uma anterior participação na produção fotográfica, a lembrar nisso a questão primeira observada neste trabalho, qual seja, a de que um pesquisador está sempre implicado em sua pesquisa. Isto significa que, em qualquer patamar de aprofundamento do objeto de estudo, sempre haverá a presença de um diálogo entre o pesquisador e aquilo que pesquisa. Para dar conta das características gerais exploradas pelo zoom, é importante distinguir as seguintes situações vividas pelas colaboradoras: a) Cristina e Márcia: as entrevistadas, ainda casadas, mantiveram relacionamentos amorosos com outros homens (casados ou não); b) Ana Lúcia: a entrevistada, sem ser casada, manteve relacionamentos amorosos com homens casados.

As tomadas de cena com Cristina foram realizadas nos dias 15.04.98, 29.04.98 e 13.05.98 (registradas as falas, após a transcrição das fitas no formato deste texto, compõem 112 páginas de discurso), com Márcia, nos dias 15.05.98, 23.05.98 e 01.06.98 (registradas as falas, após a transcrição das fitas no formato deste texto, compõem 83 páginas de discurso), e com Ana Lúcia, nos dias 26.05.98 e 24.06.98 (registradas as

falas, após a transcrição das fitas no formato deste texto, compõem 101 páginas de discurso).

Neste momento, as personagens terão suas fotos apresentadas<sup>54</sup>, em versão 3x4, para que, em seguida, haja inteligibilidade na leitura e apresentação do filme, conteúdo do item 2.1.2.

### Cristina

Conheci Cristina (paulistana, 40 anos) primeiro através da sua voz sonoramente viva no contato telefônico em que marcamos nosso primeiro encontro. Ela já tinha sido avisada, em termos gerais, qual seria o meu objetivo no contato, pela pessoa que tinha feito sua indicação para mim como possível colaboradora para o meu trabalho. Marcamos a primeira entrevista para uma semana antes da que efetivamente aconteceu, pois, ao ligar para ter a confirmação da minha ida, fui solicitada por ela, com um pedido de desculpas, a adiá-la em função de ter ficado com os filhos em casa naquela dia, imprevistamente. No contato, foi espontânea, com fluência natural no relato, expressão viva e colaboração fácil.

---

<sup>54</sup> As fotos serão apresentadas em linguagem que respeita a época da coleta de dados, ou seja, o ano de 1998.



Cristina está vivendo seu sexto relacionamento amoroso. Não é que tenham sido seis experiências amorosas do mesmo tipo. Sequer poderiam todas ser denominadas "experiências" amorosas, mas foram os relacionamentos que significativamente fizeram parte do seu percurso de vida. Relacionamento sexual, ela só teve com três desses parceiros amorosos: o marido, o amante e o namorado atual, palavras que ela mesma utiliza para fazer referência a eles. Os outros três foram namorados que teve antes de casar.

Aos treze anos despertou para "... essa coisa do am... do outro... do homem e tal,..." (01/SP II<sub>5</sub>)<sup>55</sup>, numa paixão meio platônica por um amigo do irmão. Aos dezessete, dezoito anos, apaixonou-se por um rapaz alguns anos mais velho e sobre isso sua referência é suspirosa: "Aí... <suspiro> a minha grande paixão,..." (01/SP II<sub>24</sub>). Durou quase um ano, e ficou acesa até os dias atuais a lembrança de sua força romântica, "... era o príncipe encantado da minha vida,..." (01/SP III<sub>13</sub>). Após uma decepção com a ruptura brusca e inexplicável desse primeiro namorado, manteve um outro namoro acomodado e facilitado pelo conhecimento social das famílias, namoro que se acaba sem maiores dores nem ressentimentos. Uma chuva que não molhou muito seus afetos. Durou um ano e meio, "... mas não tinha tesão, não tinha uma coisa assim, mais..." (01/SP V<sub>14</sub>). Cristina revela-se mais ativa no namoro seguinte, seu terceiro namorado. Ela se surpreende, a si própria, por ter tido coragem de

---

<sup>55</sup> Código utilizado para referência ao material das entrevistas conforme foram transcritas e editadas: 01 = n° da entrevista; II = n° da página; 5 = n° da linha.

se atirar mais, como por exemplo, voltar para casa sozinha com ele logo que o conheceu. Muito embora seja clara sua atração por ele – "... era um cara que eu gostava, tinha aquela coisa de tesão gostoso..." (01/SP VI<sub>16</sub>) –, sofre a interferência da mãe e acomoda-se, de forma facilitada, provavelmente, pelo seu próprio medo de lidar com o fato dele ser usuário de maconha. A pressão familiar organizou-se no sentido de provocar uma situação arranjada para que ela conhecesse um outro rapaz, antes mesmo dela se separar do terceiro namorado. E assim, ela começou a namorar a pessoa que viria a se tornar o seu marido. Era um relacionamento tranqüilo, porque estava tudo no lugar certo, o instituído estava respeitado e cumprido. Não eram apaixonados, propriamente – " Não foi um.... uma paixão, acho que não foi paixão, nem ele por mim, nem da minha parte em relação a ele." (01/SP VII<sub>23</sub>) –, mas o namoro possibilitou que viesse a realizar o seu projeto de vida: casar, ter uma boa casa, ter filhos, etc. Desencontros no casamento criaram a rachadura pela qual se infiltrou o que Cristina descortinava através da sexualidade insatisfeita no casamento: um apaixonado encontro amoroso – "... a coisa da sexualidade foi com ele que eu... eu conheci... ... ele era um cara super... energia e fogo, assim... um fogo... que eu nunca vi..." (01/SP XIV<sub>13</sub>) – na figura de um amante, com quem manteve um caso por um longo período "... a gente ficou conversando, e... a gente foi conversando, foi conversando, aí a gente se envolveu durante três anos e meio." (01/SP XIV<sub>2</sub>). Ele também era casado, mas havia uma diferença: enquanto ela tinha claro que iria se separar (nem mais mantinha relacionamento

sexual com o marido), ele não pretendia desfazer seus laços de casamento com a esposa. Cristina propõe a separação ao marido e, depois de mais de uma década casados, ocorre a separação por iniciativa dela, que se muda para um novo apartamento, comprado após sua decisão de não mais esperar que o marido saísse de casa. Por esta ocasião, também chega ao fim seu relacionamento com o amante, não disponível para constituir uma vida a dois com ela em função do seu próprio casamento. Cristina inicia, pouco tempo depois, um namoro com alguém que está dando uma nova perspectiva à sua vida amorosa. Ainda não tem segurança de como vai caminhar o relacionamento – "... essa minha relação com ele é uma relação legal nesse sentido, eu acho que isso também, tem algumas coisas que a gente precisa acertar, não é uma relação, assim... que eu já sei que vai ser pra sempre - entendeu? - não é isso, mas nesse momento tá sendo legal... Legal porque eu tou podendo experienciar um monte de coisas que eu nunca imaginei na minha vida." (01/SP XXV<sub>13</sub>) – mas é palpável em sua fala que tem esperança de conseguir construir com ele algo pautado em novos moldes.

Márcia

A conversa com Márcia (paulistana, 44 anos) fluiu solta, impregnada de emoção viva, tal qual a primeira entrevistada. Houve um clima de naturalidade e espontaneidade. Foi fácil estabelecer contato

telefônico para a marcação do encontro e não houve barreiras quanto à demanda da entrevista.

Foram inúmeros os relacionamentos amorosos na vida de Márcia, mas somente três foram significativos. E, com exceção do primeiro e do segundo namorados, todos os que se seguiram foram casos com homens casados, às vezes rápidos e às vezes duradouros, que não podiam ir a público. O relacionamento sexual foi parte integrante de todos eles.

O primeiro dos três envolvimento significativos coincidiu com o fato de ser seu primeiro namorado, com quem conviveu durante oito anos, a partir da sua adolescência. Era um namoro tranqüilo, com muito companheirismo, bem aceito pela família e tinha como caminho natural o casamento. Mas, ela resolveu que não queria ainda se casar – "... eu sentia que eu queria ter outros namorados, eu queria conhecer outras pessoas, eu não queria, naquele momento, casar e encerrar a minha vida amorosa." (06/SP I<sub>20</sub>) – e rompeu o relacionamento, mesmo sofrendo muito com isso. Pouquíssimo tempo depois, começou a namorar outro rapaz. Foi um namoro rápido e sem maior significação em sua vida. Como o primeiro, era um namoro que gozava de aprovação social, tranqüilo e, ao que parece, desprovido de maior atração, pois não ficou na sua vida como um registro valioso. E "... a partir daí as relações foram mais complexas: ou foram casos, rápidos, passageiros – né? - ou até foram... mais de uma vez... relacionamentos duradouros, mas com homens casados. E esses,

claramente, não podiam se tornar relacionamentos públicos, que eram homens casados, que continuaram casados, não se separaram da mulher, não largaram a família, nada disso..." (06/SP II<sub>6</sub>). Dos muitos casos que teve, Márcia não pára no relato senão de poucos, bem de acordo com o que disse sobre a importância dos relacionamentos ter existido em muito poucos deles. Ela até faz uma comparação entre os casos sem registro significativo em sua vida como sendo semelhantes a uma ida ao cinema, pessoas que passaram, mas não ficaram na sua vida. O segundo caso significativo foi com uma pessoa com quem manteve um relacionamento durante muito tempo – em torno de cinco anos – e que foi levado de forma meio descontínua, intercalada com namoros rápidos que ela mantinha enquanto estava desligada dele: "... é o Outro Significativo de minha vida, né? Um homem de quem até hoje eu tenho muita saudade, muita saudade, mas ele também era casado, tinha uma relação muito, muito complicada..." (06/SP LIX<sub>20</sub>). Coube a ele romper o relacionamento, como iria acontecer em geral daí para frente, e Márcia sentiu muita tristeza – "... eu fiquei muito mal com isso..." (06/SP LX<sub>15</sub>) – quando tomou conhecimento que ele se separou da esposa e logo em seguida casou com outra pessoa. O terceiro relacionamento significativo que aconteceu na sua vida terminou há relativamente pouco tempo, pois somente agora voltou a se sentir livre para se apaixonar de novo, por não tê-lo como impedimento interior. Concretamente, comprovou isto ao conhecer alguém num bar e, depois de uma primeira impressão não muito animada, ver despertado novamente o sentimento de estar muito atraída.

Como, apesar de ter falado em apaixonamento nessa situação, Márcia não o inclui na relação dos três casos significativos, fica subtendido que o último dos homens que ficaram na sua vida foi mesmo aquele relacionamento que teve antes deste. Seu envolvimento com o terceiro significativo aconteceu quando, após anos de contatos com ele como profissional e uma admiração crescente por sua pessoa, Márcia toma a iniciativa de aproximação, após uma sinalização ambígua da outra parte. Havia, aparentemente, clareza quanto à dimensão que poderia tomar tal relacionamento: "E... uma vez eu... eu convidei ele pra tomar um café e... ele... ele saiu pra tomar um café comigo e ele disse que ele não ia ter nada comigo porque ele estava casado, que o casamento dele, claro que tinha alguns buracos, que tinha algumas... .. e que ele tava casado, que o casamento dele tinha algumas falhas, tinha alguns buracos, mas que... enfim, que a situação era essa, que ele não ia se separar da mulher, que tinham os filhos, tinha família. (...) ... **Eu me apaixonei perdidamente por esse homem, porque ele é uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci. Eu tinha e tenho ainda um respeito e uma admiração por ele que é uma coisa absolutamente, impressionante.**" (06/SP XLVIII<sub>2</sub>). No desenrolar do processo, no entanto, o envolvimento maior não lhe permitiu viver de forma tão simples tal relacionamento que durou cinco anos, e de que se liberou interiormente somente após um ano de seu término. Atualmente, não está mantendo nenhum relacionamento e, embora não tenha lhe sucedido na vida, admite desejar ter compromisso com alguém. Na verdade, ela afirma claramente "**... eu tenho desejo de**

compromisso. E com essas pessoas eu tive muito desejo de compromisso, muito, muito, muito, muito... muito. Só não me comprometi porque elas não quiseram. (Não quiseram...) Eu tenho um desejo de compromisso, sim." (06/SP LXXIII<sub>3</sub>).

Ana Lúcia

A primeira impressão que me chegou de Ana Lúcia (paulistana, 44 anos) foi de alguém muito pragmático, aquele tipo de pessoa que vai direto ao ponto. Introduziu-me à sala do seu apartamento, onde ficamos para nossa entrevista, reservadamente. Ao ser informada com mais vagar sobre o que já lhe havia adiantado por telefone, assumiu prontamente a postura de quem tinha uma tarefa por realizar, qual seja, falar sobre sua história de vida amorosa. E, eficientemente, dispôs-se a contá-la. Com confiança, foi desenrolando o fio do seu percurso como pessoa que amou e foi amada, desde sua adolescência até os dias atuais. Havia espontaneidade, mas, perceptivelmente, isso galgou um patamar mais alto quando, no segundo contato, ao que parece, viu-se desobrigada de conversar de maneira linear, apresentando os fatos de sua vida, e passou com mais soltura e vivacidade a refletir ao mesmo tempo em que falava.

Muito tímida – "Eu era tímida pra caramba (Hum-hum...) não sabia me insinuar - sabe? – completamente... assim, meio... bicho do

mato." (07/SP II<sub>9</sub>) – e voltada para o estudo da música como válvula de escape para os problemas familiares entre o pai e a mãe, Ana Lúcia não teve uma adolescência com experiências amorosas: "... quando eu era adolescente eu... praticamente não namorei." (07/SP I<sub>14</sub>). Foram duas paixões platônicas que se arrastaram por dois anos cada uma, com um amigo do irmão e um colega do terceiro colegial. E "Nesse meio tempo, eu... pra não dizer que eu não tive um namoro, eu tive três namoricos de um mês cada... (Hum-hum...) e... nada assim de... que me levasse a grandes experiências, né?" (07/SP II<sub>21</sub>). Quando se desencarnou da última paixãoite, conheceu o que viria a ser seu marido, após cinco anos de namoro. Mas, não foi de imediato que namoraram, isso levou ainda nove meses. Ele era "... uma pessoa assim muito... muito... tranqüila - sabe? - assim, inclusive, bastante morno, uma pessoa assim que eh... não se queixava de nada, também não vibrava com nada, mas também não enchia o saco pra nada - sabe? - (Hum-hum...) era uma pessoa fácil de conviver, assim, nesse sentido... se você... quando... se eu num queria me aprofundar nas coisas, se eu não queria discutir as coisas, se eu não quisesse ah... enfim, me aprofundar em nada, tava ótimo, porque ele era uma pessoa que também não exigia esse tipo de, de coisa e tal... e como eu vinha de um período bem conturbado - né? - de adolescência, aquela questão dos meus pais..." (07/SP III<sub>4</sub>). Embora tenha sido muito precioso para ela se recompor do seu período conturbado de solteira, o casamento começou a asfixiar Ana Lúcia, após uns cinco anos dedicada aos filhos, ao marido e à casa, período em que ficou, deliberadamente, afastada da sua



profissão de violonista por estar em conflito entre a formação clássica e a popular. Por esse tempo, o desejo de expandir suas fronteiras sociais e profissionais a fez voltar ao estudo da música e ali reencontra um antigo professor com quem começa a estudar e por quem veio a se apaixonar, já que havia nela uma predisposição para algo diferente: "... como eu tava assim num momento de muita... ebulição, muita efervescência dentro de mim..." (07/SP V<sub>3</sub>). Ele era casado e desde o início ficou claro que não abandonaria a esposa, pois considerava possível manter relacionamentos paralelos, o que já havia lhe ocorrido. Por outro lado, de um casamento em que havia companheirismo, mas em que inexistia um encontro mais vivo em todos os seus aspectos – "... a gente ficou nesse nada, assim, vivendo, convivendo, com muito respeito, com muita... coisa e tal, mas..." (07/SP V<sub>18</sub>) – Ana Lúcia entra num redemoinho de emoções – "Eu acabei me envolvendo com aquele professor, entendeu? Me apaixonei assim por ele, cai de quatro..." (07/SP VI<sub>11</sub>) – em que se entrelaçam uma forte atração física com uma grande admiração intelectual e humana. Resiste, durante um certo tempo, já que sua formação não a liberaria com facilidade para tal rumo na vida. Mas, sucumbe ao envolvimento que a faz viver mais plenamente sua condição de mulher e lhe oferece um importante espaço de expressão de si, inclusive no campo musical, sua paixão desde criança. Mesmo carregando uma culpa não muito consciente, Ana Lúcia leva adiante este relacionamento por uns dois anos e meio. Se foi muito difícil, foi também riquíssimo e isso a fez, após mais ou menos um ano, optar internamente por aprofundá-lo, o que significaria

preparar-se para a separação do marido. Mas, o professor tomou o rumo oposto e anunciou-lhe que fazia a opção pelo seu próprio casamento no momento em que o relacionamento deles já havia atingido o ponto máximo que poderia dentro daquela forma. A partir daí, somente havia duas saídas: aprofundar ou abandonar o caso, e ele optava por terminar. Foi muito sofrida tal perda, vivida junto ao marido que, na sua percepção (ou desejo?) "... sabia... (Ele sabia?) certamente que ele devia saber que tinha alguém no pedaço... porque eu vivi muitos momentos de muita tristeza dentro de casa, de muita saudade, que eu chorava de saudade do outro..." (07/SP XI<sub>17</sub>). Não tendo sido correspondida na decisão pelo professor, termina propondo a separação para o marido que ainda relutou durante um certo tempo. Ao final de três anos de crise no casamento, ele sai de casa e ela começa a viver sua adolescência retardada. No último ano que passou com o marido, período em que estavam separados na mesma casa, havia tido uns casinhos e isso a fazia mais consciente de que tais desejos de experiências com novas emoções não eram compatíveis com a situação de casada. Um mês e meio depois, conhece um rapaz com quem viria a iniciar um namoro que durou quase quatro anos. Mas, "... foi um namoro só de desencontro, num teve um período em que os dois estavam na mesma energia, entendeu?" (07/SP XVII<sub>20</sub>). Na verdade, o que a segurou ao lado dele foi ter se fragilizado com uma agressão que sofreu e ter contado com o apoio dele durante um período muito difícil da sua vida. Ele já tinha sido casado duas vezes, tinha filhos e junto com os dela viraram uma grande e confusa família. Quando ela conseguiu, enfim,

ficar mais disponível interiormente para amá-lo, ele começou a esfriar. Assim, terminaram o namoro que esteve sempre assentado nos problemas que viviam. Menos de um mês depois, Ana Lúcia inicia um namoro com um parente que reencontrou e que estava viúvo. Pensou ter sido um grande achado quando ele declara sempre ter sido atraído por ela: "Poxa..." aí eu pensei: "Tou salva!", né? (...) ia ser tudo que podia acontecer de bom ao mesmo tempo, porque eu gostava dele, eu achava ele uma pessoa amorosa, muito querida, muita afetivo, muito sensível, muito inteligente (Hum-hum...) e... era uma pessoa que me conhecia...". (07/SP XVIII<sub>4</sub>). Mas, não foi esse o desenrolar do contato e ela se viu decepcionada quando o encontrou com uma namorada, logo após ter rompido o namoro com ela sem falar no fato. Ele casou por conveniência com uma moça em função da filha por criar e hoje ainda são amigos. Ana Lúcia resolveu "fechar para balanço", após tantos desencontros. Manteve umas transas esporádicas com um vizinho, sujeito meio esquisito, e uma amizade em que não rolou nada com uma pessoa com quem saía e conversava muito. Há quase dois anos, reencontrou na rua um amigo ligado à música e, movida por uma forte atração, iniciou um relacionamento que tem sobrevivido com muitas idas e vindas. Ele "... é uma pessoa assim que eu tenho muita vontade de encher de carinho - sabe? - de... é um negócio assim meio sem explicação... assim, é um gostar meio gratuito - sabe? - num.. não é que eu goste porque ele é assim, assado, eu gosto." (07/SP XXXIX<sub>8</sub>). Casado e separado há uns quatro anos, esse namorado tem apresentado um padrão repetitivo de aproximação e

afastamento que tem minado a confiança de Ana Lúcia de que possam ir à frente, se bem que reconheça que "... se ele deixasse a coisa fluir, ah! sem dúvida seria um amorzão que eu viveria na minha vida... acho..." (07/SP XL<sub>1</sub>). Sentindo-se numa fase de vida mais serena e otimista, espera que venha a ser ultrapassado o caráter de suas relações anteriores e que haja a constituição de relacionamentos assentados no prazer de estarem juntos, na alegria e não mais na junção de forças para o compartilhar de problemas.

#### 2.1.1. Cristina & Márcia & Ana Lúcia

Os estudos de caso, que ora se entrelaçam, repousam na expressão das experiências de vida amorosa das três entrevistadas. Como acontece em situação de apresentação da história de vida, há um movimento, interno à própria narração, em que as pessoas que falam têm, no próprio ato da fala, uma experiência em que também o ouvinte está inserido: "... depois que a entrevista acaba, a gente sempre continua pensando, pensando, sempre lembra de mais alguma coisa." (06/SP LXXIX<sub>4</sub>) , "Acho que até por tudo que eu te falei - que ultimamente eu não tenho conseguido fazer reflexão nenhuma - acho que até fiz muito aqui com você..." (07/SP CIII<sub>10</sub>). E, chegado o momento da interpretação e explicação, estarei, necessariamente, dirigida pelo que ouvi, por mais

ricos que sejam os aportes teóricos que se agregam em meu auxílio para a análise.

A tese que estou desenvolvendo neste "ensaio"<sup>56</sup> requer seja considerada a questão do amadurecimento pessoal que, em Winnicott, é vista como o problema de tornar-se si mesmo (Loparic, 1999), a ser considerada, basicamente, à luz do que foi discutido sobre Self-Verdadeiro e Falso-Self, em capítulos anteriores. Os sentimentos, as formas de troca aninham-se mais fortemente nesse espaço da discussão. Mas, o Eu, a deslizar do pólo mais individual para as determinações coletivas do psiquismo, arrasta o foco do Self para a Identidade Social e vice-versa, conforme esses conceitos foram trabalhados nos capítulos teóricos. E assim, é possível, ainda que reconhecendo ser este feito um vôo rasante, vincular a discussão do relacionamento amoroso às concepções de Amor que discuti no primeiro capítulo.

O que deixei para trazer nesta etapa, mesmo não sendo, em geral, visto como apropriada para a introdução de novos conceitos teóricos, foi algo do pensamento de Goffmann (1988) sobre a questão do estigma. Particularmente, os conceitos de desacreditado e desacreditável<sup>57</sup>, absolutamente valiosos para uma organização das idéias nesta

---

<sup>56</sup> O uso do termo está restrito ao que já foi observado anteriormente, por isso está sendo colocado entre aspas.

<sup>57</sup> Tomando estigma como (1) situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena, (2) atributo profundamente depreciativo (inserido numa linguagem de relações) e (3) tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, "O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as

fase e que, sem merecer um capítulo à parte, ficariam meio deslocados se agregados aos capítulos desenvolvidos. O ocultamento e/ou revelação das relações extraconjugais presentes nas experiências de vida amorosa das entrevistadas é um aspecto que não pode ficar sob o prisma único do indivíduo, na medida em que são consequência das formas sociais e históricas de organização social.

Isto posto, abro a sessão do filme "O Amor no Feminino: ocultamento e/ou revelação?".

#### A força da revelação no processo de amadurecimento pessoal

Uma primeira observação a ser feita é relativa à diferença de situação vivida pelas colaboradoras, anunciada já em 2.1.1. As duas entrevistadas, Cristina e Ana Lúcia, viveram relacionamentos extraconjugais enquanto eram casadas, e a outra entrevistada, Márcia, solteira, viveu relacionamentos amorosos com homens casados. É marcante o contraste entre os dois tipos de situação com relação à existência ou não de tensão nas suas vidas, provocada pela potencial pressão e estigmatização social de tais posições.

---

situações [grifos meus]." (Goffmann, 1988, p. 14). Vale ainda explicar que a perspectiva que se aplica ao trabalho está sendo aquela relativa ao segundo tipo de estigma para Goffmann, (ibid) "as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas [grifos meus] ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical." (p.14).

Na realidade, é possível pensar Cristina e Ana Lúcia como desacreditáveis no sentido goffmanniano, na medida em que toda uma tensão foi acrescentada às suas vidas no cuidado e na evitação de vir a descoberto, para as pessoas do seu mundo social, o que estava acontecendo. Elas tinham, ao mesmo tempo que valorizavam os sentimentos e emoções que as ligavam aos seus parceiros, incorporado uma culpa de caráter individual por terem se envolvido em tal tipo de relacionamento. O manejo da situação incluía a dificuldade da contínua contradição entre o nível representacional e vivencial do que acontecia. Ouvindo Cristina, fica mais claro o que estou a afirmar:

... pra mim vinha alguma coisa de hipocrisia - sabe? - eu era uma pessoa com ele e era outra fora. Na hora que eu não tava com ele eu era... boa esposa, boa filha, ninguém sabia, né? Então, eu tinha toda uma imagem que eu passava, que eu sabia que não era nada daquilo. Quer dizer, não que não era nada daquilo, porque eu acho que assim, você ter uma outra pessoa na minha condição de casada, com quem eu era casada, na família que eu estava, era uma coisa muito pesada. Quer dizer, era um peso moral grande demais. Eu tinha meus filhos - né? - é uma coisa que me pegava muito. Minha mãe... meu pai tinha uma amante, que hoje é a mulher dele - né? - e a minha mãe descobriu, então era aquela coisa, "Esta puta", "Esta puta", "Esta puta", né? Então na minha cabeça eram esses registros - né? - sempre foram... Na verdade, acho que é uma coisa ruim mesmo, você saber que você tá na vida de uma outra pessoa que tem um compromisso com outra - né? - então eu me sentia, assim, uma coisa meio de hipocrisia, na verdade. (01/SP XXIX<sub>11</sub>)

Em Ana Lúcia, se havia o desejo de não viver sob a pressão para o ocultamento, não era, no entanto, absoluto o desejo de revelar. À

pergunta que lhe fiz sobre sentir ou não vontade de viver esse relacionamento de forma não tão privada, como havia dito ser o caso – "Ih, isso aqui, era tudo escondido - né? - porque, na escola nós tínhamos muitos amigos em comum - né? - e... a mulher dele, inclusive, tava toda hora lá na escola." (07/SP XLIII<sub>5</sub>) – respondeu, muito contundentemente, contra o encobrimento dos fatos e, ao mesmo tempo, defendeu a necessidade de não revelá-los:

Ah! Sim. Totalmente! Eu não queria aquilo. Aquilo era uma coisa meio... até um certo momento foi... foi rico, depois começou a ficar meio estúpido - né? - porque, se você vive uma relação intensamente, então por que que você não pode sair por aí e viver isso a todo momento ou fazendo... - né? - uma... colocando, encaixando isso no seu dia-a-dia, numa vida normal e tal. Esta história de ficar escondendo aqui, escondendo ali, isso pra mim... não tinha sentido, né? Eu... por mim eu... que queria abrir, mas não daquela maneira - né? - eu também precisava terminar meu casamento e ele o dele - né? - como não tava acontecendo, mas... eu queria, por mim... eu teria vivido... (07/SP XLIII<sub>15</sub>)

Quero ressaltar, apenas para relembrar, que não estou considerando o pólo masculino do par amoroso e que tudo que for expressado será referente apenas à mulher que vive um relacionamento de amor. A comparação estabelecida entre as situações de Cristina e Ana Lúcia, por um lado, e Márcia, por outro, parte do interesse em refletir detidamente sobre o peso do ocultamento do relacionamento amoroso para a parceira amorosa. É comentada por Alberoni (1987) uma diferença fundamental entre o erotismo masculino e feminino quanto a uma raiz



coletiva para este último, o que levaria a mulher à tendência de uma continuidade entre eros e política, entre sexualidade e poder, inexistente para o homem. Este pensamento, se teve influência no amadurecimento da questão central que analiso, não poderia dar conta de explicar os aspectos fenomênicos envolvidos. Pois nele, estava em consideração o tipo de homem com quem a mulher estabeleceria uma ligação para sentir-se parte do espaço coletivo. Quanto à questão da igualdade dos sexos, que no mundo atual provocou uma reconfiguração de modelos sem que já tenha havido uma real superação dos anteriores, Alberoni (ibid) não aprofunda comentários. O meu interesse reside justamente em discutir, neste mundo, a continuidade entre o espaço privado e o espaço público para a mulher dentro de um relacionamento amoroso, independentemente da condição de liderança ou poder do homem, como reporta aquele autor na sua análise da continuidade feminina.

Cristina fala, espontaneamente, sobre a primeira vez em que a visibilidade fez parte de um relacionamento seu após sua separação com o marido, a importância do ocorrido eloqüentemente expressada em termos prosódicos, o que aqui não é possível de ser transmitido com a fidelidade que seria interessante:

A primeira vez que eu pude sair com ele de mão dada, foi muito engraçado, eu andava na rua: “Eu estou na rua! Olha lá! Eu quero que todo mundo veja!” <risos> um barato, tem um significado forte esta história. (Sem dúvida, né?) E ainda no começo, às vezes a gente saía de mão dada, de repente eu num, sabe... dava aquele susto e eu soltava a mão dele. Ele dizia assim: “Ahn-

ahn... segura aqui". É uma coisa engraçada, tem um significado... pra mim tem, tem um significado forte, essa coisa de você poder assumir que você tem alguém, que tá ali do teu lado, de mão dada - né? - significativamente... (01/SP XLV<sub>11</sub>)

A revelação do relacionamento amoroso extrapola em efeitos a anulação da tensão vivida pelo ocultamento. Para Cristina, não ocorre, simplesmente, um alívio por não ter que esconder o que vive pela eliminação da hipocrisia que a perturba, mas algo mais surge nesse âmbito da exposição pública, algo que se aproxima do sentimento de orgulho por estar visível com seu par. Assim, para a mulher na condição de desacreditável em função de um relacionamento amoroso clandestinamente vivido, poderiam estar em jogo muito mais coisas do que o drible da ameaça contínua de rejeição social pela conduta não aceita pela sociedade. Evitar tal conseqüência corresponderia ao ganho do ocultamento em si mesmo: não sofrer as sanções que adviriam da visibilidade. Mas, a não revelação implica também a perda dos ganhos da revelação. Quando o relacionamento pode acontecer também no espaço de vida pública, a revelação integra o processo de desenvolvimento pessoal da parceira amorosa. Em contrapartida, é possível pensar que o ocultamento concorra para o cerceamento do eu.

Estas questões também compõem a fala de Márcia que, diferentemente das outras duas entrevistadas, não fazia nenhum esforço

para ocultar seus relacionamentos e, assim, não vivia a tensão decorrente do ocultamento:

- (E)<sup>58</sup> Também acho. Então, eu acho que é isso... ..  
 Ele, por exemplo, ele era muito mais... discreto do que eu (Hum-hum...). Eu não escondia muito, não, nem era proposital, não é porque eu queria que a mulher soubesse. Nada disso! Não, eu, eu não... aliás, tinha uma coisa muito interessante: não é que eu queria que a mulher dele viesse a saber, mas eu tinha muito orgulho do que tava acontecendo e, de alguma maneira, eu queria que essa pessoa soubesse.
- (D)<sup>59</sup> Isso é interessante, porque, a coisa assim... do compartilhar com o mundo, né?
- (E) É. Porque eu me sentia muito orgulhosa (Hum-hum...) de ter sido escolhida por ele (Hum-hum...), e... e... quando eu contava pra alguém, eu vou dizer que eu me sentia mal? Era mentira, eu não me sentia mal, eu sentia era... era orgulho mesmo... eu falava: "Olha, eu... eu tou saindo com tal pessoa." (Hum-hum...). Porque como eu gostava muito dele, eu admirava muito ele, pra mim o fato de tar saindo com ele, era... puxa, era... sabe, uma coisa assim... (Hum-hum...) era um prestígio mesmo, entendeu?
- (D) É, realmente, é... é interessante essa colocação, quando você fala, inclusive, que pra ele, isso não acontecia - né? - quer dizer, ele tentava um pouco... não esconder... (Não, o que ele mais queria era esconder, né?) eh, quer dizer, o relacionamento dele com você podia ficar fora do mundo e ficava bem?
- (E) Ficava bem! E eu não, eu gostava muito quando me viam com ele (Hum-hum...). Porque... porque eu gostava dele mesmo - entendeu? - sair com ele pra mim era uma honra. Como é até hoje. É uma pessoa que eu gosto muito. (06/SP LXIV<sub>9</sub>)

A ocupação da posição de desacreditável, apontada para as outras, não ocorre com Márcia, no meu entender, ainda que os

---

<sup>58</sup> (E) = entrevistada

relacionamentos amorosos com homens casados sejam complexos e não possam ir a público, como ela mesma afirma. E também não seria o caso de situá-la como desacreditada. A razão para deixá-la à margem desse enquadramento reside no fato de Márcia lidar com a ausência de uma culpa individual que a marcaria com um estigma. Não que ela também não esteja sujeita às sanções sociais previstas para quem vive em desacordo com o código dominante, mas há nela, além da inexistência de laços formais com um marido que a fizesse vestir um papel com direitos e deveres definidos claramente a este respeito para uma sociedade que condena o adultério, a superação de representações negativas acerca da ocupação do espaço de amante na vida do homem. Na verdade, o seu parceiro amoroso ocupa uma posição de desacreditável não acompanhada, subjetivamente, por ela. Isto emerge em um dos momentos de sua fala, quando está, por sinal, referindo-se à liberação feminina como um mito:

... eu acho que tem muita falsidade nessa coisa da liberação, muito mito, não acredito muito ness... essa coisa não é assim. Essa história da liberação feminina, pra mim, tem muito, muito, muito, muito de mito mesmo (Hum-hum...). Uma coisa muito... que eu sou muito contra... muito, muito, muito contra. Por exemplo, eh... poder se relacionar com um homem casado, pra mim, é uma liberação, mas é uma liberação em que sentido? No sentido do preconceito, não é? (Hum-hum...) De perceber que ser... se relacionar com um homem casado não é igual a ser puta (Hum-hum...), sustentada por um homem, uma vagabunda sustentada por um homem. Então, isso sim. Agora, o relacionamento entre eu e ele é um relacionamento que passa por tudo que todos os relacionamentos passam: dependência, compromisso, frustração, querer tar junto, querer que ele... (06/SP LXXIII<sub>13</sub>)

---

<sup>59</sup> (D) = inicial da entrevistadora

Não seria, portanto, atribuível somente à eliminação dos efeitos negativos do ocultamento o poder da revelação do relacionamento amoroso. E, atentando para tal peculiaridade, torna-se necessário para mim levantar outro descortino para a reflexão. Se o relacionamento amoroso tem seu locus essencial na privacidade - o que até o situa no pólo extremo da intimidade do continuum vida pública/vida privada, com seu caráter de secreto - a publicização da sua existência irá ao encontro do não falseamento de vida social da pessoa, a fazer parte de sua integridade psicológica, assentada na espontaneidade e liberdade de ser e fazer. E, tendo em vista a determinação histórica dos lugares diferenciados para a mulher e o homem na sociedade, é possível pensar que o peso que a questão adquire para o indivíduo esteja também sujeito à variabilidade desses determinantes.

A análise da questão do ocultamento/revelação complexifica-se, assim, a cada novo passo. Já não está contida no âmbito das normas internalizadas através dos papéis sociais vivenciados no processo de socialização. Sofre seus ditames sim, porém não cabe apenas nesse terreno de discussão. O foco sobre a força da revelação da existência do relacionamento amoroso traz à cena o que argumentei nos capítulos teóricos acerca da dança interpolar com os conceitos, pois, junto aos aspectos mais sociais da questão, assume relevância o debruçar sobre os seus aspectos mais notadamente individuais. O desdobramento que se faz

necessário para dar sustentação à revelação como diferente de um simples não-ocultamento de conduta socialmente reprovável passa a ser a discussão dos elementos que, nos diferentes discursos, falam dos modos de amar, dos sentimentos no relacionamento amoroso, das formas de trocas, do eu em um processo de amadurecimento pessoal que inclui os limites institucionais dos casamentos nas experiências amorosas das entrevistadas e de seus parceiros. A continuidade da análise tem, assim, o objetivo principal de, seguindo o raciocínio sobre o sentido da revelação da existência do relacionamento amoroso para a mulher, oferecer o entrelaçamento das vivências interpretadas como aprofundamento nas questões subjacentes que levam a publicização a ocupar tal lugar para a parceira amorosa.

O amor no casamento: uma etapa do desenvolvimento do self

Cristina, Márcia e Ana Lúcia viveram o amor em várias de suas faces. Pela complexa tarefa de sua definição, o que lembra o pensamento de Rabindranath Tagore, "Amor é mistério sem fim: não existe o que explique.", tentarei dar conta do que as entrevistadas apreendem como sendo mais significativamente correspondente a Amor no contexto do relacionamento entre um homem e uma mulher, sem deixar fora da análise outras modalidades não tão representativas, mas também experienciadas e significativas em termos de suas histórias de vida.

O amor é buscado primeiramente no casamento por Cristina e Ana Lúcia. Elas viveram a expectativa social de um projeto de vida modelar na nossa sociedade brasileira contemporânea para as mulheres: crescer e casar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, como elementos-chave do papel de esposa e de mãe<sup>60</sup>. E cumpriram a seqüência de passos previstos em tais diretrizes de vida. O casamento teve, para ambas, uma função de prover de cuidado, até certo ponto, suficientemente bom o seu novo espaço de vida, oferecendo um lugar de paz e tranqüilidade até um dado momento, diferente para cada uma delas, em que Cristina e Ana Lúcia transbordaram os limites então estreitos para os eus que cresceram – com a concorrência concomitante de processos terapêuticos realizados – ultrapassando as dimensões de tais contornos rígidos.

Cristina – "E a gente casou, né? Casamos, a minha... a minha relação com ele era uma relação bem... assim, tranqüila - né? - a gente se dava bem, a gente saía, eh..." (01/SP VIII<sub>13</sub>) –, embora tenha em pouco tempo se dado conta da sua própria insatisfação com o relacionamento, com forte desencontro na área sexual, encontrou no casamento o meio favorável para que a atuação sob o domínio do falso-self não fosse além da sua função defensiva, a garantir, de forma adiada, a possibilidade de emergência do verdadeiro-self.

---

<sup>60</sup> Não existe a intenção de negar o avanço no campo da profissionalização da mulher e da divisão de tarefas caseiras, apenas o reconhecimento de que ainda é interiorizada tal expectativa de forma hegemônica, mesmo quando a mulher exerce uma profissão. Em contrapartida, ainda há a presença da expectativa predominante de que o homem seja provedor em relação à família, em que pesem todas as mudanças havidas. Ou seja, como papéis institucionais, não há grandes mudanças na área.

Ana Lúcia, por sua vez, teve um período longo em que o casamento atendia às suas necessidades. Durante a maior parte do tempo, viveu bem com o marido e na sua descrição fica clara a função do ambiente para uma recomposição do eu:

E ele era uma pessoa assim muito... muito... tranqüila - sabe? - assim, inclusive, bastante morno, uma pessoa assim que eh... não se queixava de nada, também não vibrava com nada, mas também não enchia o saco pra nada - sabe? - (Hum-hum...) era uma pessoa fácil de conviver, assim, nesse sentido... se você... quando... se eu num queria me aprofundar nas coisas, se eu não queria discutir as coisas, se eu não quisesse ah... enfim, me aprofundar em nada, tava ótimo, porque ele era uma pessoa que também não exigia esse tipo de, de coisa e tal... e como eu vinha de um período bem conturbado - né? - de adolescência, aquela questão dos meus pais, meu modelo de casamento tava assim muito bagunçado... (07/SP III<sub>4</sub>); e

... aí eu acho que... esse período de casamento, de filhos, tudo deu... eh... em mim assim uma... um alicerce - sabe? - pra eu me sentir... mais confiante em mim mesma - né? - eu era uma pessoa muito... ah... não me achava uma mulher assim bonita, nem uma mulher mesmo, nem uma mulher... uma grande mulher no sentido... fêmea, sabe? (Sei...) Eu... sempre me achei pouquinho coisa, assim - né? - meu marido não me achava feia, mas não me achava bonita, não me achava gostosa, também não me achava nada, meu marido também era morno, não me dizia nada, nem pra sim, nem pra não - né? - que eu era gostosa, que eu não era nada. Ele sempre... era neutro - sabe? - (Hum-hum...) do tipo: não me comprometa, <risos> sabe? Nós fomos casados durante dez anos e ele nunca me disse nem se ele me achava bonita, se ele me achava gostosa, ele nunca me disse nada! E a gente ficou nesse nada, assim, vivendo, convivendo, com muito respeito, com muita... coisa e tal, mas... quer dizer, por um lado foi bom porque ele não ficou me instigando em coisas que eu não saberia responder, em coisas que eu não saberia viver, porque eu tava acho que me refazendo de todo aquele período difícil que foi a minha adolescência, né? Mas aí... eu... eu acho que nutri o meu lado de mãe - né? - fui me sentindo mais... eh... que me deixou mais inteira - né? - (Hum-hum...) o fato de tar casada, com uma estrutura familiar já toda montada e... e tudo... me... eu acho que me deu assim um alicerce pra eu falar: "Bom, agora eu vou procurar outra vez - né? - a minha profissão e... quero sair pra vida, quero ver



outras pessoas, quero conhecer novas coisas e quero ir à luta". (07/SP V<sub>5</sub>)

Embora o casamento forneça tais condições ambientais para Cristina e Ana Lúcia, isso não se deve a uma redefinição dos papéis sociais dos membros de uma família. A estruturação de direitos e deveres constituintes dos padrões das relações marido-esposa, mãe-filho(a), pai-filho(a), irmão-irmã, interiorizada por elas foi, provavelmente, muito semelhante àquela exemplar para seus pais. As representações sociais desses papéis, no entanto, integraram vivências diferentes que reposicionaram a ocupação dos lugares numa certa superação do ambiente familiar conturbado que aconteceu no caso de ambas as entrevistadas. A metamorfose ocorre mesmo sob o peso do instituído em papéis socialmente estabelecidos. É o self em movimento, na busca de uma vida que valha a pena. No ato representacional, as dimensões singular e plural articulam-se também em termos do desejo e do real.

No casamento, vivido dentro de moldes conservadores por ambas, Cristina e Ana Lúcia seguem, elas e seus maridos, sob a égide do falso-self, mantido o movimento subterrâneo do desenvolvimento. Um amor que se aproxima de Ágape para ambas, com lampejos de Philia para a segunda. Será Eros, no entanto, que forçará a entrada das duas na posição de desacreditável, mais adiante desse tempo em que o casamento ainda as acolhe suficientemente.

Como instituição, o casamento apresenta o amparo e o conforto de tudo aquilo que é aprovado socialmente. A sua representação contém elementos do amor romântico, arrastados no tempo, a partir do amor cortês. Muito criticada, mas mostrando-se de difícil superação, esta forma de ser atual do relacionamento homem-mulher contém grandes contradições. Se a força ideológica ainda sustenta, para muitos jovens, a visão idílica do casamento como o lugar do amor, as contradições afloram, em Cristina, no próprio discurso. Dizendo "O casamento é com amor...", (01/SP LIII<sub>1</sub>), ela mostra a confusão que vivencia na questão:

... falar em... é gozado quando você fala de relação amorosa..., ficou difícil pra mim, porque... a relação amorosa não ocorreu na minha vida... de casada, no período maior da minha vida, vamos dizer assim, (Hum-hum...) foi o período mais importante que eu considero (Hum-hum...) - né? - meu período de relação amorosa... você entende... já que eu fui ca... eu fui (...) anos casada, com filhos e tal, quer dizer, devia estar aqui, neste período e ela não tá, (01/SP LI<sub>15</sub>)

Ágape é protetor. A sensualidade sem espaço no casamento de Cristina, com sua vida sexual insatisfatória, de certa forma a protege de um possível medo de uma relação fusional antes de realmente assegurado seu senso de ser: "... é engraçado, eu, essa semana eu andei pensando nisso, esses homens que me assustam são os homens que ficam na minha vida, com exceção do Marcelo - né?... - depois, de um tempo pra cá, é engraçado isso..." (01/SP XII<sub>22</sub>). Mas, Ágape é restritivo. A

comunicação entre o casal não ultrapassa, quando existe, o nível da comunicação explícita, indireta<sup>61</sup>. Depois o silêncio. Dessa forma, chegaram ao fim os dois casamentos.

É o que pode ser observado, por exemplo, na fala de Cristina, esclarecendo sobre o final de sua vida sexual com o marido:

- (D) ... não se falava no assunto?
- (E) Não. Nunca, nunca. Na verdade, assim... eu e ele, a gente nunca falou de sentimento, nunca falou de emoção - sabe? - (Hum-hum...) Eh... a gente nunca falou dessas coisas. A vida da gente... era uma vida assim, a gente falava do cotidiano, do trabalho, do... - né? - mas nunca de falar “Eu tou triste, por isso e por isso, pois, ah, hoje eu tou isso, assim, assim”. Nunca. Isso não acontecia, era raro - né? - e... e acho que assim, as poucas vezes, foi quando eu comecei a tentar conversar com ele, pra mudar a vida da gente - né? - que eu falava com ele, mas ele não conseguia me captar - né? - e em relação a essa coisa, ficou de, ficou assim, um... um... um assunto que num... era como se ele não existisse, (Hum-hum...) de, de dizer que tar a fim, que não tar a fim, ou que, e agora <ininteligível> (Não se tocava no assunto...) tanto que... aí, depois de algum tempo, a gente começou a dormir separado, eu fui pro quarto dos meninos - né? - e aí os meninos de vez em quando iam pro quarto dele, e aí a gente começou a dormir assim e... e ficamos, a vida assim, uns três anos, nessa, nessa coisa... (01/SP LXXII<sub>2</sub>)
- (D) Você falou que vocês não conversavam, não falavam sobre os sentimentos. E quando você saiu do seu quarto de casal pro quarto dos meninos, também não se falou sobre nada?
- (E) Não.
- (D) Então eram os fatos que aconteciam (Era... é...) mas não se falava sobre o que tava acontecendo?

<sup>61</sup> Estou me baseando na apresentação de Winnicott (1963) dos três tipos de comunicação: a) a comunicação explícita, que é indireta e que envolve a linguagem; b) a comunicação intermediária, que existe na área cultural, a partir do brinquedo; c) a comunicação pessoal e silenciosa, não-verbal, que é sentida como real.

(Era...) Não houve nenhuma pergunta por que isso, nada?

(E) Não, não mesmo. (01/SP LXXIV<sub>4</sub>)

Também Ana Lúcia retrata o distanciamento em seu casamento:

... bom meu casamento foi esfriando, foi esfriando e... e esse fato nunca foi comentado com meu marido, (Hum-hum...) ele foi esfriando e ele foi assim - sabe? - se desfazendo e não foi nem discutido, não foi nem, assim... argumentado e contra-argumentado... quando eu vi eu tava prum lado e ele tava pro outro. (07/SP IX<sub>2</sub>)

Assumir e concretizar o desejo da separação, como aconteceu tanto para Cristina quanto para Ana Lúcia, indicam mais um grau de amadurecimento no caminho que o self realiza da dependência para a independência, que as priva das vantagens secundárias como segurança e tranqüilidade que o casamento lhes assegurava enquanto funcionavam basicamente apoiadas nos seus falsos-selves. Por outro lado, o espaço público é requerido para ampliação do seu mundo, voltando as duas entrevistadas a situarem a vida profissional como elemento importante das suas identidades sociais, em consonância com o processo de desenvolvimento do self. Primeiro ser, depois fazer, pode ser lembrada como a seqüência de reestruturação do eu no casamento e efusão no mundo através da atividade profissional. A confiança advinda da capacidade de novas inserções no social supera a dificuldade da lacuna de proteção que havia nos casamentos. O cumprimento submisso do papel

social de esposa fazia par com a imaturidade do self, agora sendo deixada para trás.

Não foi rapidamente que Cristina atingiu a condição de seguir sozinha: "... aí eu fui me preparando nesses anos todos pra decidir o que eu queria, se eu queria me manter casada ou se eu não queria me manter casada. E aí eu decidi que eu ia me separar." (01/SP XX<sub>18</sub>). Ainda houve um período, após sua decisão, em que esperou que o marido saísse de casa, o que não ocorreu: "E muitas vezes conversei com ele e ele dizia que ia sair de casa, que ele ia sair de casa e não saía, e não tomava nenhuma atitude, até que um dia ele falou: 'Ah! Pra mim tá no nível do suportável, eu não vou fazer nada.'" (01/SP XX<sub>21</sub>). Foi assim que ela resolveu, com todas as dificuldades, sair e consolidar a separação que já havia, efetivamente, dentro de casa:

Quando eu pensava nisso, logo no começo, era o maior desespero de eu sair de casa. (Hum-hum...).. Mas quando chegou no final de (...), eu decidi que eu ia sair. "Então você não vai, vou eu. Nós vamos comprar um apartamento, eu vou comprar um apartamento, nós vamos comprar um apartamento e eu vou embora.". "Tá bom", foi daí que ele concordou. (01/SP XXI<sub>5</sub>)

Para Ana Lúcia, num certo sentido, o caminho foi facilitado pelo marido, que saiu de casa. Mas, o ponto de inflexão decisivo para a separação aconteceu bem antes, com o enfrentamento daquele que ocupava o lugar do provedor, para poder trabalhar à noite, em função de uma oportunidade profissional importante para ela:

A essas alturas eu resolvi tocar à noite e ele não aceitou... aí foi a gota d'água - né? - porque eu saía pra tocar... pra tocar três noites por semana e ele não aceitava e... e eu finquei o pé porque, eu falei: "Ué, se eu fosse uma médica, se eu desse uma aula numa faculdade à noite, se eu tivesse que viajar... (Hum-hum...) por que?... então, se eu tenho que tocar, eu vou tocar. Essa é minha profissão, eu gosto, eu preciso fazer esse trabalho pra crescer, não sei o quê... e eu vou!" E ele não aceitou e essa foi a maneira assim que... digamos foi... o fator assim, mais decisivo - né? - principalmente pra ele, pra ele ir se distanciando também, e tal, e aí eu resolvi optar pela separação. Aí pedi a separação, ele não queria e foi ficando, foi ficando e... aí um dia eu falei: "Olhe, eu não agüento viver mais com você assim, porque hoje eu sou uma pessoa muito diferente!" (07/SP IX<sub>6</sub>)

Havia tanto em Cristina quanto em Ana Lúcia uma ausência de admiração pelo marido. Ainda que vistos como boas pessoas, eles não gozavam de prestígio. Um fragmento do discurso de Ana Lúcia ilustra a questão – que é comum a ambas, *mutatis mutandis* - para esta entrevistada:

E a essas alturas, ele se tornou uma pessoa pra mim muito... eh... digamos um ser... pra mim... - né? - eu achava uma pessoa fraca, assim - sabe? - (Hum-hum...) que eu não podia discutir as coisas, ele não tinha argumento, ele mal discutia as coisas, era uma pessoa que falava pouquíssimo, que se expunha pouquíssimo, então eu ficava sempre, assim, vivendo todas as minhas dúvidas, as minhas coisas sozinha, ou com outras pessoas, né? Aí, foi que eu comecei a reencontrar amigos, fazer novas amizades, colegas de trabalho, gente que me fascinava, que me... me interessava pela inteligência, pelo brilho, pela sensibilidade, entendeu? E... e... eu acho que daí eu me desinteressei por ele por causa disso. Eh... quer dizer, então, eu acho que a minha adolescência pouco... eh... vivida – né? - eu acho que me levou a um casamento assim. (07/SP LX<sub>23</sub>)

Este elemento, a admiração, emerge como um fundamental fator concorrente para o apaixonamento que as levará a manterem relacionamentos extraconjugais a significarem outro lugar do Amor nas suas vidas. Agora Eros surge de mãos dadas com Philia e são outros os tipos de comunicação disponíveis para os parceiros amorosos, além da comunicação explícita, indireta: a comunicação intermediária, que existe na área cultural – e no amor - a partir do brinqueado, e a comunicação pessoal e silenciosa, não-verbal, que é sentida como real.

Dividindo os espaços da vida: o amor fora do casamento

A ausência de comunicação no casamento, em quaisquer de suas formas, mas, fundamentalmente, daquele tipo necessário a um existir para o outro, minou a possibilidade de reconstrução do relacionamento, tanto para Cristina, quanto para Ana Lúcia. Lembrando a passagem muito conhecida de Winnicott (1967b):

Quando olho, sou visto; logo existo.  
Posso agora me permitir olhar e ver.  
Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e  
também percebo.  
Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está  
para ser visto (a menos que esteja cansado).  
(1975, p.157)

As entrevistadas encontraram o espaço em que viam o que não estava para ser visto em relacionamentos com amantes. De certa forma, ambas dizem o mesmo, com base em experiências diversas: ser verdadeira é poder se comunicar. A verdade no relacionamento reside na espontaneidade, na expressão de si, na comunicação de sentimentos, no compartilhar empaticamente as vivências de cada um e dos dois. Amor é comunicação.

Cristina fala do tipo de encontro tinha com o amante:

... e ele... me entendeu - sabe? - assim, eu entendia as... as... eu entendia ele e ele me entendia e eu era pra ele uma oportunidade dele vivenciar um monte de coisas, de... preconceitos, medos, curiosidades e tudo mais e ele pra mim. Ele me dava o maior suporte em tudo - entende? - tudo que eu queria experimentar de diferente, tudo que eu tinha de fantasia, tudo que eu tinha de medo... (Hum-hum...).. era com ele. Então quando a gente se encontrava... quando a gente se encontrava pra ter relações era uma vez por semana, no mínimo uma vez por semana... e... aí assim... eu fui fazendo catarses com ele... nesses encontros - né? - muita coisa foi saindo... eu chorava muito... as minhas... os meus medos todos... que eu.. que eu cultivei no casamento, de falar o que eu queria, de falar o que eu sentia, de... de... me colocar como uma mulher na relação... - sabe? - tudo isso eu pude fazer com ele. (Hum-hum...).. Foi uma relação muito linda... eu gostava demais dele... (01/SP XIV<sub>16</sub>)

Ouvindo Ana Lúcia sobre a questão:



Por um lado, foi riquíssimo, porque eu conheci um outro tipo de pessoa que tinha muito mais a ver comigo numa porção de coisas - né? - (Hum-hum...) era uma pessoa que discutia a vida comigo, que trocava idéias, que me lia inteira, que dizia as coisas sobre mim, e que se expunha muito mais - entendeu? - e aí eu comecei a ver que eu tinha muito mais afinidade com um tipo de pessoa assim do que com aquele marido - né? - que eu tinha. Mas, assim **foi muito rico, foi daí que inclusive eh... sexualmente eu me... realizei**. Porque como meu marido a coisa num rolava muito legal - né? - e... e eu como tinha toda essa admiração por esse professor, porque era uma coisa mista - né? - de homem pra mulher, mas de pai pra filha, porque ele era mais velho, de mestre pra aluno, foi assim tudo junto, então, **eu fiz uma entrega muito grande - né? - e nisso, eu acho que eu... eu realmente me... amadureci - né? - como mulher, como fêmea e tive grandes experiências com ele (Hum-hum...), inclusive nessa parte sexual, né? Eu acho que foi daí que eu realmente conheci o lance bem mais lá no fundo, tá?** (07/SP VII<sub>23</sub>)

Estes fragmentos dos discursos das entrevistadas trazem uma especificidade importante para destacar o amor na acepção em uso, o amor entre um homem e uma mulher: a vivência da sexualidade plena. A comunicação que embasa a verdade no amor, apreensível no que dizem Cristina, Ana Lúcia (e também Márcia, como será visto a seguir) requer o toque de Eros e de Philia, e o apaixonamento com o sexo consumado - que integra o mito do amor-paixão profanado na atualidade - é parte da sua configuração. Esta é a figura mais representativa do que as entrevistadas apreendem como sendo mais significativamente correspondente a Amor no contexto do relacionamento entre um homem e uma mulher e que encerra uma possibilidade de congruência de duas disponibilidades para a experiência de espaço potencial, a dos indivíduos

que compõem o par amoroso a engendrarem um relacionamento em que o lúdico tem um lugar especial.

Isto não quer dizer que os relacionamentos com os amantes atingiram a condição de terem lado a lado selves maduros a comporem pares amorosos com a perfeição do quadro descrito. Tanto para Cristina quanto para Ana Lúcia, os amantes fizeram parte de uma fase de transição em suas vidas, em que estavam se estruturando como pessoas, lidando com dificuldades a serem vencidas em várias frentes, inclusive em relação aos próprios casamentos. Os falsos-selves estavam segurando a situação em equilíbrio instável, porém possível com o auxílio dos papéis sociais de esposa e dona de casa, enquanto os verdadeiros-selves ensaiavam vãos baixos ainda no horizonte enevado de suas independências.

Neste contexto, por que o ocultamento da existência do relacionamento extraconjugal, mesmo aí, haveria de significar uma limitação a implicar uma certa perda pessoal? Vou caminhar junto com alguns elementos de vida das duas entrevistadas para tentar um maior esclarecimento da questão.

Em Cristina, há uma fala fortemente impregnada de imagens que põem o amor na posição idealizada da visão romântica, correspondendo ao início de suas experiências de vida amorosa. Em vários momentos, isto está presente, sendo, no entanto, perceptível uma gradual diminuição, ao longo do que pode ser interpretado como processo de

amadurecimento do self. Sobre o amante, ela diz que "Foi uma relação de muito carinho, de muito amor, de muito respeito, muito legal. Quer dizer, se ele não fosse casado e eu não fosse casada, teria sido a relação perfeita." (01/SP XXVII<sub>13</sub>). E é sobre o primeiro namorado que ela fala: "Eu amando alguém? Ai!... (suspiro)... acho que a minha primeira relação. Aquela pessoa de quem fui apaixonada." (01/SP XXVII<sub>7</sub>).

Fortemente presa ainda a uma visão de mundo conservadora, absorvida principalmente em seu meio familiar, Cristina debate-se na árdua tarefa de desconstrução/reconstrução de toda uma realidade de vida e sua representação. Mas, o seu falso-self garante-lhe, inclusive, o lidar melhor com sua culpa pelo relacionamento paralelo ao casamento, na medida em que sua conduta seguia aspectos valorizados do papel que interiorizara para ser mãe e esposa, integrante de sua identidade social:

... eu acho que assim..., tudo eu fazia - né? - eh... eu fazia... a casa, eu organizava a casa, eu organizava a comida, eu... eu fazia as compras de... prover a casa de tudo, eh... (Hum-hum...) levava as crianças... pras atividades, quer dizer era uma coisa que era muito mais minha (Hum-hum...) - né? - assumia tudo, eh... o marido ficava doente eu cuidava (Hum-hum...) - né? - a única coisa que a gente não tinha mais era uma relação sexual, porque a gente ficou um bom tempo sem ter, depois de um tempo pra cá, nunca mais nós tivemos, o resto... a gente saía, assim, se as pessoas encontrassem a gente na rua... é tanto que muitas pessoas quando souberam que a gente se separou estranharam pra caramba - entendeu? - porque a gente vivia junto, não junto de tar de mão dada, de tar abraçada, de tar... se falar, mas a gente vivia junto... (01/SP LVII<sub>5</sub>)

Tal divisão, no entanto, traz-lhe dificuldades, na medida em que há uma incipiente ocupação do espaço da espontaneidade em sua vida. O amante, a terapia - lugares em que há comunicação e constituição do espaço potencial -, situações lúdicas vivenciadas são novos elementos do mundo de Cristina. Ampliar isto é um desejo que cresce e que é difícil de poder se realizar na configuração existente:

Eu gostaria de ter uma relação com ele, que não fosse escondida, que não fosse mentira - entendeu? - porque no fundo, a gente vivia uma coisa muito legal, mas em que ele - né? - então, assim, eu queria poder trazer ele aqui em casa, apresentar... - entendeu? - (Hum-hum...).. sair pro cinema, sair, jantar fora, viajar, apresentar ele pros meus filhos se fosse o caso - né? - (Hum-hum...).. eh... sair do anonimato. E viver uma outra coisa que eu acho que a gente não teve oportunidade de viver. (Hum-hum...).. E que talvez se eu vivesse, com ele, eu ia chegar a conclusão que não era com ele, que eu ia ficar... que é a coisa da rotina do cotidiano, do dia a dia, do morar junto na mesma casa, partilhar das mesmas... da mesma mesa pra comer - entendeu? - assim, de ter ele como companheiro meu, (Hum-hum...).. assim, meu no sentido... de ele não precisar ele, sete horas da noite: "Dê licença que eu tenho que ir embora pra casa." (Hum-hum...).. E a gente ter a liberdade de tar juntos. (01/SP XXVIII<sub>15</sub>)

Ao mesmo tempo, a permanência na situação de duplicidade de relacionamentos acarreta uma série de conflitos. Um longo excerto da fala de Cristina servirá para dar continuidade à busca de entendimento dos fatores subjacentes que, existindo na fragmentação de vida em

espaços sociais dissociados, a impulsionam para uma vida em que seja possível manter a continuidade entre tais espaços:

- (E) ... e ... assim, era como se eu tivesse duas personalidades, vamos dizer assim. É engraçado isso, as pessoas me viam nunca imaginariam... - entendeu?... - que eu tivesse outra pessoa, que eu pudesse ter...
- (D) Aonde é que você se sentiu mais verdadeira, nessas duas personalidades?
- (E) É complicado... eu acho que eu vivia nas duas... eh... coisas que eu vivia aqui, eu não vivia aqui - entendeu? - é gozado isso... mais 'verdadeira'?... eu acho que enquanto pessoa...eu era, assim, enquanto meu sentimento, a minha... o meu desejo - né? - era na relação com essa outra pessoa que não meu marido, (Hum-hum...) - né? - mas eu era verdadeira na outra... na relação de casada... eh... complicado, né?... <risos> nos papéis que eu vivia assim - entendeu? - no papel, no sentido assim, eu era a mãe, eu continuava sendo a mãe, continuava sendo a... mentira - né? - quer dizer... esposa entre aspas - né? - mas eu digo... tava... no meu papel, cumprindo os meus papéis todos - entendeu? - mas assim, em termos de sen... de sentimentos, de... de verdade mesmo... profunda, era na relação, embora eu não pudesse sair, embora eu não pudesse viver uma outra coisa, mas ali eu tinha raiva, ali eu chorava, ali eu... tinha tesão... entendeu?... (Seus sentimentos podiam aparecer?... ) eh... os sentimentos saiam ali... e acho que era uma ... uma das coisas que mais me pegou, essa coisa, que... aí eu ia, se me mantivesse com ele, eu ia manter esta situação do meu casamento - entende? - quer dizer... essa coisa do amor, da... do tesão - né? - saía, mais ia continuar saindo entre quatro paredes...
- (D) Ia manter dividida a sua vida, (do mesmo jeito...) do mesmo jeito, só tinha...
- (E) É... então... é isso, assim, acho que a coisa do verdadeiro, tem nos dois e não tem em nenhum dos dois - né? - Tem na medida em que eu... eu... eu sentia coisas aqui verdadeiras, e... e... tava aqui presente - né? - com tudo que eu tinha o que fazer e tal, e não tinha em nenhum dos dois, porque na verdade eu não era verdadeira em nenhuma das duas situações... verdadeira, eu acho que...

engraçado... em relação a, a outra pessoa - né? - eu era verdadeira, eu só não tinha a possibilidade de viver aquilo fora daquelas quatro paredes que a gente vivia - né? - quer dizer a gente ia... até a gente saía, de vez em quando a gente ia num shopping e tal, mas era como se... fôssemos dois amigos - né? - cada um no seu canto - entendeu? - a gente tomava um café, daí ia embora, era uma coisa assim meio... mentirosa <risos> (01/SP LIX<sub>18</sub>)

Para Ana Lúcia, a questão da verdade no relacionamento amoroso também se inclui nos componentes do desconforto psicológico gerado pela situação de ocultamento:

- (E) ... eu sabia que aquilo ia ter um desfecho - sabe? - e o meu desfecho era... pra mim, se aquilo era verdadeiro, eu queria viver aquilo intensamente. (Hum-hum...) E mesmo que ele... que eu me separasse e ele não, eu acho que eu não ia agüentar aquilo por muito tempo.
- (D) Aí, quando você diz assim: “Se aquilo era verdadeiro...” o que seria verdadeiro num relacionamento amoroso? ... .. É uma pergunta bem 'cruel', assim... tem gente que... é difícil de responder, nem sempre se tem a resposta...
- (E) Eu achava que era verdadeiro, assim, porque era muito... eh... pra mim era muito verdadeiro, no sentido de que eu era mui... eu me expunha demais pra ele, (Hum-hum...) entendeu? Eu era muito exposta pra ele assim, e tudo que eu fazia era assim muito de alma mesmo - sabe? - era um negócio que não tinha... não era de razão, assim, só, era uma coisa muito da alma, vinha assim... - sabe? - (Hum-hum...) eu não segurava. Era muito intenso e eu acho que era verdadeiro na medida em que vinha assim, não passava nem muito pelo crivo, sabe?
- (D) Sei. Não havia muito domínio, controle de consciência daquilo, né?
- (E) Não. Não. Então eu achava que era uma coisa, uma sentimento muito forte, muito efervescente, era uma coisa que... acho que é por isso que eu chamo

de verdadeiro, assim, porque não passava muito pela razão - sabe? - era um negócio zumm... vinha assim... existia... não tinha muito como... - sabe? - ficar... (07/SP XLIV<sub>16</sub>)

A inviabilidade antevista por Ana Lúcia também se apresenta para Cristina. De alguma forma, o relacionamento era percebido nos seus limites desde seu início, mesmo havendo um grande encontro:

... mas eu sabia que aquilo um dia ia acabar, porque ele era casado, não tinha filhos, porque não quis, mas ele sempre dizia que ele não ia se separar da mulher dele. E... eu sabia que isso ia acabar um dia... (Sei...) que eu ia acabar com isso um dia... e... algumas vezes ele falou em se separar dela, porque a gente viveu uma coisa intensa, foi pra mim e foi pra ele, (Hum-hum...).. a gente tinha assim, chegava a segunda feira, a primeira coisa que a gente fazia era se falar pelo telefone. Foi uma coisa muito... pra mim muito bonita... que eu assim... tenho lindas lembranças a respeito, além da coisa da sexualidade, tinha um carinho, um respeito, a gente conversava horas se fosse o caso, horas, horas... (01/SP XV<sub>6</sub>)

Os relacionamentos extraconjugais, levados em meio a conflitos, culpas e reparações, ocupavam, no âmbito dos anseios, um espaço a ser ampliado em suas vidas. Mas, como parte das contradições vividas, houve também o desejo de consolidar os laços nos próprios casamentos. Acreditar na mudança como condição potencial do ser humano estava nos discursos das entrevistadas e, provavelmente, isso ativava suas buscas pessoais em termos de amadurecimento do eu e de sentido de vida. Ambas tentaram engajar os maridos em processos de

mudança que contribuíssem para salvar o que tinham como relacionamento. Cristina não teve êxito, neste aspecto, com relação à sua busca de melhoria na área da sexualidade:

E ele sempre falou pra mim, assim, coisas quando eu comecei a questionar casamento, questionar... tudo - né? - eu conversava com ele sobre essas minhas dúvidas - né? - ele dizia que eu tinha mudado, que eu não era mais..., que eu que tinha que voltar a ser o que eu era, que ele não ia se... alterar... em absolutamente nada... que eu que voltasse a ser o que eu era. **Eu dizia pra ele, que assim é impossível - né? - que ninguém permanece a mesma pessoa desde que nasce até que morre - né? - todo mundo muda, todo... tudo se transforma nessa vida, né? Que a gente podia se transformar e continuar junto, (Hum-hum...)..** que era o que, assim, eu queria muito. Queria que ele entendesse a minha linguagem... também ele não tinha os meus registros, aí é engraçado, não é?!... <risos> é questão de registro também, ele num... eu falava pra ele da coisa do prazer, eu falava da coisa da autonomia - sabe? - é uma coisa muito doida... (01/SP XL<sub>11</sub>)

e mais:

E... então assim, a nossa relação sempre foi por aí, e eu tenho muita tristeza disso tudo - né? - porque na verdade eu acho que não teve querendo nada de mais, eu tava querendo viver... a minha... o meu lado mulher ali plenamente, (Hum-hum...).. mas era com ele, eu não tinha intenção que fosse com outro. **Só que não deu, chegou a um ponto que não deu pra segurar, foi aí que eu conheci essa pessoa, né?** (01/SP XX<sub>12</sub>)

Por sua vez, Ana Lúcia, conseguiu mobilizar o marido para fazer uma terapia. Porém, pouco tempo depois, eles se separaram. E, se ele chegou a sair da sua condição do "não me comprometa" em que vivia, isso já não aconteceu ao seu lado. Pelos fortes laços de querer bem, que



havam sido fortalecidos ao longo de anos de convivência, Ana Lúcia desejava vê-lo mais amoroso, mais caloroso, mais sensível, independentemente de ser para o relacionamento do casal. Até pelos filhos e por ele próprio, defendia a idéia. O importante, contudo, é ressaltar sua crença na mudança:

... eu achava que ele era assim, ele era assim, eu não tinha que mexer, mas no final, eu comecei a ver que também não era bem assim, que **as pessoas mudavam com o passar do tempo. Eu mudei tanto, porque ele não podia mudar? Eu também era uma concha, era uma pessoa fechada, era isso, era aquilo, mas afinal de contas me abri pro mundo e tudo, porque que ele também não podia mudar (Hum-hum...) - né? - até porque pros meninos seria bom, que ele fosse mais amoroso, que ele fosse...** (07/SP X<sub>23</sub>)

Apreendo tal crença como indício revelador de verdadeiros-selves, em Cristina e Ana Lúcia, com possibilidade de assumirem, cada dia mais, a direção do movimento de suas vidas. Pois assim agiram ao longo das histórias de vida que narraram, mesmo atuando nas camisas-de-força dos seus falsos-selves. Desvelaram algumas das contradições em que estavam imersas, debateram-se nos conflitos, amaram e foram amadas, sem que parassem o curso do amadurecimento pessoal.

Cristina reconhecia que o casamento, que tinha realizado seu projeto de vida, sonegava-lhe algo de muito valioso:

Na verdade, o meu projeto de vida... eh... eu alcancei, na verdade, casada. Casada, com filhos bonitos, saudáveis, casa suntuosa... Assim, é uma casa boa, grande... tem, tinha tudo o que queria - né? - então assim, meu pai que dizia pra mim: "Mas eu não entendo, você tem tudo o que você quer. Por que você vai se separar? Olhe o que você vai fazer!" Eu dizia "Pai: eu não tenho o principal. Eu não tenho o principal, eu não tenho!" (01/SP XLIX<sub>3</sub>)

E, de forma confusa, entrevê as normas sociais interiorizadas de forma bastante arraigadas em si mesma, mesmo contrariando-as por outro lado:

- (E) Na... na verdade assim, quando eu falo que o lugar do amor, eu acho que tem a ver com a sensação de não... legitimar o amor que eu senti por outra pessoa - entendeu? - (Hum-hum...) eh... era como se aquilo que eu tivesse sentido com a outra pessoa não pudesse ser amor, tinha qualquer nome, menos amor, tinha sacanagem, tinha adultério, tinha tudo nesse rolo - entendeu? (Hum-hum...) - mas não... amor, o amor não... justificaria essa situação...
- (D) Embora num certo momento você falou que, realmente... se sentiu amada.
- (E) Sim. Mas eu... eu acho que tem uma coisa do sentimento e uma coisa da razão - né? - da culpa - entendeu? - aí vem culpa, aí vem um monte de coisa. Por que? Porque nesse sentido que eu tou falando, porque o amor não cabe aqui... é como se não tivesse permissão pra amar fora daquele espaço. (01/SP LVIII<sub>13</sub>)

e ainda,

- (E) ... fala em relação amorosa, eu fico assim, "E eu tive?", sabe... "Que é isso?", (Procurando, né?) tive, tive relações, tive esta relação com meu marido, tive esta outra relação, amorosa sim, mas um cunho... proibido, vamos dizer. (Hum-hum...) Parece que nem tem muita permissão pra coisa do

amor nessa, nessa minha história, acho que pela carga moral - entendeu? - eh... assim, eu acho que o que justificou eu ficar com esse homem, três anos e meio, foi o amor mesmo. (Hum-hum...) Foi uma relação amorosa, não sei se você tá entendendo o que eu tou querendo dizer?

- (D) Eu acredito que sim. Mas, se eu por acaso fizer alguma, algum comentário fora, você me corrige, tá certo? (Tá...) Eu acho que você tá... colocando, no sentido de ter sido mais intensa, mais plena, no sentido de juntar a sexualidade, o corpo, com um pouco também de expressão de sentimento, não era só a sexualidade, era express... é isso?
- (E) É isso. Ela foi amorosa nesse sentido. Mas como ela não foi válida, não vale, ela não foi... legal, legal de legalidade, ela esteve na ilegalidade, (Hum-hum...) parece que fica difícil de você referendar o amoroso aí, entende? O peso da imoralidade fica maior do que o peso da... do amor, dá pra você entender? (Dá...) Isso assim, no... no... geral da história, né? Então aí, por isso que eu te digo, quando pega o amoroso, eu vou me reportar ao meu casamento...
- (D) Me deu uma boa palavra quando você... <referência ao uso do termo pela entrevistada>: o registro. O registro do amor no casamento era mais forte, então, não é?
- (E) É. O casamento é com amor...
- (D) O registro clandestino retira o registro do amor, né isso?
- (E) É, é isso. Não que não houvesse amor. Que eu acho que o seguiu foi amor da gente, a gente se amou, apesar de tudo, das dificuldades e tal - né? - a gente se amou muito, mas não foi um amor permitido, então parece que... assim... só dá pra falar de amor no casamento. Eu acho que deu pra você entender. (01/SP LI16)

Também não foi sem dificuldades que Ana Lúcia empreendeu sua travessia de um período decisivo para o seu fazer, possibilitado por um senso de ser reafirmado. Mas, não se deixou ficar na inércia:

... e realmente eu mudei muito - sabe? - depois que eu voltei a fazer música, que eu me encontrei, que eu vivi toda essa intensidade dessa relação amorosa e tal, eu fiz novos amigos, eu me tornei uma pessoa mais - sabe? - pra fora, uma pessoa mais ativa, mais cheia de energia (Hum-hum...) e... cheia de idéias e de vontades e... - sabe? - eu fiquei assim louca pra viver a vida - né? - e ele... lá, naquela coisinha, naquela mesmice e eu tinha vontade de discutir, falar coisas com ele, mas não tinha ressonância, porque ele era uma pessoa muito técnica - sabe? - muito assim... eh... e eu: "Ah! não, eu quero sair pro mundo." - né? - e aí falei pra ele: "Olha, eu não consigo mais me relacionar com você porque, assim... daí... eu quero... preciso conversar com outras pessoas, eu não consigo saber de você nem o que você pensa de mim, há tantos anos que nós estamos juntos eu não sei nem o que você pensa da minha cara, se eu sou feia, se eu sou bonita, se eu sou horrorosa..." (07/SP IX<sub>19</sub>)

As entrevistadas, em questão, vivenciaram relacionamentos que as conduziram aos seus momentos atuais, enriquecidas pelas experiências vividas. Nenhuma das formas anteriores de relacionamento amoroso está sendo adotada atualmente, o que fica de acordo com o sentido de processo já destacado quando me referi ao movimento do seus selves.

Trago dois fragmentos do discurso de Cristina, um deles bem longo, para que possa ser contraposta sua atualidade àquele momento em que fala do relacionamento com o marido:

... eu acho que hoje na minha relação com... com... essa pessoa, várias coisas já estão contempladas, vamos dizer assim - né? - a coisa, a coisa da relação de respeito entre a gente, a coisa da participação dele na minha vida, da minha na dele... eh... a, assim, ele passou a conhecer meus filhos há pouco tempo, eu

apresentei meus meninos pra ele... a relação dele com as crianças é superlegal, ele é um cara bem molecão, então, conquistou os meninos de um jeito legal... (01/SP XXXIV<sub>17</sub>)

e, também,

- (E) Acho que assim, a gente tá vivendo um momento meio de... de questionar um pouco a nossa relação também - né? - porque a gente tá num ponto que, ou a gente se junta - né? - ou a gente... se separa... não sei se dá pra você entender isso...?
- (D) Dá pra você explicar melhor?...
- (E) É... ele... eu acho que assim... por tudo que ele já viveu, ele tá num momento de questionar a vida dele. (...) Ele quer casar... quer... - entendeu? - constituir uma família, vamos dizer. Até passa na cabeça dele ter filhos... ao mesmo tempo ele fica: mas a minha liberdade, mas a minha casa, mas a minha... - entendeu? - mas... mas... mas... mas... e pra mim, assim, eu quero alguém que viva comigo, entendeu? Então... eh... também assim, se ele def... dependendo do que a gente define da nossa vida, eu não quero também - engraçado isso -, eu quero uma pessoa que faça parte da minha vida, integralmente. E eu não quero que fique com essa coisa de: você viaja sozinha, eu fico... e também não quero uma coisa assim: eu só vou se você for... é complicado!
- (D) É complicado. Mas eu acho que eu (Você tá me entendendo?) entendo qual é a colocação... você quer uma interdependência, mas não uma simbiose, né?
- (E) Isso! Né? Quer dizer assim, eu não saía sem meu marido, ele não saía sem mim... assim, sem eu estar junto... ao mesmo tempo a gente não se dava bem, mas tinha que tar juntos. Esse fim de semana agora, eu fui pra Santos e o Fábio falou que não quis ir, até aí tudo bem - né? - mas...até porque era o momento dele, ele ficou porque tava precisando ficar, então ficou e eu fui numa boa - entendeu? - eu fui legal, fui tranqüila, mas assim, eu não quero que a gente viva... uma relação que não tenha... assim... essa... assim, eu gostaria de tar morando junto - entendeu? - de tar...
- (D) Espaço comum de refeição - né?... - (Espaço... Isso!... Isso!... ), planejamentos comuns...
- (E) O cotidiano, entendeu?... Eu gostaria de tar no meio de tudo isso... né?... e...

- (D) É a história do compartilhar mesmo, né?
- (E) Isso, isso. Isso que eu gostaria, né? E ele tá num momento que ele, também quer, mas até que ponto ele quer, ele não sabe. Então eu não quero... mais... eu quero viver uma coisa plena, inteira. E nesse final de semana, lá em Campos, eu tava pensando, eu quero alguém que... eu não sei se é egoísmo da minha parte, mas enfim... não importa. O que eu desejo é alguém que... que sonhe junto comigo - entendeu? - que sonhe os meus sonhos, e que eu sonhe os sonhos dessa pessoa, junto - né? - (...) Então assim, eu quero alguém que curta comigo as coisas que eu curto. (Hum-hum...).. Já chega de eu curtir as minhas coisas sozinha. (...) a solidão a dois - entendeu? - essa coisa de solidão a dois eu não quero mais - né? - eu quero poder... compartilhar mesmo, viver juntos... e tudo mais. Então nós estamos num período assim, meio de... de... sacar o que vai ser, acho que a gente vai dar uma mudada na relação, eu não sei..., se pra... pra isso que eu desejo ou se pra outra coisa. (Hum-hum...).. E, e nessa minha relação com ele eu já deixei claro, desta vez eu vou mudar... - entendeu? - eu não vou sair antes da hora. Isso eu tenho claro pra mim, porque sempre eu saía antes da hora. Qualquer coisa eu falo assim: "Me desculpa, mas desta vez... eu vou até o fim." - né? - porque é uma pessoa que eu gosto, é... que... que... faz sentido tar na minha vida, a forma como se relaciona com as crianças, o que espera da vida, o que faz... (01/SP XXXVI<sub>2</sub>)

Na presenteidade de Ana Lúcia, não há nenhuma certeza, mas há confiança. Ela diz estar mais serena, otimista e de bem com a vida. Tem mantido um relacionamento com uma pessoa mais nova (brinca sobre estar descendo na escada da idade dos namorados, mas destaca que há nos mais novos um maior senso de humor, em geral, e isso a tem fascinado muito) por quem se sente muito atraída – Foi uma pessoa assim que eu... antes de mais nada, tinha uma atração por ele, antes...

isso é uma coisa inquestionável, assim, não sei porque que eu tenho, mas eu tenho, (07/SP LXXX<sub>9</sub>) – mas que tem sido de convivência complicada:

... o Ranier, não, ele me atrai, assim, só a pessoa dele, não precisa dizer nada, nem fazer nada, (Hum-hum...) só ele e pronto. Já é cinqüenta por cento a pessoa dele. (Hum-hum...) Os outros cinqüenta por cento é que não dá certo. <risos...risos> Não, ele tem muita coisa legal também, mesmo, o problema dele é... eu acho... ele é uma pessoa complicada. (07/SP LXXX<sub>13</sub>)

Fazendo uma certa reflexão retrospectiva, Ana Lúcia não parece estar na dependência de dar certo o namoro para viver bem. Dois excertos do seu discurso situam o que digo:

... eu amadureci, acho que... eu tou mais em paz, eh... de certa forma penso que tou assim, hoje, muito mais com... vontade de ter... vontade, às vezes não significa que eu esteja tão limpa e preparada pra isso, mas, eu tenho vontade de ter uma relação leve, gostosa – sabe? - pra sair, pr'outro lugar, pra me divertir, (Hum-hum...) pra viver momentos bons – né? - não ficar mais eh... curtindo coisas, assim... e trocando... eh... vamos dizer... calcando uma relação em cima de problemas (Hum-hum...) – sabe? - como eu já tive muito essa necessidade – né? - de estar com uma pessoa, ou de estar com alguém ou mesmo com uma amiga, ou vamos dizer, pra contar problema, pra falar de problema (Hum-hum...) e num sei que, porque eles aconteciam mesmo e eu queria falar, eu queria trocar idéia e eu queria pensar, filosofar, sabe? (07/SP LXII<sub>24</sub>)

Outro trecho que ilustra o mesmo posicionamento:

- (E) ... eu acho que hoje a minha relação, se eu tivesse uma relação... um namoro com alguém, seria já num outro nível, de uma coisa... mais... mais light mesmo, sabe? Eu acho que... esse período meu, que eu passei dos meus trinta aos quarenta e pouco, eh... já... acabou. Eu acho que encerrei um ciclo, (Hum-hum...) talvez eu esteja pra começar um outro, num sei, mas esse ciclo do questionamento, da observação, da... - sabe? - da discussão, da... da... daquele negócio, de juntar, ficar falando, sabe... ahn, ahn, ahn, acabou, eu sinto que encerrou.
- (D) Hum, hum... E quando você tá falando mais light, pelo que eu entendi - queria ver se eu tinha entendido certo - não é que seja pouco profundo, é que é (Não...) mais lúdico, mais... a brincadeira (Isso...) quer dizer, o aspecto, vamos dizer, mais de... de... de estar junto na alegria. Seria isso?
- (E) Na alegria, exatamente, não é uma coisa menos profunda, não, ao contrário. Mas não uma ligação pela dor, mais pela alegria, pela... (Pelo prazer de tar juntos...) pelo prazer de tar junto. Uma outra coisa que nesse momento, eu tou começando a... a ... um... um... numa outra coisa diferente que pra mim é muito importante, que é dar o passo pra eu conseguir... a minha moradia – né? - própria, um... uma coisa assim, da minha estabilidade, pelo menos eh... eu moro aqui de aluguel e tou comprando um outro apêzinho, pequenininho, tal, tou financiando ainda em seis anos, mas eu estou providenciando, digamos, a minha tranqüilidade futura, (Hum-hum...) né? Então, isso é uma coisa que pra mim tá sendo muito importante, essa conquista. (07/SP LXIV<sub>19</sub>)

No acompanhamento dos percursos das duas entrevistadas, em foco nesta parte, emerge claramente a necessidade da espontaneidade integrante do verdadeiro-self em ação, a expressão íntegra de si para uma superação do falso-self dominante que durante boa parte de suas vidas atuou como função defensiva (embora ponha no passado, quero frisar que nada deve ser tomado no sentido absoluto, ou seja, não estou afirmando estarem Cristina e Ana Lúcia totalmente amadurecidas psicologicamente,



e sim, que há uma curva ascendente perfeitamente perceptível em suas histórias de vida). Estes elementos falam de uma configuração de ser em construção, que se choca com as limitações impostas pelo ocultamento de um relacionamento amoroso, com sua restrição forçada ao espaço daquilo que é secreto para o resto do mundo social.

Os espaços da vida sendo divididos: amando homens casados

O lugar do amor para Márcia sempre esteve fora do casamento e, embora tenha se relacionado com homens casados, de certa maneira, ficava subjetivamente fora do efeito do ocultamento que havia, ocasionado pela situação de vida do seu par. Como já comentei, não apreendi tensão no seu relato acerca do risco de que alguém viesse a tomar conhecimento do caso. Ela mantinha uma postura ética de respeito à necessidade do outro, sim. Mas, não era uma necessidade sua.

O seu percurso de vida amorosa integra uma história de vida cujo desenho é mais retilíneo do que foi comentado nos processos anteriormente citados. De certa forma, é apreensível um conjunto de valores que, se não fogem à coercitividade da realidade social objetiva, como, ademais, é esperado que ocorra, se apresenta menos tradicional do que aqueles para Cristina e Ana Lúcia, no início de suas vidas adultas. Se o ponto de partida de suas experiências amorosas tem tal característica, por outro lado, Márcia segue sua vida sem que a forma de

viver o amor e de estar no mundo, neste âmbito, sofra muita alteração ao longo do tempo.

Ser amante, ao que parece, passou a integrar a representação de si mesma, debatendo-se Márcia entre a representação que tem desse papel e a representação que reconhece existir também sobre ele. Ela usa o pronome pessoal na primeira pessoa do plural quando fala, denotando, naquele momento, seu sentimento de pertença ao universo referido: "... achar que: "Ah! a amante é aquela que tira proveito, que..." Não. Também não é verdade, não. A gente sofre muito. Acho que a gente sofre muito por vários motivos..." (06/SP LXXII<sub>6</sub>). E, ocupar tal localização social acarreta conclusões penosas, como as refletidas no nosso último encontro:

- (E) ... uma coisa que eu acho, e acho até que já vivi isso, é que muitas vezes, o relacionamento, de fora, ele ajuda a preservar um casamento (Hum-hum...), porque, às vezes o casamento dura, uma bomba prestes a explodir, uma panela de pressão, e é exatamente o relacionamento de fora, a terceira pessoa, (Que alivia...) que alivia, que dá uma trégua e que oferece condições do casamento seguir adiante (Hum-hum...). Então, muitas vezes, a terceira pessoa que é vista, normalmente, como uma ameaça pro relacionamento, é aquela que mesmo sem querer, acaba dando condições para o que o relacionamento continue, porque, se ele se fechar no casal, das duas, uma, ou casal se conserta ou definitivamente estoura.
- (D) Seria mais ou menos como, aquela pessoa que vai, eh... definir um equilíbrio instável - né? - se equilibra (É.), não é isso?
- (E) Que possibilita um equilíbrio instável, mas que de fato possibilita... Acho que... acho que essa é uma... é uma função involuntária, que muitas vezes a

gente acaba cumprindo sem saber... (Hum-hum...)  
mas eu acho importante poder pensar nisso.

(...)

(D) E quando você pensou isso, você pensou, em termos de colocar esse... essa... esse adendo, essa... esse acréscimo ao que você vem falando, fez... isso foi num sentido assim... pra você isso tem um sentido mais positivo, pra pessoa que fazia esse... papel de equilibradora?

(E) Não sei se positivo, num... não sei... se positivo ou negativo, eu acho que isto é um fato (Hum-hum...), isto na minha concepção acontece assim, muitas vezes, não sei, (ininteligível) e eu acho importante não esquecer disso, porque normalmente existe uma visão... comum... (De que seria destruidora, né?) é... de que a terceira pessoa é uma ameaça, é uma pessoa que veio pra destruir uma relação, que veio... e muitas vezes... não é isso (Hum-hum...). Ela acaba ocupando exatamente o papel daquela que possibilita a manutenção de uma relação que tá instável, mesmo.

(D) Sim. É, realmente é um... um aspecto bem relevante pra se colocar e pensar. O que eu queria saber, um pouco além dessa coisa que eu concordo, dessa relevância, era... se você consideraria que o sentimento... quando eu falei, positivo, assim... ao se perceber neste papel, a pessoa se sentiria melhor ou pior?

(E) Acho que pior.

(D) Hum-hum... Pior?

(E) Acho que pior, porque ela... acaba se dando conta, de que ela pode estar contribuindo para a manutenção de uma coisa que ela não quer que seja mantida (Hum-hum...) - né? - que ela espera... que acabe, espera que tenha um desfecho pra... enfim, pra que ela possa viver a sua história plenamente, né? (06/SP LXXIX<sub>9</sub>)

Um breve intervalo para um comentário: reconhecendo os limites desta análise, alerto que registrar a não observância de uma curva ascendente mais visível em sua história de vida não me permite fazer conclusões mais aprofundadas sobre Márcia como pessoa no seu todo,

como também foi o caso da ressalva feita em relação a Cristina e Ana Lúcia, noutros termos. Isto está dentro do previsto pela pesquisa, comentado no capítulo em que trato dos aspectos metodológicos.

Há uma afirmação da entrevistada que vai, aparentemente, de encontro a um aspecto da tese desenvolvida. Ela diz que o tipo dos relacionamentos não concorria para que ela tivesse seu amor pelos amantes diminuído:

- (E) ... porque eu tenho uma coisa, assim, eu acho que eu quero um relacionamento fixo, eu acho que eu procuro um relacionamento fixo, então, quando eu começo a me relacionar com alguém, eu acabo investindo nesse relacionamento. Mesmo que ele seja frustrante, eh... eu fico esperando que as coisas melhorem ou que as coisas mudem, ou eu fico tentando ver se essa pessoa gosta de mim ou não gosta de mim, se existe chance de mudar... eu sou... eh... é muito mais fácil eu fazer isso, do que falar: "Bom, então eu vou procurar outro, porque aqui não tá bom, eu vou procurar outra pessoa.". O meu natural não é esse, o meu natural não é dizer: "Ah! Esse aqui não tá dando certo, deixe eu procurar outro.". É mais fácil eu passar anos, tentando encontrar aquilo que eu quero naquele relacionamento, mesmo sabendo que não vou encontrar.
- (D) É, eu acho que eu fiz uma pergunta bem confusa e o que eu queria, em suma, era saber o seguinte: em nada, esse tipo de relacionamento, por ser como era...
- (E) Se diminuía o meu amor?
- (D) Isso.
- (E) Não.
- (D) Não? Quer dizer, não havia nenhuma concorrência pra que você deixasse de gostar, ou se sentisse...
- (E) Não. Eu me sentia... eu me sentia pouco querida, digamos assim. Não rejeitada, pouco querida. São coisas diferentes (Hum-hum...). Eu sentia que eu gostaria de ser mais querida do que eu era, eu

sabia, que aquilo era... Bom, isso é pouco pra mim, isso é insatisfatório pra mi... Mas, deixar de gostar... acho que não. (06/SP XLIV<sub>16</sub>)

Em primeiro lugar, quero comentar a reflexão, somente possível a posteriori, sobre o que me pareceu no momento da entrevista consequência apenas de uma má formulação minha para a questão introduzida para Márcia (reconhecer que, de fato, não foi uma boa formulação contribuiu, provavelmente, para o peso da atribuição feita). Ao lidar com a entrevista editada (momento em que se está fazendo a ruptura do campo epistêmico para o teórico), deparei-me com a clareza maior de que, quando faz a pergunta "Se diminuía o meu amor?", a entrevistada apresenta algo que, certamente, havia sido posto por mim em fala bem anterior àquele momento e, no entanto, ela havia respondido longamente sobre outro aspecto, sem ir direto à questão solicitada. Resta-me, como conclusão, reconhecer este ponto como merecedor de maiores esclarecimentos sobre haver convicção na resposta dela ou não. Há, no meu entender, problemas de clareza para a própria entrevistada quanto à sua permanência prolongada em tais relacionamentos. Na segunda entrevista, ela retoma um aspecto da primeira - abaixo identificada como (a) - e afirma ter se dado conta de que havia uma contradição sem saída (b):

(a)

(E) Não, eu acho que só isso, às vezes, a gente pensa assim, não é bom, namorar com homem casado, não dá, porque vai querer que ele se separe pra casar com você e tal... Em alguns momentos, eu até quis que ele se separasse pra casar comigo, em outros momentos eu tinha claro que não era isso que eu queria (Hum-hum...), não queria eu tar casada com ele (Hum-hum...), não tinha exigência dele... que ele largasse a mulher dele... tinha exigência de um relacionamento mais próximo do que aquele que estava acontecendo (Hum-hum...), e que se isso fosse possível naquele momento, ele podia continuar com a mulher dele e eu ficaria numa boa...

(D) Mas, não foi possível... - né? - naquele momento?

(E) Mas, não foi possível. (Assim... em termos só de conjectura, você acha...) Então não é sempre que o que você quer: "Ah, eu quero que você se separe". Não. Teve um momento de minha vida, que eu nem queria que ele se separasse, não queria casar, não queria nada, eu só queria uma pessoa mais próxima de mim.

(D) Uma pessoa que... dividida... poderia ter essa proximidade que você desejava? Assim, você falando hoje - não tou falando daquele momento que você pensava isso, mas, tou dizendo hoje - você considera possível?

(E) Considero.

(D) Considera? Mesmo se dividindo, ele dar mais atenção e suprir essa... essa...

(E) Considero. (06/SP XXXIII<sub>4</sub>)

(b)

(E) ... outra coisa que ficou na minha cabeça, que ficou como uma contradição mesmo, que você pegou a semana passada, é assim: que uma hora eu falo que eu acho que não é possível gostar de duas pessoas ao mesmo tempo, e eu acho que não é possível... (interrupção)

(D) E fica como uma contradição?

(E) E que fica como uma contradição com outro momento que eu falo que eu viveria como amante, tranquilamente, por, sei lá quanto tempo -

entendeu? - e viveria mesmo. Dependendo da relação, acho que poderia levar por muitos e muitos anos. Então, não sei...

(D) Quer dizer, a contradição, você não sabe como é que... (Que se resolve?) que ela se resolve, né?

(E) É realmente, não sei. Não sei. (06/SP XLII<sub>10</sub>)

Em segundo lugar, trago o fato de a parte da análise feita sobre Márcia não se enquadrar na posição, quer do desacreditado, quer do desacreditável, como suporte para defender que não seja o ocultamento algo que tenha tão acentuado refluxo negativo sobre o relacionamento amoroso no seu caso. Se o efeito da revelação a atinge da mesma forma que às outras duas entrevistadas, o efeito do ocultamento distancia as vivências, em comparação, quanto aos seus aspectos negativos. E, muito provavelmente, por não ser vivido da mesma maneira. Márcia não senta na poltrona do desacreditável que lhe oferecem, por vezes. Tomando por referência o caso que explicitou, já citado, aproveitava dos momentos de exposição no sentido do que lhe proporcionavam o prestígio advindo de tal companhia, já que o relacionamento não era sem incursões naquela parte do espaço público em que somente encontravam estranhos:

É (Hum-hum...). Eu me sentia muito bem em tar saindo com ele, muito bem. Eu não fazia questão de esconder de ninguém. Aliás, a minha mãe percebeu. (06/SP LXVI<sub>1</sub>)

Todavia, isso não fecha a questão, servindo como elemento para reflexões posteriores ao desenvolvimento desta pesquisa. Creio, no entanto, que não derruba a defesa de que a revelação age como força construtiva da consolidação de um relacionamento amoroso para a parceira amorosa. A segunda parte da afirmação que trata do refluxo do ocultamento sobre o próprio relacionamento amoroso é que fica a requerer mais elementos para sua análise. Mas é possível, também, pensar em relacionamentos amorosos que nem morrem nem tampouco se desenvolvem, que permanecem aprisionados num estado inercial, sujeitos à influência dessa restrição, entre outros fatores. Na história de Márcia, a assimetria existente em seus relacionamentos significativos com homens casados não é apontada como fator desestruturante, mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, os relacionamentos se tornam insatisfatórios e a esperança acaba, mesmo que neles continue.

Indo à frente no acompanhamento do conteúdo das vivências de Márcia, como forma de pensar sobre os elementos que compõem, possivelmente, o lastro do que está analisado acima:

- (E) Ah! Eu ficaria... eu ficaria... eu fiquei, esses relacionamentos duraram (...) anos cada um...
- (D) Hum-hum... Mesmo você julgando insatisfatório?
- (E) Mesmo sendo muito insatisfatório.
- (D) Qual seria, a seu ver, assim, a razão, o móvel de você, mesmo sendo insatisfatório, você continuar com o relacionamento?
- (E) ... .. Olha, são muitos... Primeiro eu acho que é você gostar - né? - e eu acho que você acaba...



criando uma teimosia, uma esperança de que talvez aquilo dê certo, que talvez aquilo um dia se defina, talvez as coisas mudem, talvez o cara passe a viver com você, né? Eu acho que é uma das coisas. A outra coisa, que sem dúvida nenhuma conta, é o fato de estar sozinha (Hum-hum...), de não ter... de estar... de, por exemplo, de não ter nenhum outra perspectiva, além daquele relacionamento (Hum-hum...) - né? - então não tem muito porque acabar (Hum-hum...). Mas, eu acho que é mais essa coisa de... de você gostar e de você insistir, embora sabendo que as chances de dar certo são muito pequenas. (06/SP XIV<sub>22</sub>)

O lidar com a própria solidão é uma tarefa que requer um percurso de amadurecimento pessoal que construa um self amadurecido. Entendo ser isto, inclusive, um pré-requisito para que o relacionamento se assente igualmente na alteridade e não apenas no caráter narcísico, ali presente também. Sem o caráter fusional de um relacionamento com selves imaturos, os rompimentos não acarretarão o sentimento de perda do sentido de vida, como é possível acontecer na situação de imaturidade. A capacidade para estar só pode ser, assim, uma preparação necessária para o estar (só) com o outro, na(s) in(ter)dependência(s).

Anteriormente, expressei, sobre o caso do relacionamento amoroso criativo, o pensamento de que as possibilidades das duas pessoas funcionarem no espaço potencial em uma relação de amor são da mesma ordem, na medida em que ele pressupõe a maturidade em termos de selves, base de uma mutualidade “entre pares”. Evidentemente, não estou desconhecendo a distância entre a realidade abstrata, teórica, e a sua manifestação concreta, fenomênica, pois senão, nem teria sentido escrever

uma tese sobre o amor, à proporção que haveria de negá-lo, por não existir possibilidade de encontrá-lo na realidade daquela forma. Mas, não é o caso. E são as experiências imperfeitas - com salpicos de perfeição - de todos nós que servem de base para a crença na sua existência.

É importante considerar outros elementos para que seja compreendida melhor a posição de Márcia na sua história de vida amorosa. O realce dado à dimensão lúdica do relacionamento amoroso reforça em tom mais intenso o que foi dito pelas outras entrevistadas. Sendo muito interessante a relação que estabelece entre a questão da verdade, a brincadeira e a intimidade, reforçando e ampliando o que já foi discutido anteriormente com Cristina e Ana Lúcia, a entrevistada, ora em foco, frisa que esses aspectos acontecem somente nos bons relacionamentos:

- (D) O que que é... se sentir verdadeiro na relação com o outro? Você... quando é que você se sente mais verdadeira, quando é que você sente o outro mais verdadeiro com você? Tudo isso, de certa forma, com o amor como sendo o conteúdo.
- (E) Eu acho que quando eu tou à vontade (Hum-hum...). E é engraçado, inclui muita a brincadeira. Eu acho que quando, eu... eu por exemplo, quando eu tou brincando, que eu tou muito... é porque eu tou muito à vontade com alguém (Hum-hum...). E daí eu tou sendo muito verdadeira, não tou escondendo nada. O humor no relacionamento, quando ele tem espaço pra acontecer, quando ele tem espaço pra existir, eu acho que é um momento muito verdadeiro (Hum-hum...), de muita intimidade. Tem uma coisa do relac.... de alguns relacionamentos que eu tinha e tenho, que é a intimidade (Hum-hum...). E trepar não significa ter intimidade (Hum-hum...), de forma nenhuma (Hum-hum...) - né? - é muito diferente, transar

com alguém (Muito interessante, você trouxe essa questão...) e ser íntimo de alguém (Essa questão é bem interessante...) e a intimidade é que é o momento verdadeiro. (06/SP XXIV<sub>9</sub>)

- (E) É. Me ocorreu... eu nunca tinha pensando nisso, "Qual é o momento da verdade?", mas eu acho que o momento da brincadeira, sem dúvida, é o momento da verdade.
- (D) E... e isso era comum acontecer nos seus relacionamentos amorosos?
- (E) É. Nos bons, né?
- (...)
- (E) Mas todos, inclusive, não só falando de relacionamentos ilícitos - né? - quando eu tinha esse meu namorado, que foi meu primeiro namorado, com quem eu namorei durante oito anos, a gente brincava muito, muito, muito. E tinha brincadeiras, que eu fazia só com ele e que nunca mais eu fiz, depois que a gente se separou (Hum-hum...). Isso é muito interessante, né?
- (D) É... Quer dizer, era algo que só existia com os dois?
- (E) Só entre nós dois. Só. Só. (06/SP XXVI<sub>8</sub>)

A intimidade e a brincadeira superpõem-se, equivalendo ao momento da verdade para Márcia. Há, no entanto, uma sutil diferença quando fala da brincadeira, como elemento presente em todos os bons relacionamentos, e da intimidade que, na sua fala, surge como elemento presente de forma diferente no casamento e em relacionamentos ilícitos. No primeiro caso, diz haver um maior envolvimento que institui a verdadeira intimidade, enquanto no segundo considera haver momentos de intimidade:

- (E) É. Mas então... mas isso só o casamento propicia (Hum-hum...). Então, ao mesmo tempo que o

casamento deve trazer situações muito desagradáveis - você está insatisfeito com uma pessoa e mora com ela, muitas vezes - mas o casamento também propicia situações de intimidade, que só quem vive junto que passa por ela, mesmo, não tem um...

- (D) (ininteligível)
- (E) Não, nesse sentido não. Você pode ter alguns momentos de intimidade, mas você não acompanha uma pessoa intimamente (Hum-hum...). Então... tudo bem, é muito gostoso você encontrar com um cara pra sair ele tá bem arrumado, cheiroso, de banho tomado, e vocês : "Vamos dançar!". Tudo bem, é uma delícia. Mas, em absoluto, não é suficiente de jeito nenhum. Se o relacionamento se aprofunda, não é... num... não pode ser só isso (Hum-hum...). Você tem que ter espaço pras outras coisas. (06/SP LVIII<sub>1</sub>)

Gilberto Safra<sup>62</sup>, ao apresentar a relação entre intimidade e processo maturacional, demarca o conceito de intimidade: "Penso ser importante que o termo intimidade seja preservado para utilização nas situações em que a complexidade madura da relação com o outro se dá na área do privado." E, ao falar sobre o tema, ressalta a existência do outro como outro, aspecto fundamental, a meu ver, na consideração do relacionamento amoroso criativo. Como bem expressa :

Esse registro de experiência [do privado] só pode surgir a partir da ação criativa do self em momento tardio do processo maturacional. O indivíduo precisa ter conquistado um sentido de unidade, decorrente da integração, ter atravessado a realidade subjetiva e transicional em direção à compartilhada e poder não só se relacionar com o outro, mas usar o outro. (p. 2).

---

<sup>62</sup> "Intimidade e processo maturacional". Trabalho apresentado no IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de Winnicott, Rio de Janeiro, 20 a 22 de outubro de 2000.

Fica evidente no discurso de Márcia que ser amante lhe trouxe positivas vivências em termos de amor, sendo, inicialmente, inclusive, uma posição carregada de fascínio. Mas, inegavelmente, está presente no seu discurso a expressão também de que os relacionamentos ficavam estreitados em limites que impediam o atendimento de suas necessidades afetivas. Ainda que ela julgasse que seria possível uma solução sem a separação do casal, há contradições que evidenciam a dificuldade de tal caminho:

É. Não precisava necessariamente casar com fulano. Eu tava insatisfeita, porque dentro deste relacionamento já limitado, dentro dessas limitações, a atenção que eu tinha era menor do que a que eu queria ou precisava (Hum-hum...). Agora eu poderia, perfeitamente, se eu recebesse a atenção que me era suficiente, continuar assim, e satisfeita com isso (Hum-hum...), por dez, vinte anos, sei lá. (06/SP XXIX<sub>18</sub>)

... na verdade, uma das coisas que eu falei pra ele uma vez foi isso, e eu não tava mentindo, era verdade, eu não fazia questão que ele separasse da mulher dele pra viver comigo (Hum-hum...). Realmente eu não fazia, mas eu queria ele mais presente do que ele estava sendo. (Sei...) Então, a minha insatisfação, não era porque ele tava casado (Hum-hum...), era porque comigo ele não tava me dando o tanto que eu gostaria (Hum-hum...) - né? - mesmo ele permanecendo casado. E uma das coisas que aconteceu foi isso, eu queria ter um filho. Em momento nenhum... não pude. (06/SP XXXI<sub>5</sub>)

... e uma noite, nós saímos, eu falei pra ele, eu falei: "Olha, eu... eu não preciso casar com você. Eu não quero casar com você. Eu só queria que você fosse mais presente, mais constante... que pudesse contar com você... pode ficar com tua mulher. Isto não me incomoda, mas eu... o que me incomoda é que você me dá muito pouco... até pra quem é amante é muito pouco. Se você fosse um amante mais inteiro, pra mim

taria bom, eu não precisaria de mais do que isso."  
(06/SP L<sub>18</sub>)

Comte-Sponville (1997) faz-se lembrado, de novo, pela retomada da reflexão sobre o Amor apresentar-se em três gradações: Ágape, Eros e Philia. Pois, Márcia trouxe elementos de Eros e Philia quando se referiu aos seus relacionamentos significativos. E, no entanto, ainda havia necessidade de algo mais para que ela sentisse que existia para o outro. 'Ser cuidada' surge representado no 'ser presenteada'. Isto, que não lhe ocorria, seria uma forma de sentir que era percebida pelo outro nos seus desejos e na sua maneira de ser "... eu queria, na verdade, o que eu queria, era que ele tomasse a iniciativa, (Sei... ) de dizer: "Puxa, tal coisa é bonita, eu vou levar". Entendeu?' (06/SP XL<sub>19</sub>)

## Veredas

Seguindo elementos que emergiram na análise, mas que não integram o que foi analisado atrás, quero, rapidamente, percorrer três pequenas veredas antes de finalizar o estudo. São estes aspectos a comentar: a simultaneidade no relacionamento amoroso, a continuidade do cotidiano e as diferenças de gênero com relação à forma de vivenciar o relacionamento amoroso.

Pronunciando-se sobre a simultaneidade de parceiro amoroso na vida delas, as três entrevistadas posicionaram-se igualmente sobre ser requerida a opção interna por um único relacionamento à proporção que ele fosse aprofundado. Ou seja, consideraram impossível um envolvimento pleno, inteiro, acontecer com duas pessoas ao mesmo tempo. O que falam revela que, para elas, o envolvimento profundo conta com Eros e é exclusivista, não permite simultaneidade. Pode acontecer apenas transitoriamente, pois a paixão não dá conta de dois objetos de amor. Todo relacionamento profundo, mesmo que tenha tido uma paixão conseqüente num amor fora da intensidade do estado de paixão, não existe sem tal componente.

Entretanto, há variações na questão e vale a pena registrá-las. Para uma das entrevistadas, a relação sexual é algo muito precioso e não pode existir fora de uma forma compromissada de estar com o outro. Por isso, a simultaneidade não acontece, simplesmente, como uma possibilidade para si. Para outra, a existência de prazer sexual em dois relacionamentos simultâneos serviu-lhe como uma descoberta imprevisível de si. Mas, a partir de um certo momento, levar isso adiante tornou-se impossível. Ao fazer uma opção interna pelo amante, houve uma re-elaboração da relação com o marido: este passou a ser apreendido como um irmão e ela já não conseguia transar com ele. Para a terceira das entrevistadas, a fidelidade é, claramente, uma questão de envolvimento e não de ética. Não há sentimento de culpa se acontecer de viver dois

relacionamentos ao mesmo tempo, mas, isso simplesmente passa a não existir por não surgir o desejo.

Quando a simultaneidade referida situava-se no parceiro que tinha sua esposa, houve uma posição comum entre as entrevistadas. As três apreendem a realidade daqueles relacionamentos amorosos como impregnada de afeto sem erotismo. Esteve presente nos três discursos a imagem que havia de um relacionamento desapaixonado entre os maridos e suas esposas. E isso era um elemento importante para que elas pudessem manter a ligação com eles. Ocupar o espaço da sexualidade levada com satisfação, desempenhar de certa forma a função de fornecer tal experiência ao parceiro chega a ser comentário de duas delas.

A segunda questão traz uma área de desgaste para a mulher que vive um relacionamento amoroso com um homem casado: o ciúme do cotidiano dele com a esposa, cotidiano que semeia uma cumplicidade, um companheirismo entre o casal que machuca a amante, por reconhecer ali a solidez de um afeto que a continuidade do relacionamento permite acontecer. Todas as entrevistadas reportaram a dor sentida face a essa realidade vivida e o desejo de compartilhar com os parceiros do mesmo tipo de ligação.

A última questão, a de diferenças de gênero no tocante à forma de sentir e viver o amor, também aflora nas falas das entrevistadas. De forma entrelaçada, comentarei, rapidamente, os aspectos ali contidos:



Os homens são mais resistentes à mudança, mais fortemente fixados no instituído. Eles mantêm um vínculo erótico após o rompimento do relacionamento, o que não acontece com a parceira que conserva o carinho, apenas. Para o homem, parece não haver a dificuldade que há para a mulher no ocultamento do relacionamento amoroso, talvez porque eles preservem mais as outras áreas de suas vidas. Segundo uma das entrevistadas:

... eu acho que é diferente! Engraçado, eu percebo assim que a... as mulheres e o relacionamento amoroso ocupam um espaço na vida do homem, às vezes maior, às vezes menor, às vezes mais importante, às vezes menos. É mais freqüente a mulher ser tomada pelo relacionamento amoroso (Hum-hum...). Então, **no caso da mulher, não é que o relacionamento amoroso ocupe um espaço, ele é a vida dela (Hum-hum...), né?** Isso é terrível, mas freqüentemente isso acontece, eu acho.  
(06/SP LXI<sub>13</sub>)

Nome do arquivo: G 97-165 2-1 andancas e sentimentos  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: 2  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 12/11/2000 15:29  
Número de alterações: 2  
Última gravação: 12/11/2000 15:29  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 0 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:02  
Como a última impressão  
Número de páginas: 69  
Número de palavras: 15.941 (aprox.)  
Número de caracteres: 90.866 (aprox.)

### III – NOS ESPAÇOS DA VIDA

Após percorrer o mapa das andanças e sentimentos vividos e narrados pelas entrevistadas, chego ao final da jornada. É importante destacar que não está em análise a instituição casamento, conquanto integre o discurso das entrevistas e seja parte da discussão realizada. Compreender os impasses e dificuldades das soluções atuais de relacionamento como modelos está fora do escopo e das possibilidades deste trabalho.

Para encerrar, alinho as conclusões e considerações a seguir, que se enquadram no que é chamado de generalização analítica<sup>63</sup> por Yin<sup>64</sup>, citado por Strey (1998):

- a revelação, de forma ampla, da existência de um relacionamento amoroso integra o desenvolvimento da parceira amorosa, compõe o seu processo de amadurecimento pessoal; a publicização irá ao encontro

---

<sup>63</sup> Significando articulação dos dados com a teoria proposta.

<sup>64</sup> YIN, Robert. Case study research: design and methods. Newbury Park: Sage Publications, 1989.

do não falseamento de vida social da pessoa, a fazer parte de sua integridade psicológica, assentada na espontaneidade e liberdade de ser e fazer; em outras palavras, "a revelação da existência do relacionamento amoroso – a sua publicização – angaria ganhos psicológicos para a parceira amorosa que vão além dos efeitos de liberação da tensão do ocultamento, pura e simplesmente; seus resultados são parte integrante do seu processo de amadurecimento pessoal e, por isso, há um refluxo sobre o próprio relacionamento amoroso";

- o que é mais significativamente apreendido como Amor entre um homem e uma mulher agrega elementos de Eros e Philia;
- Amor é comunicação; sentir-se verdadeira no relacionamento amoroso é estar em comunicação intermediária e pessoal e silenciosa, no sentido adotado por Winnicott;
- o humor e a brincadeira são elementos fundamentais no relacionamento amoroso significativo e isso requer uma atuação segundo o verdadeiro-self;
- para as entrevistadas, há diferenças na forma de viver o amor entre homens e mulheres.

São ricas as potencialidades teóricas entrevistadas na articulação entre o conceito de self e as modalidades de amor - Ágape, Eros e Philia, incluindo-se a questão dos tipos de comunicação segundo Winnicott, o que recai na relação entre o processo de amadurecimento pessoal e a experiência do amor entre um homem e uma mulher. Desta forma, o trabalho apenas inicia uma nova etapa que dará continuidade à busca de compreensão do ser humano.

Considero estar trazendo uma contribuição para a sempre atual discussão sobre o relacionamento amoroso heterossexual, tomado aqui do ponto de vista da mulher, e para o estudo da articulação de alguns conceitos teóricos em psicologia utilizados na análise. Além disso, acredito na possibilidade heurística do trabalho, no sentido de abrir espaço para novas pesquisas em que a criatividade no desenvolvimento pessoal, no enquadre da vida cotidiana, leve a novas buscas teórico-metodológicas no trabalho da psicologia, no campo da promoção da saúde.

Nome do arquivo: H 166-168 III - nos espacos da vida  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 23/10/2000 17:18  
Número de alterações: 17  
Última gravação: 12/11/2000 18:49  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 26 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:03  
Como a última impressão  
Número de páginas: 3  
Número de palavras: 409 (aprox.)  
Número de caracteres: 2.332 (aprox.)

## ANEXO

## Perfil das colaboradoras - solicitação e instruções

São Paulo, 09 de março de 1998

Caro(a) colega,

Solicito sua ajuda na indicação de possíveis colaboradoras para o desenvolvimento da minha pesquisa de doutoramento. Se puder fazê-lo, depois de tomar conhecimento abaixo das características do trabalho, há, por enquanto, duas possibilidades de contato para uma resposta: 1) Telefone celular 9 (084) 982-9861, à noite; e 2) Email provisório: <denisedantas@hotmail.com>.

Agradeço, antecipadamente, o apoio, para mim decisivo, dada a particularidade de situar-se o estudo numa interface da psicologia clínica com a psicologia social, o que traz algumas dificuldades de acesso à matéria-prima para a análise proposta, por se entrar no âmbito da cotidianidade, com pessoas que não constituem, caracteristicamente, uma demanda terapêutica.

Atenciosamente,

Denise Dantas

### O AMOR NO FEMININO: OCULTAMENTO E/OU REVELAÇÃO?

Pesquisa desenvolvida por Denise Ramalho Dantas de Araújo, professora lotada no DEPSI/CCHLA/UFRN, como base para o seu doutoramento em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do IPUSP, sob orientação do Prof. Dr. Gilberto Safra.

Temática: O relacionamento amoroso heterossexual  
(pólo feminino)

Técnica de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas (histórias de vida). Serão, necessariamente, feitas de forma reservada, havendo o compromisso no sentido de ser mantida a não-identificação das entrevistadas. Poderá ser necessário realizar mais de uma entrevista por colaboradora.

OBSERVAÇÃO: No contato com as pessoas indicadas para saber de sua disponibilidade, a pesquisadora citará a fonte da indicação. Será solicitado da pessoa que indicar uma possível colaboradora sua concordância quanto ao sigilo dos nomes das colaboradoras que fornecer. Embora seja impossível garantir que a participação seja desconhecida de todos, dado haver uma indicação feita, a colaboradora terá preservado o caráter confidencial do conteúdo das entrevistas em relação a toda e qualquer pessoa.

(segue no verso)



**ATENÇÃO:** Daqui por diante, a caracterização deve ficar reservada ao conhecimento da pessoa que indicar a colaboradora, que não deverá ser informada dos aspectos relacionados a seguir:

Perfil das colaboradoras:

Sexo: Feminino

Idade: Aproximadamente entre 30 e 50 anos

Localização social: Classe média

Estado civil: Qualquer estado civil atual, devendo ter (ou ter tido) experiência de relacionamento amoroso não integrado à sua vida social como um todo. Isto significa toda e qualquer situação de vida em que a mulher não transite livremente \_ ou seja, em que haja algum tipo qualquer de constrangimento ou pressão - entre as esferas de vida pública e privada, no tocante ao relacionamento amoroso vivido.

Questões de interesse: Como esta vivência repercute no sentimento de identidade da pessoa envolvida? Como se reflete no próprio sentimento amoroso? etc.

**PARA UMA RESPOSTA:**

---

Indicação de possíveis colaboradoras feita por:

.....  
 .....

---

Nome da possível colaboradora

Telefone

01 .....

02

03

Nome do arquivo: I 169-171 anexo  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 23/10/2000 17:21  
Número de alterações: 6  
Última gravação: 8/11/2000 17:51  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 39 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:04  
Como a última impressão  
Número de páginas: 3  
Número de palavras: 502 (aprox.)  
Número de caracteres: 2.864 (aprox.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERONI, Francesco. Enamoramento e Amor. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. O Erotismo. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1902-1987). A vida passada a limpo. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ARENDT, Hanna. A condição humana. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARRETO, Roberto Menna. Criatividade em propaganda. 3. ed. São Paulo: Summus, 1982.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BORGES, Jorge Luís. Cinco Visões Pessoais. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1996.

CHADWICK, Whitney C.; COURTRIVON, Isabelle de. Amor & Arte: duplas amorosas e criatividade artística. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

CIAMPA, Antonio da Costa. A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

- COMTE-SPONVILLE, André. Pequeno tratado das grandes virtudes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COSTA, Jurandir, Freire. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DANTAS DE ARAÚJO, D. R. O eco de uma interpretação. Estudos de Psicologia, UFRN, Natal (RN), 3 (1): 159-163, jan/jun, 1998.
- \_\_\_\_\_. Os significados de público e privado entre alunos, professores e funcionários da UFRN. Natal, 1993. 131p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, David. Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- DE BRUYNE, P.; HERMAN, J.; DE SCHOUTHEETE, M. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, [19- -].
- DESLANDES, Suely F.; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FISCHER, Helen E. Anatomia do Amor: a história natural da monogamia, o adultério e do divórcio. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.
- FRANCISCO, Bruno Salésio da Silva. Verdadeiro e Falso-Self: aproximações metapsicológicas. In: MELLO FILHO, Júlio de; SILVA, Anna Lúcia Melgaço Leal. Winnicott: 24 anos depois. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p.187-197.
- FREUD, Sigmund. (1905). Três Ensaio sobre a Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 117-230.
- \_\_\_\_\_. (1925). Algumas conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 309-320.
- \_\_\_\_\_. (1932). Feminilidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.139-165.
- GOFFMANN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HERRMANN, Fabio. *O Divã a Passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- KEHL, Maria Rita. *A mulher e a lei*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 261-274.
- KHAN, M. Masud R. *Prefácio*. In: WINNICOTT, Donald W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993, p. 7-61.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Debates).
- KUNDERA, Milan. *A Insustentável leveza do Ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LÁZARO, André. *Amor: Do mito ao mercado*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996.
- LOPARIC, Zeljko. *A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal*. *Infante Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, ISCMSP, São Paulo (SP), 7 (supl.1): 1, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Atlas, 1990.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos*. São Paulo: Moraes / EDUC, 1989.
- MELLO FILHO, Julio de. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MINAYO, M. C de Souza. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 5. ed. São Paulo, HUCITEC / Rio de Janeiro, ABRASCO, 1998.
- MIOTO, Regina Célia Tamasso. *Famílias de jovens que tentam suicídio*. Campinas [SP : s.n.], 1994. 283p. Tese (Doutorado), Unicamp.

- MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- PLATÃO. Diálogos. Tradução Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-]. p. 75-127: Banquete.
- REZENDE, Antonio Muniz de. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, Maria Emílio Lino da (coord.). Investigação e Psicanálise. Campinas, SP: Papirus, 1993, p.103-118.
- ROUGEMONT, Denis de. O Amor e o Ocidente. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SAFRA, Gilberto. Momentos mutativos em psicanálise: uma visão winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- \_\_\_\_\_. O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: SILVA, Maria Emílio Lino da (coord.). Investigação e Psicanálise. Campinas, SP: Papirus, 1993, p.119-132.
- \_\_\_\_\_. Religiosidade e acontecer humano. Temas em Psicologia, SBP, São Paulo, s.d. [No prelo]
- SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo; a imaginação; questão de método. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
- SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.
- SILVA, Maria Emílio Lino da. Pensar em psicanálise. In: SILVA, Maria Emílio Lino da (coord.). Investigação e Psicanálise. Campinas, SP: Papirus, 1993, p. 11-25.
- STREY, Marlene Neves... [et al.]. Psicologia social contemporânea: livro texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- TÁVOLA, Artur da. Amor a sim mesmo: crônicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- TORRANCE, Ellis Paul. Criatividade: medidas, testes e avaliações. São Paulo: Ibrasa, 1976.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.
- WINNICOTT, Clare. D.W.W.: Uma reflexão. In: WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (orgs.). Explorações

Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p. 1-13.

WINNICOTT, Donald W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 13-44.

\_\_\_\_\_. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 31-37.

\_\_\_\_\_. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self". In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 128-139.

\_\_\_\_\_. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 163-174.

\_\_\_\_\_. (1964). O conceito de falso self. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 51-61.

\_\_\_\_\_. (1967a). A localização da experiência cultural. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 133-143.

\_\_\_\_\_. (1967b). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 153-162.

\_\_\_\_\_. (1969). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 121-131.

\_\_\_\_\_. (1971a). A criatividade e suas origens. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 95-120.

\_\_\_\_\_. (1971b). O brincar: a atividade criativa e a busca do Eu (Self). In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 79-93.

\_\_\_\_\_. (1971c). O lugar em que vivemos. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 145-152.

Nome do arquivo: J 172-176 - referencias bibliograficas  
Pasta: A:  
Modelo: C:\Documents and Settings\cliente\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot  
Título: DENISE RAMALHO DANTAS DE ARAÚJO  
Assunto:  
Autor: .  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 23/10/2000 17:22  
Número de alterações: 78  
Última gravação: 11/12/2000 12:12  
Gravado por: .  
Tempo total de edição: 123 Minutos  
Última impressão: 28/1/2001 13:04  
Como a última impressão  
Número de páginas: 5  
Número de palavras: 1.280 (aprox.)  
Número de caracteres: 7.296 (aprox.)